

Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto

**COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:  
CONCEITOS E MÉTODOS COMPORTAMENTAIS NO ESTUDO DO  
AUTOCLÍTICO LEXICAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Elizeu Borloti.

Vitória  
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

B172c Balbi Neto, Rafael Rubens de Queiroz, 1982-  
Comunicação e linguagem nas relações interpessoais:  
conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical / Rafael  
Rubens de Queiroz Balbi Neto. – 2016.  
205 f. : il.

Orientador: Elizeu Borloti.  
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo,  
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Comunicação. 2. Linguagem. 3. Habilidades sociais. 4. Comportamento verbal.  
5. Relações humanas. I. Borloti, Elizeu Batista. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

**COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:  
CONCEITOS E MÉTODOS COMPORTAMENTAIS NO ESTUDO DO  
AUTOCLÍTICO LEXICAL**

**RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016, por:

---

Prof. Dr. Elizeu Borloti, Orientador, UFES

---

Prof. Dra. Mariane Lima de Souza, UFES

---

Prof. Dra. Rosana Suemi Tokumaru, UFES

---

Prof. Dra. Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, UNITAU

---

Prof. Dra. Verônica Bender Haydu, UEL

Dedico este trabalho a Deus que me proporcionou, por intermédio das pessoas e instituições, esta tese e o curso de doutorado. Creio que Ele tem me acompanhado incondicionalmente em todas as minhas realizações profissionais e pessoais.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Elizeu Borloti, meu orientador, pela dedicação em minha formação acadêmica, profissional, científica e pessoal.

Às professoras Mariane Lima de Souza, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, Rosana Suemi Tokumaru e Verônica Bender Haydu, membros das bancas examinadoras, pela atenção, dedicação e colaboração na produção deste trabalho. Em especial a Maria Julia Xavier Ribeiro pela motivação na produção desta tese desde sua elaboração inicial.

Aos professores, Alexsandro Luiz de Andrade, Paulo Rogerio Meira Menandro, Maria Martha Costa Hübner, Valeschka Martins Guerra, e Zilda Aparecida Pereira Del Prette, e aos colegas de formação, Alex Roberto Machado, Aparecida Da Penha Andrade, Caroline de Paula Corrêa Bezerra, Claudinei Pereira Gonçalves, Luciana Chequer Saraiva Messa, Luciano de Sousa Cunha, pelas ideias ao longo da minha formação e pelas sugestões na produção deste trabalho.

Aos graduandos de psicologia e futuros colegas de profissão que auxiliaram neste trabalho, na realização da aplicação de instrumentos e da transcrição dos discursos, Charleni Andrade Lopes, Renata Aparecida Bressamini, Thiago Sacramento da Silva.

Aos representantes de instituições pelas quais estive no período do doutorado, Aldinéa Gomes de Mello Coutinho, Cleilson Teobaldo dos Reis, Christiane Furlan Ronchete, Daniel Delvano S. Cunha, Janayna Araújo Costa Pinheiro, que de alguma forma colaboraram como minha formação ou produção desta tese.

À Priscilla Rosa Frigini, minha esposa, pelo carinho, cuidado, dedicação e amor.

Aos meus familiares, Antonieta Espinosa Balbi, Fernando Ruy, Rafael Rubens de Queiroz Balbi Junior, Rose Mary Ruy Balbi, Fernando Estevam Bravin Ruy, Juliana Ruy Balbi e Deuzi Caetano da Silva Vimercati, pelos constantes incentivos e preocupações com os trabalhos no doutorado.

Aos meus amigos, Alexandra Rangel de Brito, Adriana Cypreste dos Santos, Christiane Furlan Ronchete, Cinara Regina Damiani de Matos, Cybele Mendonça Ribeiro Batista, Débora Rigamonti Gomes Cruz Freire, Eduardo Felix da Silva, Emerson Maran da Cunha, Hygoor Jorge Cruz Freire, Jairo I. R. Navarro Junior, Janine dos Santos Carneiro, Laisa Barroso Ribeiro, Laís Maria Q. Palestino, e Luiz José Marini Silva, Mary Ellen Pereira Pinto, Renata Martins Quintas, Uélide Roberto da Silva Junior pela motivação e compreensão com os trabalhos que tive no doutorado.

*Construa um modo de vida no qual as pessoas vivam juntas sem  
brigar, num clima social de confiança ao invés de suspeita, de  
amor ao invés de ciúme, de cooperação ao invés de competição.*

B. F. Skinner

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. ARTIGO 1.....</b>	<b>21</b>
2.1. Método.....	28
2.2. Resultado.....	29
2.3. Discussão.....	36
2.4. Conclusão.....	66
2.5. Referências.....	67
<b>3. ARTIGO 2.....</b>	<b>72</b>
3.1. Proposta de Classificação de Autoclíticos.....	88
3.2. Casos especiais.....	103
3.3. Exemplo de aplicação do método.....	104
3.4. Conclusão.....	108
3.5. Referências.....	108
<b>4. ARTIGO 3.....</b>	<b>112</b>
4.1. Método.....	123
4.2. Resultados e Discussão.....	132
4.3. Conclusão.....	147
4.4. Referências.....	149
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>151</b>
<b>6. APÊNDICE.....</b>	<b>154</b>
<b>7. ANEXO .....</b>	<b>194</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>196</b>

Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e Linguagem nas relações interpessoais: conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

## RESUMO

No foco da prática do Treinamento de Habilidades Sociais (THS), os repertórios interpessoais são analisados por suas consequências reforçadoras: no longo prazo são classificados como assertivo; no curto prazo, agressivo ou passivo, conforme as propriedades definidas pela cultura. Esta classificação também é aplicada ao comportamento de comunicação (idiomática ou não), que tem como produto estímulo para outro comportamento, verbal ou não. A análise skinneriana do comportamento verbal avança a interpretação e a explicação funcional dos determinantes da comunicação humana, incluindo os elementos autoclíticos desses repertórios interpessoais. Todavia, pesquisas sobre autoclítico apresentam limitações de alcance e impacto, já que é difícil reconhecer a função das suas variações topográficas. Contribuindo com a perspectiva comportamental do THS, a tese defendida aqui é que na comunicação verbal vocal idiomática os autoclíticos alteram os operantes básicos de tal forma que proporcionam ao ouvinte condições mais prováveis de o falante obter consequências reforçadoras, positivas ou negativas. Sua defesa se faz com três estudos inter-relacionados, com os objetivos de: (a) descrever as diferentes topografias da resposta do comportamento humano de comunicação, propondo taxonomia; (b) apresentar método de classificação de autoclíticos gramaticais idiomáticos lexicais, com base na classificação gramatical da língua portuguesa, ilustrando sua aplicação com transcrição de verbalizações; e (c) analisar os processos autoclíticos idiomáticos lexicais em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivo de pessoas adultas. Os métodos para isto foram, respectivamente: (a) revisão de literatura sobre termos-tema e elaboração de critérios (*táxons*) de classificação das repostas de comunicação; (b) auto-observação da análise funcional de transcrições de discursos na descrição de um método de classificação de autoclíticos; e (c) classificação e análise de autoclíticos nos discursos de 4 participantes-atores (2 de cada sexo) e de 2 interlocutores-confederados (de ambos os sexos) durante a aplicação da Escala de Avaliação da Competência Social – os participantes-atores interpretaram personagens com discurso de repertório predominantemente passivo e agressivo; os interlocutores, assertivo. Os resultados inter-relacionados são: (a) uma



taxonomia da resposta de comunicação com 29 possibilidades de classificação da mesma, com base no contexto de sua ocorrência, no meio em que ela tem efeito e nas suas formas e nas do seu produto; (b) uma proposta metodológica de classificação de autoclíticos gramaticais lexicais com três passos analíticos (Preparação, Classificação e Revisão); e (c) um estudo empírico indicando que: discursos agressivos são mais socialmente competentes do que os passivos, e caracterizados por frequências absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente quantificadores e relacionais); discursos com a propriedade passividade têm porcentagens elevadas de qualificadores ou manipulativos; os com assertividade, de quantificadores e relacionais. Descritivos e manipulativos sinalizam incompetência social ou baixa assertividade, pois se apresentam em porcentagens elevadas nos discursos passivo e agressivo; quantificadores sinalizam competência social ou assertividade, pois ocorrem em porcentagens elevadas no discurso assertivo; qualificadores relacionam-se fortemente ao discurso passivo; e relacionais são funcionalmente emitidos na defesa dos direitos, com porcentagens elevadas nos discursos assertivo e agressivo. As três principais conclusões da tese são o estreitamento da interlocução entre analistas do comportamento e estudiosos da comunicação (idiomática e não idiomática), a possibilidade de aumentar a concordância na classificação dos autoclíticos lexicais e a comparação da análise funcional do comportamento verbal autoclítico nos repertórios-foco no THS.

Palavras-chave: Comunicação, Linguagem, Comportamento Verbal, Relações Interpessoais, Habilidades Sociais.

## ABSTRACT

In the focus of the practice of Social Skills Training (SST), the inter-personal repertoires are here analyzed regarding its reinforcing consequences: in the long term, they are classified as assertive; in the short term, as either aggressive or passive, according to culturally defined properties. This classification is also applied to the communication behavior (whether idiomatic or not), which product is stimulus to another, verbal or non-verbal behavior. Skinnerian verbal behavior analysis advances functional interpretation and explanation of human communication determinants, including the autoclitic elements of those repertoires. Nonetheless, researches on autoclitic present both reach- and impact-limitations, considering the difficulty of recognizing the function of its topographic variations. In order to contribute to SST's behavioral approach, the thesis defended here is that in the idiomatic, vocal-verbal communication, autoclitics alter the basic operants so, that they provide the listener with conditions more likely to the speaker to obtain reinforcing consequences, whether positive or negative. The thesis' defense is proceeded through three inter-related studies, with the purposes of: (a) describe the human behavior's different communication-response topographies, proposing a taxonomy thereupon; (b) present a classification method for lexical-idiomatic, grammatical autoclitics, based on the Portuguese language grammatical classification, and illustrating its application with verbalizations transcriptions; and (c) analyze lexical-idiomatic autoclitic processes in adult people's passive, aggressive and assertive, verbal-behavior repertoires. The corresponding methods used were: (a) literature revision about theme-terms with the elaboration of classification criteria (*taxons*) for communication responses; (b) functional analyses of speeches transcriptions, in the description of a classification method for autoclitics; and (c) classification and analysis of autoclitics in the speeches of 4 actors-participants (2 from each sex) and 2 confederated-interlocutors (from both sexes) during the application of the Social-Competency Evaluation Scale – the actors-participants interpret characters with repertoire-speech mostly passive and aggressive; the interlocutors do the assertive. The inter-related data are: (a) a communication-response taxonomy with 29 classification possibilities, based on context of occurrence, on the milieu they are effective, and on their forms, along with form of product; (b) a methodological proposition of lexical-grammatical autoclitics classification with 3 analytical steps (Preparation, Classification, and Revision); and (c) an empirical study showing that: aggressive speeches are socially more competent than passive speeches,

characterized by high autoclitics absolute frequencies (especially quantifying and relational); speeches with the passivity property have high percent rates of quantifying or manipulatives; and assertive speeches, quantifying and relationals. Descriptives and manipulatives indicate social incompetency or low assertiveness, since they appear in high percent rates in passive and aggressive speeches; quantifying indicate social incompetency, or assertiveness, since they occur at high percent rates in the assertive speech; qualifiers are strongly related to passive speech; and relationals are functionally emitted in rights defense, with high rates in assertive and aggressive speeches. The thesis' main conclusions show a closer interlocution between behavior analysts and communication researchers (idiomatic and non-idiomatic), towards a possible consensus around a lexical autoclitics classification, and a verbal-behavior, functional autoclitic-comparison between the repertoires focused in SST.

**Key-words:** Communication, Speech, Verbal Behavior, Inter-personal Relationships, Social Skills.

## RESUMEN

Enfocando la práctica del Entrenamiento de Habilidades Sociales (EHS), los repertorios interpersonales son analizados por sus consecuencias reforzadoras: a largo plazo son clasificados como asertivo; a corto plazo, agresivo o pasivo, conforme las propiedades definidas por la cultura. Esta clasificación también es aplicada a la conducta de comunicación (idiomática o no), que tiene como producto estímulo para otra conducta, verbal o no. El análisis de Skinner de la conducta verbal avanza la interpretación y la explicación funcional de los determinantes de la comunicación humana, incluyendo los elementos autoclíticos de esos repertorios. Todavía, investigaciones sobre autoclíticos presentan limitaciones de alcance e impacto, una vez que es difícil reconocer la función de sus variaciones topográficas. Al contribuir con la perspectiva conductual del EHS, la tesis defendida aquí es que en la comunicación verbal vocal idiomática los autoclíticos alteran los operantes básicos de tal forma que proporcionan al oyente condiciones más probables del hablante lograr consecuencias reforzadoras, positivas o negativas. Su defensa se hace con tres estudios relacionados entre sí, con los objetivos de: (a) describir las diferentes topografías de la respuesta del comportamiento humano de comunicación, proponiendo taxonomía; (b) presentar método de clasificación de autoclíticos gramaticales idiomáticos lexicales, con base en la clasificación gramatical de la lengua portuguesa, ilustrando su aplicación con transcripción de verbalizaciones; y (c) analizar los procesos autoclíticos idiomáticos lexicales en conductas verbales de repertorios pasivos, agresivos y asertivo de personas adultas. Los métodos para eso fueron, respectivamente: (a) revisión de literatura sobre términos-tema y elaboración de criterios (*táxons*) de clasificación de las respuestas de comunicación; (b) auto-observación del análisis funcional de transcripciones de discursos en la descripción de un método de clasificación de autoclíticos; y (c) clasificación y análisis de autoclíticos en los discursos de 4 participantes-actores (2 de cada sexo) y de 2 interlocutores-confederados (de ambos los sexos) durante la aplicación de la Escala de Evaluación de la Competencia Social - los participantes-actores han interpretado personajes con discurso de repertorio predominantemente pasivo y agresivo; los interlocutores, asertivo. Los datos relacionados entre sí son: (a) una taxonomía de la respuesta de comunicación con 29 posibilidades de clasificación de la misma, con base en el contexto de su ocurrencia, en el medio en que ella tiene efecto, y en el contexto de sus formas y en aquel de su producto; (b) una propuesta metodológica de clasificación de autoclíticos gramaticales lexicales con

tres pasos analíticos (Preparación, Clasificación y Revisión); y (c) un estudio empírico para mostrar que: discursos agresivos son más socialmente competentes que los pasivos, y caracterizados por frecuencias absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente cuantificadores y relacionales); discursos con la propiedad pasividad tienen porcentajes elevadas de calificadores o manipulativos; los que tienen asertividad, de cuantificadores y relacionales. Descriptivos y manipulativos señalan incompetencia social o baja asertividad, pues se presentan en porcentajes elevados en los discursos pasivo y agresivo; cuantificadores señalan competencia social o asertividad, pues ocurren en porcentajes elevados en el discurso asertivo; calificadores se relacionan fuertemente al discurso pasivo; y relacionales son funcionalmente emitidos en la defensa de los derechos, con porcentajes elevados en los discursos asertivo y agresivo. Las tres principales conclusiones de la tesis son el estrechamiento de la interlocución entre analistas de la conducta y estudiosos de la comunicación (idiomática y no idiomática), la posibilidad de mejorar el consenso en la clasificación de los autoclíticos lexicales y la comparación del análisis funcional de la conducta verbal autoclítica en los repertorios-foco en el EHS.

**Palabras llave:** Comunicación, Lenguaje, Conducta Verbal, Relaciones Interpersonales, Habilidades Sociales.

## 1. Apresentação

Minha trajetória no campo de estudo das Habilidades Sociais e das Relações Interpessoais começou muito cedo, na participação voluntária em pesquisas e intervenções desenvolvidas durante a graduação, especialmente com o Professor Elizeu Borloti. Na época, ele apresentou-me os livros “Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais” (Caballo, 2003) e “*Verbal Behavior*” (Skinner, 1957). Sobre o primeiro apontou a carência de teoria comportamental, e sobre segundo facilitou grandiosamente o estudo, dada a enorme dificuldade de estudá-lo sozinho. Posteriormente, estudei intervenção em Habilidades Sociais a fim de desenvolver uma proposta de intervenção mais efetiva, culminando na produção do capítulo “Programa de habilidades sociais com evidências de efetividade: menos regra e mais contingência” (Balbi Neto, 2013).

Durante o mestrado, estudei a avaliação de Habilidades Sociais e das Relações Interpessoais com instrumentos psicométrico e projetivo. Em 2010, participei da palestra “O papel dos processos autoclíticos e de autoedição na produção do comportamento assertivo” ministrada pela Professora Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro. Tanto a palestra quanto a professora me estimularam grandiosamente a empreender a entrada no doutorado e elaboração do projeto que gerou esta tese, em especial o terceiro artigo (empírico).

Com isso, no doutorado, planejei estudos para a defesa da tese de que na comunicação verbal vocal idiomática os autoclíticos alteram os operantes básicos de tal forma que proporcionam ao ouvinte condições mais prováveis de o falante obter consequências reforçadoras, positivas ou negativas. Assim, passei a estudar mais, sob orientação do Professor Elizeu Borloti, comunicação e comportamento verbal autoclítico em discursos passivo, agressivo, e assertivo em interação interpessoal, o que nos conduziu

a produzir os dois primeiros artigos, um conceitual e outro metodológico. O primeiro artigo foi fruto da carência de teoria comportamental na área de Comunicação, Linguagem e Habilidades Sociais; o segundo surge devido à grande dificuldade em classificar os autoclíticos lexicais. Após a revisão de literatura, descrita a seguir, notamos a carência de produções sobre autoclíticos em discurso interpessoal, com isso conduzindo a produção do terceiro artigo. De fato, o artigo metodológico surgiu do desafio intelectual da autodescrição do modo como o problema da dificuldade em classificar autoclíticos lexicais foi sendo gradativamente resolvido na produção do terceiro artigo. Dada a minha trajetória na intervenção e no tratamento psicológico, a produção integrada dos artigos sobre o comportamento de comunicação e a metodologia de classificação dos autoclíticos teve como interesse direto os comportamentos-foco do THS no terceiro artigo: agressivo, passivo e assertivo.

Discursos agressivos e passivos são assim adjetivados devido às consequências que produzem sobre outras pessoas numa interação interpessoal. Tais comportamentos podem ser verbais e não verbais. No âmbito do comportamento verbal agressivo (e.g., insultar: “você é estúpido”), os processos autoclíticos, ou operantes secundários (e.g., “muito”), dependem do operante primário e ocorrem junto com eles (quando o exemplo inicial passa a ser: “você é muito estúpido”) com a função básica de melhorar o seu efeito, de agressão ao ouvinte. A investigação que derivou o terceiro artigo desta tese se ocupa desses processos autoclíticos em comportamentos agressivos e passivos, e foi subsidiada conceitual e metodologicamente pelos estudos que derivaram os artigos que o antecedem na organização da tese.

Para investigar os trabalhos que estudam os processos verbais autoclíticos, foi realizada revisão da literatura sobre os mesmos, entre junho de 2012 e junho de 2016. A recuperação das informações ocorreu em duas etapas, a primeira, automática (uso dos

mecanismos de busca e recuperação computacionais via *internet*); e, a segunda, manual (impressão e leitura do título, resumo e palavras-chaves dos trabalhos recuperados na primeira etapa de busca).

Na primeira etapa foram consultados os seguintes sítios: (a) Biblioteca Virtual em Saúde - BVS (<http://www.bireme.br/php/index.php>); e (b) *National Center for Biotechnology Information* - NCBI (<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>), que inclui a PUBMED (base de dados do JABA – *Journal of Applied Behavior Analysis* – e do JEAB – *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*). Utilizou-se o termo *autoclitic* para a busca dos artigos. A modalidade de pesquisa adotada para cada um dos sítios foi “livre”, independente do campo de localização do termo buscado. Com isso, o termo poderia estar em qualquer lugar do texto (título, resumo, palavra-chave, corpo do texto).

O critério de inclusão adotado na primeira etapa de busca foi: trabalho de periódico indexado publicado em português, espanhol ou inglês de 2003 a 2016. O resultado desta adoção foi a recuperação de 71 trabalhos. Destes, foram selecionados 12 trabalhos na segunda etapa de busca, que eliminou trabalhos que não possuíam o termo *autoclitic* no título, no resumo ou nas palavras-chaves.

A análise dos 12 artigos selecionados na segunda etapa aponta um equilíbrio entre trabalhos empíricos e não empíricos, seis de cada. Dentre os trabalhos não empíricos estão: Borloti, 2004, Lowenkron, 2006, Sautter & LeBlanck, 2006, Thompson, 2008, Souza, Miccione & Assis, 2009, Matos & Passos, 2010. Estes são artigos: 1) didático sobre o termo (Borloti, 2004), 2) conceitual sobre a relação do termo com outros conceitos (Lowenkron, 2006), 3) de revisão bibliográfica dos poucos estudos empíricos do fenômeno que o termo nomeia (Sautter & LeBlanck, 2006); 4) de interlocuções teóricas com a neurociência, considerando o termo (Thompson, 2008); e 5) teórico, de relações



entre a Linguística e o termo: teorias da analogia (Matos & Passos, 2010) e teorias da gramática e sintaxe (Souza, Miccione & Assis, 2009).

Dentre os seis trabalhos empíricos estão experimentos sobre a produção autoclítica: 1) com desenvolvimento atípico em crianças (Luke, Greer, Singer-Dudek & Keohane, 2011), 2) em situações instrucionais (Emurian, 2007, Hübner, Austin & Miguel, 2008, Abreu & Hübner, 2011; Speckman, Greer & Rivera-Valdes, 2012,), 3) discriminação condicional e formação de equivalência de estímulos (Martins, Hübner, Gomes, Portugal, & Treu, 2015). Dentre os trabalhos recuperados, nenhum deles está associado a habilidades sociais ou a comportamento assertivo, passivo ou agressivo. A análise desses artigos gerou discussões intelectuais profícuas sobre o comportamento humano de comunicação, sobre a confusão que costuma ocorrer na análise das formas e funções dos processos comportamentais que os termos “verbal”, “não verbal” e “paralinguístico” definem e sobre um método mais consensual de considerar como a gramática poderia indicar formas para a análise das funções dos autoclíticos gramaticais. Tais discussões culminaram na elaboração desta tese, composta por três artigos inter-relacionados.

O primeiro artigo, intitulado “Comunicação e Linguagem: uma taxonomia topográfica na visão da Análise do Comportamento”, trata de comunicação humana na visão da análise do comportamento. O trabalho propõe que o comportamento de comunicação é aquele cujo produto é estímulo para outro comportamento, verbal ou não, e descreve as diferentes topografias (formas) da resposta do comportamento humano de comunicação numa taxonomia. O segundo artigo, com o título “O Processo Verbal Superior: proposta metodológica de classificação dos autoclíticos lexicais da língua portuguesa”, aponta que a proposta de Skinner (1957) sobre o comportamento verbal avança a interpretação e a explicação funcional dos determinantes da comunicação

humana. Ao mesmo tempo o artigo demonstra que pesquisas sobre autoclítico apresentam limitações de alcance e impacto, já que é difícil reconhecer a função das suas variações topográficas. Considerando tal dificuldade metodológica, propõe método de classificação de autoclíticos gramaticais lexicais, com base na classificação gramatical da língua portuguesa, ilustrando sua aplicação com transcrição de verbalizações coletadas para o terceiro estudo.

O terceiro artigo, intitulado “Comportamento verbal autoclítico nos repertórios interpessoais: passivo, agressivo e assertivo”, busca analisar os processos autoclíticos em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivo de pessoas adultas. Ao final da escrita da tese, nota-se a conexão entre os três capítulos. Enquanto o terceiro pode ser considerado como derivado do principal estudo da tese, o primeiro situa em uma taxonomia os comportamentos-foco que o terceiro analisa; o segundo descreve o percurso metodológico que permitiu a análise dos dados referentes a esses comportamentos-foco.

## Referencias

- Abreu, P. R. & Hübner, M. M. C. (2011). Efeitos de instruções sobre respostas de checagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), p. 301-307.
- Balbi Neto, R. R. Q. (2013) Programa de habilidades sociais com evidências de efetividade: menos regra e mais contingência. In: Agnaldo Garcia, Juan E. Wilson e Fábio N. Pereira. (Org.). *Relacionamento Interpessoal*. Vitória: Centro Internacional de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal - CIPRI, p. 133-147.
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(2), p. 221-236.

- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Emurian, H. H. (2007). Programmed instruction for teaching Java: Consideration of learn unit frequency and rule-test performance. *The Behavior Analyst Today*, 8(1), 70.
- Hübner, M. M. C., Austin, J., & Miguel, C. F. (2008). The effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of verbal behavior*, 24(1), 55.
- Lowenkron, B. (2006). An introduction to joint control. *The Analysis of verbal behavior*, 22(1), 123.
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudek, J., & Keohane, D. D. (2011). The Emergence of Autoclitic Frames in Atypically and Typically Developing Children as a Function of Multiple Exemplar Instruction. *The Analysis of verbal behavior*, 27(1), 141.
- Martins, L. A. L., Hübner, M. M. C., Gomes, F. P., Portugal, M. P., & Treu, K. E. (2015). Effect of the qualifying autoclitic "is" in conditional discrimination training and equivalence tests. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(1), 37-46. Retrieved January 15, 2016, from [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552015000100004&lng=en&tlng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552015000100004&lng=en&tlng=en). 10.14718/ACP.2015.18.1.4.
- Matos, M. A., & Passos, M. L. (2010). Emergent verbal behavior and analogy: Skinnerian and linguistic approaches. *The Behavior Analyst*, 33(1), 65.
- Sautter, R. A., & LeBlanc, L. A. (2006). Empirical applications of Skinner's analysis of verbal behavior with humans. *The Analysis of Verbal Behavior*, 22(1), 35.

- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Speckman, J., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28(1), 83.
- Souza, C. B. A., Miccione, M. M., & Assis, G. J. A. (2009). Relações autoclíticas, gramática e sintaxe: o tratamento skinneriano e as propostas de Place e Stemmer. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1).
- Thompson, T. (2008). Self-Awareness: Behavior Analysis and Neuroscience. *The behavior Analyst*, 31. Acesso em 20 de dezembro de 2012, de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2591754/>.

## 2. Artigo 1

### Comunicação e Linguagem: uma taxonomia topográfica na visão da Análise do Comportamento

#### RESUMO

O comportamento de comunicação é aquele cujo produto é estímulo para outro comportamento, verbal ou não. Este artigo visa descrever as diferentes topografias (formas) da resposta do comportamento humano de comunicação, propondo taxonomia. Para isto houve revisão de literatura sobre termos-tema. Daí se elaboraram critérios (*táxons*) de classificação das repostas de comunicação com base no contexto da resposta, no meio em que a resposta tem efeito e nas formas da resposta e do produto da resposta. O resultado foi a proposição de 2 categorias de contexto (público e encoberto), 5 categorias de meios (sonoro, óptico, termomecânico, gasoso e líquido), 2 categorias de forma primária (corporal e instrumental) e 21 categorias de forma secundária, terciária ou outra característica formal (cefálico, cinésico, cinético, distal, estático, estético, facial, gestual, gráfico, lexical, melódico, não lexical, não melódico, não textual, objetual, ocular, pupilar, proxêmico, proximal, textual e vocal), resultando 29 possibilidades de classificação da resposta do comportamento de comunicação. Conclui-se que a proposta é relevante, pois fomenta o debate científico, facilitando o estudo e a comunicação do tema entre pesquisadores.

**Descritores:** Classificação, Comunicação, Linguagem, Comportamento Verbal, Comunicação não Verbal.

#### ABSTRACT

Communication behavior is the behavior whose product is a stimulus to another behavior, whether verbal or not. This paper aims to describe the different topographies (forms) of human communication behavior, thereby proposing a taxonomy. In order to reach that purpose, a literature revision was undertaken about the theme-terms. Next, classification criteria (*taxons*) for communication responses have been elaborated based on the response context, the medium where the response is effective, the forms of response and the response product. The result was the proposition of 2 context categories (public and veiled), 5 medium categories (sound, optic, thermo-mechanic, gas, and liquid), 2 primary form categories (corporeal and instrumental), and 21 secondary, tertiary form categories, or with other formal characteristic (cephalic, kynesic, kinetic, distal, static, esthetical,

facial, gestural, graphic, lexical, melodic, non-lexical, non-melodic, non-textual, objectal, ocular, pupilar, proxemic, proximal, textual, and vocal), resulting in 29 classification possibilities for communication-behavior response. It is concluded that the proposition is relevant, since it feeds the scientific debate, facilitating both the communication and the study of the theme among the researchers.

**Key-words:** Classification, Communication, Language, Verbal Behavior, Nonverbal Communication.

## RESUMEN

La conducta de comunicación es aquella cuyo producto es estímulo para otra conducta, verbal o no. Este artículo visa describir las diferentes topografías (formas) de la respuesta de la conducta humana de comunicación, proponiendo taxonomía. Para eso, fue realizada una revisión de literatura sobre los términos-tema. De ahí, fueron elaborados criterios (*táxons*) de clasificación de las respuestas de comunicación con base en el contexto de la respuesta, en el medio en que la respuesta tiene efecto y en las formas de la respuesta y del producto de la respuesta. El resultado fue la proposición de 2 categorías de contexto (público y encubierto), 5 categorías de medios (sonoro, óptico, térmico mecánico, gaseoso y líquido), 2 categorías de forma primaria (corporal e instrumental) y 21 categorías de forma secundaria, terciaria u otra característica formal (cefálico, cinésico, cinético, distal, estático, estético, facial, gestual, gráfico, lexical, melódico, no lexical, no melódico, no textual, objectal, ocular, pupilar, proxémico, proximal, textual y vocal), resultando 29 posibilidades de clasificación de la respuesta de la conducta de comunicación. Se concluye que la propuesta es relevante, pues fomenta el debate científico, facilitando el estudio y la comunicación del tema entre investigadores.

**Descriptores:** Clasificación, Comunicación, Lenguaje, Conducta Verbal, Comunicación no Verbal.

A perspectiva analítico-comportamental sobre componentes ditos “não verbais e paralinguísticos” (NV&P) do repertório verbal ainda não foi detalhada. Caballo (2003) e Del Prette e Del Prette (2009) apontam a relevância desses componentes para a compreensão das habilidades sociais, todavia não fornecem base analítico-comportamental suficiente para a compreensão dos mesmos. Como tais componentes são comportamentos ou propriedades de comportamentos e integram o repertório de comunicação, com funções também verbais no sentido skinneriano (Skinner, 1957), o objetivo deste artigo é descrever as diferentes topografias da resposta do comportamento humano de comunicação, propondo taxonomia.

Comunicação é área muito ampla. Engloba a comunicação entre organismos (humanos e não humanos), partes do organismo (células ou sistemas orgânicos) e máquinas: computadores, telefones, antenas, automóveis, etc. (Santaella & Nöth, 2004). Este artigo parte da definição dicionarizada de comunicação (“transmitir e receber ideias, mensagens, com vista à troca de informação” [Aulete, 2011, p. 367] ou “processo de emitir, transmitir e receber [...]” informação [Bechara, 2011, p. 434]), passa pela etimologia da palavra *comunicar* em "tornar algo comum" ou "partilhado" (Harper, 2001) e considera a falta de consenso nessa definição. Santaella & Nöth, (2004) apontam que não há unificação nos estudos de comunicação, dadas as três visões dominantes do fenômeno: (a) os processos de comunicação devem ser considerados em sua totalidade, independentemente de área ou forma de estudo; (b) a comunicação é área relacionada aos meios de comunicação; e (c) a comunicação é parte da sociologia da cultura.

A primeira visão aproxima-se do conceito de comunicação na Saúde, que abrange a Psicologia (Silva, 2006) e, portanto, a Análise do Comportamento. Propõe que a comunicação ocorre quando um emissor transforma uma mensagem selecionada em sinais enviados por um canal de comunicação ao receptor, que os converte em mensagem

(Santaella & Nöth, 2004). Nota-se que essa visão descreve o fenômeno segundo perspectiva mentalista. Ao contrário, a proposta pragmatista e monista da Análise do Comportamento estuda o comportamento dos organismos íntegros em todos os níveis de sua seleção, conseqüentemente interconectando essas áreas de conhecimento da comunicação em cada nível de seleção (e.g., Biologia, Comunicação Social, Sociologia, Antropologia), abarcando as visões “b” e “c” descritas por Santaella e Nöth (2004). Na opção pela comunicação humana (comportamento de comunicação em humanos), este estudo interessa aos estudiosos de Psicologia (especialmente os da psicologia das relações interpessoais), Comunicação Social (marketing, publicidade, propaganda, relações públicas, jornalismo), Linguística (especialmente a pragmática) e Antropologia (especialmente a antropologia cultural).

Skinner (1957) propõe 2 formas de respostas muito frequentes para o comportamento verbal: o falar (vocal lexical) e o escrever (gráfico textual), cujos produtos são a fala e o texto, respectivamente. Ele descreve cada uma sem deixar de citar as muitas outras formas do comportamento de comunicação. Skinner (1957) retoma a etimologia de comunicar (*communicate*, no inglês) em "tornar comum" (*made common*), entre dois organismos, um aspecto do ambiente. Ele, em vários pontos do *Verbal Behavior*, emite o termo *communicate* (e desinências: *communicates*, *communicated*, *communication*, *communicating* e *communicative*) para: (a) citar áreas de estudo do comportamento verbal (e.g. engenharia de comunicações, comunicação vocal); (b) explicar teorias mentalistas da comunicação (e.g. “O ‘significado’, bem como a ‘ideia’, tem sido entendido como algo que é expresso ou comunicado por uma expressão vocal” p. 07, nossa tradução); (c) descrever o que ocorre com o produto do comportamento verbal (e.g. “variedade dinâmica do estímulo pode ser comunicada” p.79, nossa tradução); e (d) descrever termos comuns ou de fora da Análise do Comportamento (e.g.



comunicação telefônica, comunicação científica, sistema de comunicação). Numa das emissões com a função em “d”, Skinner (1957, p. 462, nossa tradução) comunga da ideia de “sistemas de comunicação” da Etologia:

É verdade que as respostas vocais ou de outros tipos emitidas pelos animais constituem "sistemas de comunicação". O carneiro perdido bale e, ao fazê-lo, "diz à sua mãe onde ele está". O animal que está pastando "grita para dar o alarme" e "avisa assim o resto do rebanho que um perigo se aproxima". Os cantos de acasalamento aproximam macho e fêmea. A mãe afasta os predadores de sua cria com rosnados ou gritos de raiva. Os gestos animais também desempenham um papel neste sistema de comunicação e receberam recentemente atenção especial por parte dos etologistas.

Em animais e humanos, a comunicação pode ter várias topografias. A palavra topografia é originária do grego: *topos*- (“lugar”) e *-graphia* (“descrição de”) (Harper, 2001). No glossário técnico da *Association for Behavior Analysis* (ABA, 2007), topografia é “A forma física e as características de uma resposta.”.

Vargas (2013, p. 169) moderniza a definição, diluindo a dicotomia forma-função: “forma é o nome que damos a uma ação e função especificadas que aponta para os eventos que as controlam”. Assim, a topografia da resposta descreve a forma física e as características dos movimentos do organismo na emissão da resposta, que apontam para seus eventos controladores. Malgrado essa e outras argumentações recentes sobre a importância da descrição da forma da resposta, ela tem sido relegada na Análise do Comportamento, diante da ênfase das pesquisas em sua descrição funcional (Vargas, 2013). Porém, dimensões formais da resposta alteram o ambiente (mudanças na matéria ou na energia) de maneira a definir seu produto, que tem função sobre a resposta produtora, mantendo ou modificando suas propriedades formais (Skinner, 1953). Portanto, a forma tem estreita relação com a função (Vargas, 2013).

Tratando de comportamento verbal, Vargas (2013, p. 167) afirma que “os fatores topográficos do comportamento verbal são tão importantes quanto os ‘funcionais’, e que

topografia e funcionalidade são parceiras”. Isto faz com que, algumas vezes, a descrição da topografia da resposta verbal leve à descrição da topografia do produto verbal e/ou do antecedente (verbal ou não) a ela relacionada, como é o caso das relações verbais formais (Machado, 2014; Skinner, 1957): (a) o ecoico e o textual são vocais e têm como produto a fala; e (b) o ditado e a cópia são gráficos e têm como produto o texto. A importância da forma (da resposta e do produto) é tanta nessas relações que, em suas definições funcionais, fala-se de correspondência ponto a ponto entre estímulo antecedente e produto da resposta. Portanto, a análise topográfica da resposta e do produto da resposta importa na análise funcional (Machado, 2014). A proposta de Vargas (2013) sobre a vinculação topografia-funcionalidade justifica a distinção e a nomenclatura sistemáticas de formas de grupos típicos de respostas de comunicação, incluindo as verbais, no campo da Análise do Comportamento. Nessa mesma direção, Machado (2014) propôs a taxonomia do estímulo verbal a partir das categorias meio, modo e forma do estímulo (aqui, este artigo e o trabalho dele se complementam).

A terminologia funcional das relações verbais (i.e., mando, tato, intraverbal, ecoico, textual, ditado e cópia) é bastante comunicada em vocabulários e glossários em linguagem conceitual compartilhada na comunidade científica (Teixeira Júnior & Souza, 2006; Catania, 1998). Segundo Machado (2014), essa linguagem compartilhada não ocorre na terminologia topográfica do estímulo; tampouco na terminologia da topografia da resposta: exceto o termo “comportamento vocal”, o “Vocabulário de Análise do Comportamento”, de Teixeira Júnior & Souza (2006), e a “Taxonomia do Comportamento Verbal”, de Catania (1998), não sistematizam as propriedades formais de grupos típicos de respostas de comunicação que, em geral, se relacionam com produtos e funções dessas respostas, em especial das verbais.

Assim, este artigo pretende contribuir com a Análise do Comportamento, chamando a atenção do leitor para aspectos relevantes de contextos, meios, formas e dimensões (ou propriedades) das respostas de comportamentos de comunicação (verbal e não verbal). Já que “qualquer movimento capaz de afetar o outro organismo pode ser verbal” (Skinner, 1957, p. 14, nossa tradução), o estudo de todas as formas de comportamento com função comunicativa importa. Consequentemente, na amplitude desse repertório, este estudo aponta a vastidão dos produtos desses comportamentos.

Dentre os comportamentos de comunicação, Skinner (1957) se dedicou ao comportamento verbal idiomático – basicamente a língua normatizada, ou sejam as regras gramaticais de um idioma para o uso de seu léxico (as palavras desse idioma) –, especialmente o inglês. No reconhecimento do porquê dessa dedicação, este artigo aponta a importância do estudo amplo do comportamento verbal, incluindo as formas não idiomáticas, e suas relações com outros comportamentos de comunicação, como as sinalizações para não humanos, e humanos com repertório verbal restrito ou ausente, tais quais bebês e crianças com desenvolvimento atípico.

Idiomático ou não, o comportamento de comunicação é essencial à construção de práticas culturais (humanas) ou protoculturais (não humanas) pressupondo o entrelaçamento comportamental, que depende de comportamentos comunicacionais. Esse entrelaçamento embasa a análise da cultura e a metacontingência (Glenn, 1988). Baum (1999) propõe que “[...] a ‘comunicação’ ocorre quando o comportamento de um organismo gera estímulo que afeta o comportamento de outro organismo.” (p. 136). A formulação de Baum (1999) exclui a comunicação intrapessoal (pensar ou falar consigo), já que o estímulo deve afetar o comportamento de outro organismo. Visando ampliar esta conceituação, propõe-se aqui uma reformulação do conceito de comportamento de comunicação de Baum (1999). Com isso, este artigo defende que o comportamento de

comunicação ocorre quando o produto de um comportamento é estímulo (antecedente, consequente, condicionado ou incondicionado) para outro comportamento. Ou seja, o comportamento de comunicação é o comportamento cujo(s) produto(s) é(são) estímulo(s) para outro comportamento. Portanto, pode-se dizer que o termo *comportamento verbal* de Skinner (1957) define processo integrando repertório de comunicação, pois o produto do comportamento verbal terá função de estímulo para um ouvinte. Considerando a pouca ênfase nas formas de comportamento verbal não vocal (i.e., não idiomático) no *Verbal Behavior* (Skinner, 1957), e considerando as taxonomias para o comportamento verbal vocal (Catania, 1998) e para o estímulo verbal (Machado, 2014), focou-se inicialmente a busca e recuperação das diferentes fontes descritivas das topografias e funções da comunicação NV&P como descrito no Método, a seguir.

### Método

Considerando a necessidade de fazer uma pesquisa bibliográfica para atingir os objetivos deste estudo, o método dirigiu-se aos autores mais citados em artigos indexados, na área de saúde, nos últimos 5 anos, que utilizassem os termos *comunicação não verbal*, *paralinguagem* e *paralinguística*.

Dos artigos recuperados foram selecionados e destacados os conceitos mais citados neles. Leituras subsequentes inferiram as propriedades do(s) estímulo(s) que poderia(m) ter levado os autores dos artigos a emitirem esses conceitos como tatos (Skinner, 1957). A partir dos produtos verbais dessas inferências, essa(s) propriedade(s) foi(ram) analisada(s) em categorias ou *táxons*, a exemplo do que fez Machado (2014).

Na classificação aqui proposta, o *táxon* indicou unidade de classificação em qualquer ponto da ordenação. Assim, 5 categorias ou *táxons* foram inseridas(os) em

figuras de ordenação e classificação: (a) do contexto da resposta (história filogenética e ontogenética do organismo que emite a resposta e os estímulos contextuais presentes quando condicionamento ocorre; ABA, 2007); (b) do meio em que a resposta age ou tem efeito: óptico, sonoro, térmico, mecânico, líquido ou gasoso; (c) da forma primária da resposta (topografia da resposta independentemente da forma do seu produto, ou mesmo do seu estímulo antecedente); (d) da forma secundária ou terciária da resposta, se houvesse (e. g., topografia da resposta segundo a forma do produto da resposta); e (e) de outras características formais da resposta, se houvesse (e. g., lexical, melódico, distal, postural). Este artigo trata dos meios e formas das repostas públicas de comunicação.

Na classificação aqui proposta, as respostas do comportamento de comunicação, conforme conceituadas em artigos recuperados, foram classificadas nas 5 categorias ou *táxons*. Nessa classificação, percebeu-se que a divisão entre componentes “verbais” e “NV&P” da comunicação é tão estreita e nebulosa que faria pouco sentido mantê-la; optou-se então por tratar da topografia da resposta de comunicação - verbal ou não. Considerando que Skinner propôs programa de pesquisa na sua obra *Verbal Behavior*, e que quase todos os trabalhos sobre comportamento verbal em Análise do Comportamento partem dessa obra, optou-se por tomar esse trabalho de Skinner como a principal referência no sistema de classificação permitido pelo método.

## Resultado

O primeiro *táxon* refere-se ao contexto de ocorrência da resposta. A variável do contexto classificada aqui é quanto ao número possível de observadores: público, mais de 1 observador; ou encoberto, apenas 1 observador (Skinner, 1974). Respostas, públicas ou encobertas sempre afetarão o organismo que as emitiu; logo, ambas podem ser percebidas pelo emissor. Mas o contexto da emissão é relevante: se encoberta, a resposta poderá ser

notada apenas pelo próprio organismo, pois seu produto é um estímulo encoberto; se pública, poderá ser notada também por outros organismos diferentes do que a emitiu, pois terá estímulo público como produto.

Toda resposta comportamental terá como meio o corpo do organismo que a emitiu, bem como, agirá ou terá efeito também sobre esse mesmo corpo. Concomitantemente, se for resposta em contexto público, terá efeito também sobre outros meios que não o corpo do organismo; se encoberta, porém sem correlatos públicos, encerra seus efeitos no corpo do organismo como meio.

A classificação proposta para o meio, como segunda categoria taxonômica, refere-se ao meio em que a resposta terá efeito, além do corpo do organismo que a emitiu. A resposta pública poderá agir sobre o meio físico (óptico, sonoro, térmico ou mecânico) ou químico (líquido ou gasoso). O meio sobre o qual age uma resposta determinará a(s) propriedade(s) físico-química(s) do seu estímulo-produto, que pode(m) ser visual, auditiva, tátil, olfativa ou gustativa, como propôs Machado (2014).

Para facilitar a nomenclatura, eliminou-se o termo “físico” antecedendo a denominação de meio óptico, sonoro, térmico ou mecânico, já que são todos físicos por definição. A mesma opção ocorreu para os meios químicos em estado líquido e gasoso, ou seja, o termo “meio líquido” se refere ao “meio químico em estado líquido”, e o termo “meio gasoso” se refere ao “meio químico em estado gasoso”. Optou-se também pela união dos meios térmico e mecânico em meio denominado “termomecânico”, já que o produto da resposta desse meio (termomecânico) terá sempre propriedade física “tátil”, em meio térmico ou mecânico. A Figura 1 apresenta a taxonomia do contexto e do meio da resposta de comunicação.

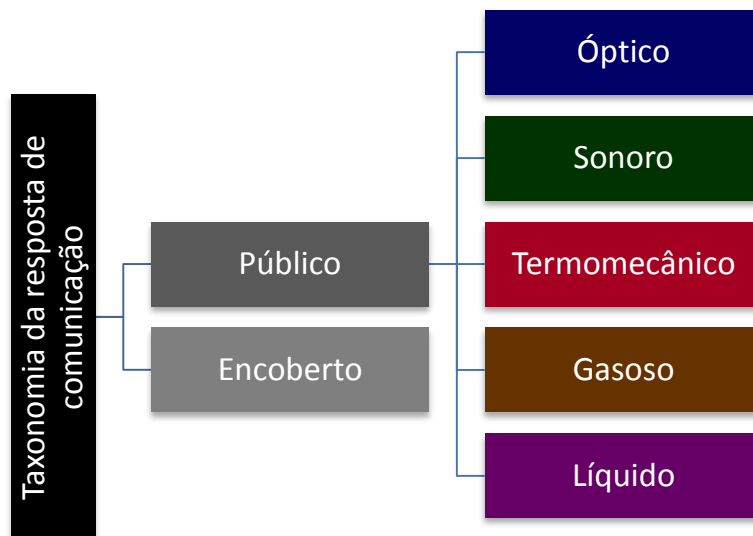


Figura 1. Taxonomia do contexto (em tons de cinza) e do meio da resposta de comunicação (em cores)

A resposta de contexto público envolve a intermediação do próprio corpo ou de instrumento, e em ambos os casos há efeito em meio físico ou químico. Logo, o terceiro *táxon*, a forma primária da resposta, será o tipo “corporal” ou “instrumental”, conforme o intermeio. A Figura 2 apresenta taxonomia do contexto e do meio das formas primárias de resposta de comunicação.

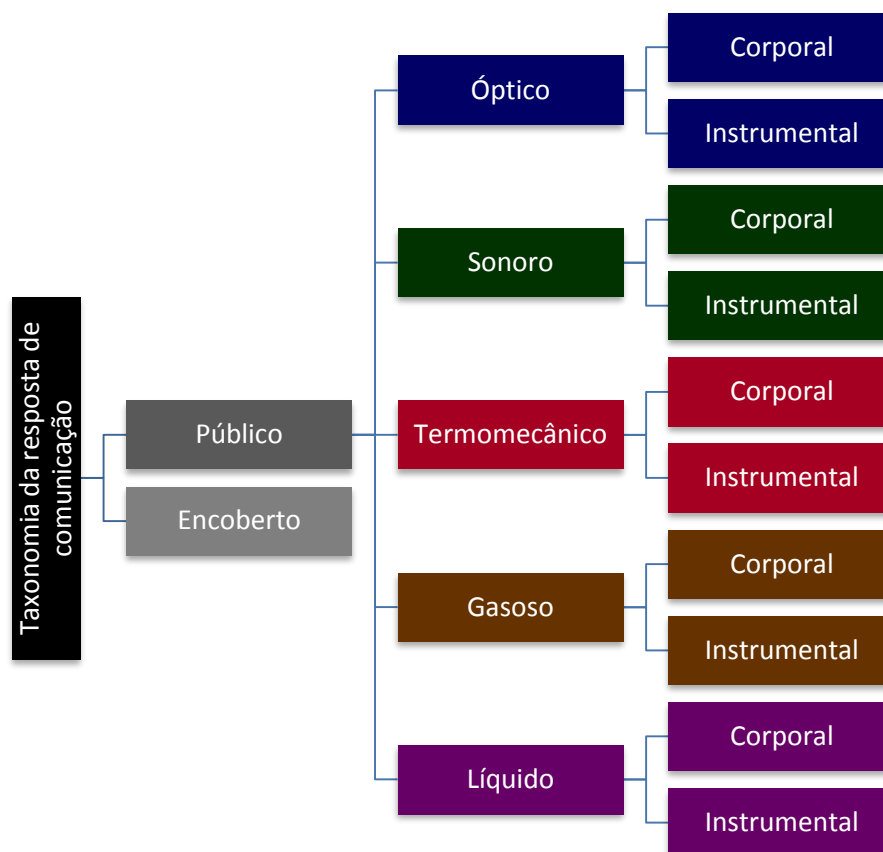


Figura 2. Taxonomia do contexto e do meio das formas primárias de resposta de comunicação

A forma primária de uma resposta dispensa identificação do produto ou das formas do produto para a classificação. Porém, classificações formais secundárias ou terciárias da resposta requerem análise das formas de seu produto. Na produção skinneriana (Skinner, 1957), formas da resposta verbal e do produto verbal se confundem, especialmente tratando-se dos operantes de controle formal. Por exemplo, o *comportamento vocal* é assim denominado com base nas propriedades do produto; de maneira semelhante, o *comportamento textual* tem sua denominação com base na forma do antecedente. Skinner também combina as formas dos estímulos antecedente e consequente para denominar os operantes *cópia*, *ditado* e *ecoico*, evidenciando a necessidade de recorrer às propriedades formais de produto para determinar a forma da



resposta. Isso também se justifica pela considerável possibilidade de alterações funcionais da resposta com alterações formais de seus produtos e vice-versa.

A resposta de forma primária corporal poderá ter forma secundária vocal, cinésica ou estática. A cinésica, como forma secundária, poderá ter forma terciária ocular, pupilar, facial, cefálica ou gestual. A corporal estática, como forma secundária, poderá ter forma terciária proxêmica ou estética.

Em paralelo, a resposta de forma instrumental poderá ou não ter forma secundária. Caso tenha, poderá ser gráfica ou objetal. A forma instrumental gráfica, como forma secundária, poderá ter forma terciária textual<sup>1</sup> e não textual. E a forma instrumental objetal, como forma secundária, poderá ter forma terciária cinética, estática, textual ou não textual. Descrevem-se a seguir cada uma das formas secundárias ou terciárias juntamente com outras características formais e exemplos.

---

<sup>1</sup> Comportamento textual (“ler”), como proposto por Skinner (1957), difere do conceito “forma textual” da resposta. Comportamento textual (“ler”) tem resposta pública, sonora, corporal, vocal; já o comportamento de escrever tem resposta pública, óptica, instrumental, gráfica, textual.



Figura 3. Taxonomia do contexto (tons de cinza), do meio e das formas de resposta de comunicação (azul-marinho, verde, vermelho, marrom e violeta) com exemplos (azul-claro).

Até aqui tratou-se da taxonomia do comportamento de comunicação de forma não melódica, seja ele lexical ou não. Logo, também existe o comportamento melódico (corporal ou instrumental), especialmente o vocal, seja ele lexical, como cantar, ou não lexical, como solfejar e assoviar (Machado, 2014), apresentados na Figura 3 e 4. As formas melódica, não melódica, lexical e não lexical, são classificadas como outras características formais. O comportamento de comunicação vocal não lexical (ou não idiomático<sup>2</sup>), também chamado de paralinguístico, pode ter controle respondente ou operante, como tossir, espirrar, bocejar, pigarrear, chorar, suspirar, gritar (de dor, raiva, medo), rosnar, arrotar, rir, gargalhar, assoviar e emitir outros sinais vocais não lexicais de controle operante (Figura 4), como proposto no método, algumas delas melhor descritas adiante

---

<sup>2</sup> O comportamento idiomático (uso de idioma) inclui o comportamento lexical (uso de palavras), já que o léxico pertence ao idioma.

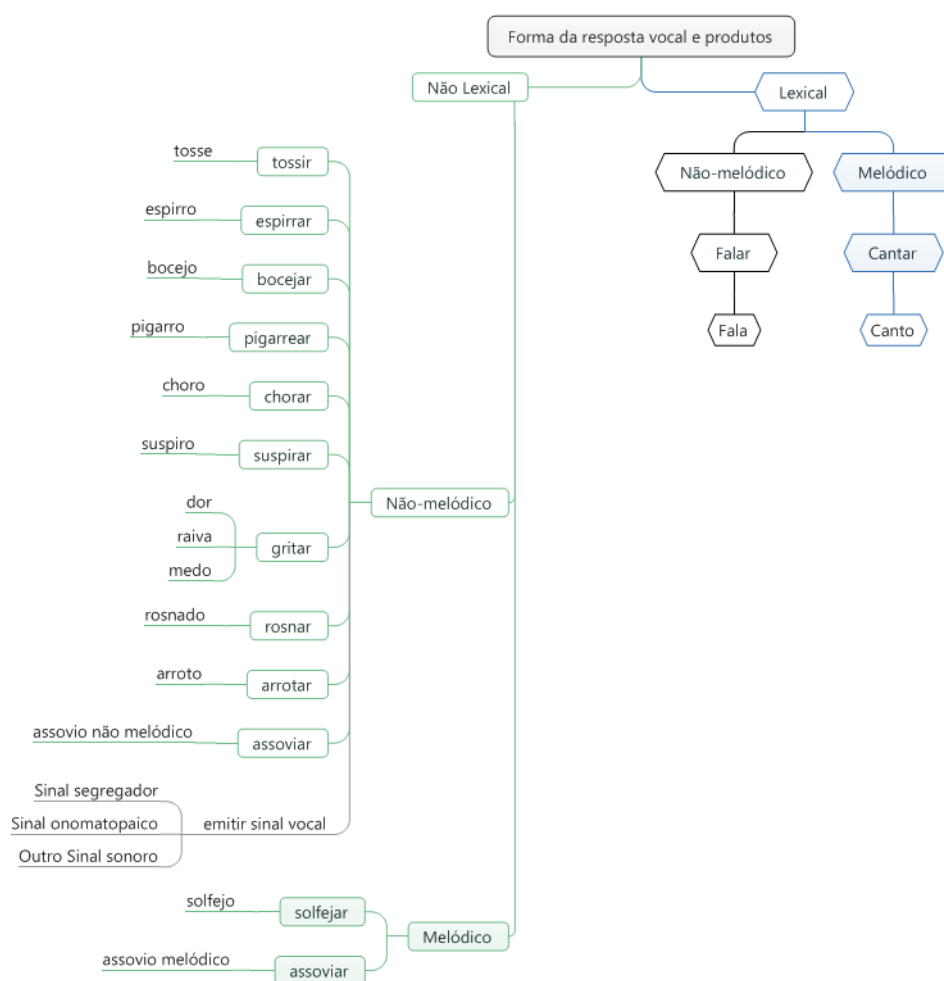


Figura 4. Taxonomia de outras características formais da resposta vocal e seus produtos.

### Discussão

A Figura 3 mostra que os comportamentos que outras abordagens – diferentes da Análise do Comportamento – chamam de “comunicação não verbal” são respostas de comunicação verbal não idiomática em contexto público. Na área da Comunicação, “comunicação não verbal” abrange formas de comunicação estudadas nas subáreas Cinésica, Proxêmica, Tacêsica e Paralinguística; e outras das formas não estudadas nelas (Corraze, 1982, Knapp, 1980). As formas estudadas nessas subáreas abarcam o primeiro *táxon* de classificação de respostas de comunicação: o contexto público de sua ocorrência. Tais formas verbais não idiomáticas precisam ser estudadas pela Análise do

Comportamento por sua relevância para a comunicação, quando comparadas às formas idiomáticas. Birdwhistell (1990 [1970]), um dos principais estudiosos da Cinésica, concluiu que a importância dos comportamentos idiomáticos para ocorrência de comunicação em interação interpessoal face a face é parcial, pois grande parte desta se dá por outros comportamentos que não produzem palavras sob as regras do idioma. Segundo o autor, emissão de palavras (comportamento verbal idiomático) pode chegar a apenas 30% do significado dessa interação. Os outros 70% seriam explicados por funções não idiomáticas. Para Skinner (1957) toda comunicação verbal pode ser ou não idiomática (o autor exemplifica várias linguagens que precisariam ser focadas nos estudos da cultura, como a dos gestos, das cerimônias, das flores e pedras preciosas e das vestimentas, adornos e distintivos). Em termos comportamentais, a linguagem é comportamento verbal ou produto dele, independentemente de ser idiomático ou não.

Corraze (1982) propõe que a comunicação verbal não idiomática (ele chama de “comunicação não verbal”) estuda gesto, postura, orientação do corpo, organização de objetos e distância entre indivíduos. Knapp (1980) propõe classificá-la de um modo que pode ser útil na Análise do Comportamento (Tabela 1), pois inclui os produtos das demais quaisquer formas de movimentos citados como tendo funções verbais por Skinner (1957).

Tabela 1

Classificação das áreas de estudo da comunicação não idiomática.

Área de conhecimento	Definição	Principal obra da área
Cinésica	Comunicação relacionada aos movimentos do corpo, que incluem olhos, mãos, dedos, face, cabeça e outras partes.	Birdwhistell (1990/1970)
Proxêmica	Comunicação se dá pela posição do corpo no espaço em relação aos estímulos ambientais, ou “uso que o homem faz do espaço” (p.13), de maneira que pode indicar diferença de status entre as pessoas, preferências pessoais, etc.	(Hall, 1977/1966)
Tacêsica	Toda forma de comunicação que envolve o toque físico e a sensação tátil.	Montagu (1971)
Paralinguística	Parte da comunicação vocal não considerada parte de língua (idioma). Apresenta 2 aspectos: (a) propriedades do comportamento de falar palavras que alteram o produto da comunicação, como velocidade, intensidade, tom, e (b) sinal sonoro vocal não lexical: sons não integrantes do léxico, mas com função na comunicação independentemente dos fonemas que o compõem ("ah", "er", "uhm"), como sons vocais de hesitação, tosses relacionadas, por exemplo, a tensão, suspiro.	Steinberg (1988)
Características corporais e artefatos	Comunicação relacionada a forma do corpo, aparência do corpo/pessoa, e objetos relacionados ao corpo, ao modo de objetos utilizados (joias, roupas, carro, acessórios), modificações no corpo (arrumação do cabelo/pelos, uso de maquiagem).	Knapp (1980)

Essas 5 áreas não esgotam as possibilidades de estudo da comunicação não idiomática, mas orientam o analista do comportamento quanto aos principais comportamentos de comunicação não idiomáticos que vêm sendo estudados. Tais comportamentos operam sistemas de *signos* não idiomáticos, daí o enquadre terminológico dos mesmos como *comportamentos de comunicação não idiomática*, que excluem, por definição, os de comunicação com o idioma normatizado, porém não necessariamente o comportamento verbal (e.g., solfejar, vocal não lexical melódico, é verbal e não idiomático, Machado, 2014).

### *Comportamento de sinalizar*

O termo sinal não está associado a nenhuma teoria específica (Skinner, 1986). Sinais são produtos do comportamento de sinalizar. Da Figura 3 infere-se que sinal pode ser produzido pelo comportamento de organismo ocorrendo em meio público em quaisquer dos meios ou formas possíveis à resposta, devendo ser percebido por outro organismo, quando o de um se *torna comum* ao outro.

Em termos comportamentais, um signo emerge como função quando um sinal, como produto de um comportamento, passa a exercer, por algum motivo, a função equivalente à de outro sinal (produto do ambiente ou comportamental). Dessa perspectiva, o signo é um sinal (comportamental) que mantém relação de equivalência com outro sinal (ambiental ou comportamental), equivalência segundo compreensão de Sidman (1994). Dada a importância do sinal no comportamento de comunicação, importa compreender melhor o desenvolvimento da comunicação pelo comportamento de sinalizar, nos meios e formas da resposta de comunicação (Figura 3).

O sinal se torna estímulo antecedente quando sua ocorrência anterior relaciona-se a emissão de resposta (operante); ou se torna estímulo (in)condicionado quando sua ocorrência prévia relaciona-se ao elidir de uma resposta (respondente). Assim, comportamentos de comunicação com sinais podem ser alguns dos considerados “não verbais” por outros teóricos, como o abrir e fechar de porta, que podem ter função verbal dependendo do contexto interacional da comunicação e de propriedades como velocidade, intensidade, duração, latência, topografia e precisão (e. g., porta fechada rapidamente e com força sinaliza a raiva ou a pressa de quem a fechou).

As contingências de seleção filogenéticas proporcionaram o segundo nível de seleção, o ontogenético, e o comportamento operante (Skinner, 1981, 1986). O operante é derivado filogeneticamente do respondente, ou seja, estímulos ambientais eliciavam

comportamentos respondentes, que produziam consequências que na história de evolução passaram a modelar o comportamento, à medida que o organismo passou a ser suscetível ao reforçamento. Ou seja, na evolução das espécies, comportamentos de controle respondente passaram a controle operante. Skinner aponta possível controle conjunto, em que o comportamento é produto simultaneamente de estímulos respondentes e reforçadores. Assim, é plausível que comportamentos respondentes de comunicação (proto-linguagem, como o grito que comunica dor) evoluíram filogeneticamente a operantes de comunicação não idiomática (ou não verbal, como o correr de um membro do grupo que comunica aos outros membros a aproximação do predador). À medida que se tornaram sinais convencionados pelo grupo e aprendidos em grupo, originaram o comportamento verbal (ou linguagem), iniciando pelo não idiomático (como o gesto ou a fala coloquial) até chegar ao idiomático (como o texto culto, conforme as normas do idioma), conforme apresentado na Figura 05.

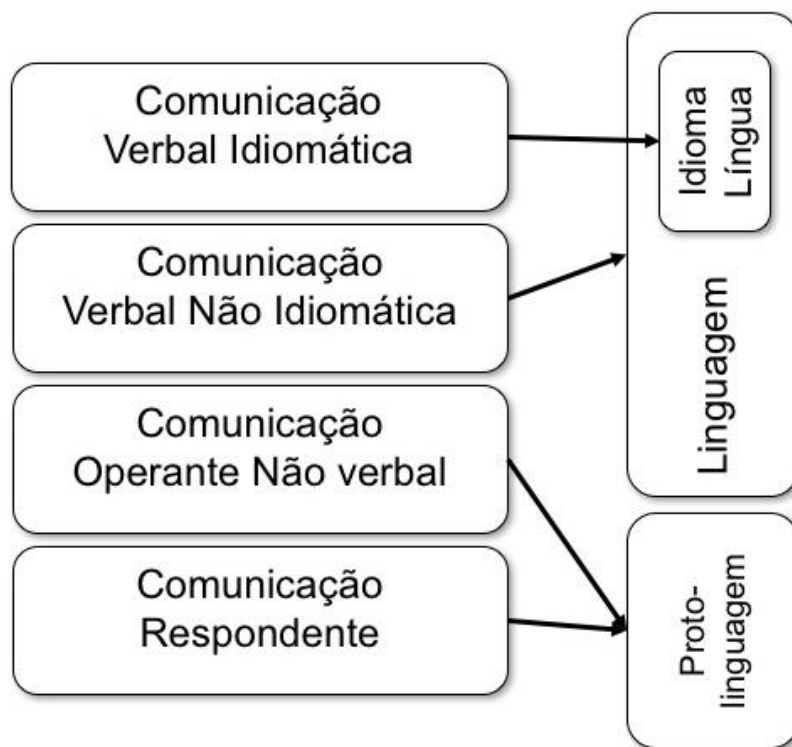


Figura 05. Explicação esquemática sobre comunicação, suas características (operante, respondente, verbal e idiomática) e nomenclaturas.



Na mediação que caracteriza o comportamento verbal, o produto do comportamento do falante ou escritor (movimento produzido pelo corpo dele ou por instrumento manipulado pelo corpo dele) afeta um ouvinte ou leitor (o próprio falante/escritor ou outra pessoa) por um ou outro meio<sup>3</sup>. Meio [*medium*], por sua vez, informa o modo [*mode*] dos produtos verbais conhecidos como formas de comunicação: fala, grafia (escrita ou desenho), gesto, música, dança, código Morse, língua de sinais, sinais de fumaça, etc., como proposto por Skinner (1957) e sistematizado por Machado (2014). A Figura 3 informa cinco tipos possíveis de meios para o comportamento de comunicação verbal: óptico, sonoro, termomecânico, líquido ou gasoso. Os comportamentos verbais idiomáticos citados por Skinner ocorrem em meio óptico, sonoro, termomecânico. Por exemplo, em meio óptico, há o instrumental gráfico textual (e.g., escrever, desenhar placas de trânsito) e o corporal cinésico (e.g., o “falar” em LIBRAS, o gesticular padronizado no trânsito de veículos); em meio sonoro, há o corporal vocal lexical (falar, cantar); e em termomecânico, corporal instrumental textual (escrever em Braille, esculpir texto).

O repertório de comunicação verbal (idiomático ou não) do “falante” depende de contingências de reforçamento providas por uma comunidade verbal de “ouvintes-falantes”, agentes especial e naturalmente condicionados para ensinar-lhe esse repertório (as aspas são propositais, para incluir os agentes nos 5 meios descritos na Figura 3, além do falante/ouvinte, leitor/escritor *stricto sensu*). Trata-se, portanto, de interação social ou relação interpessoal que ocorre ao longo da vida do “falante” (Skinner, 1957). Nessa interação social, esses agentes reforçam (consequenciam) relações entre uma resposta do

---

<sup>3</sup> Meio ou ambiente é tudo o que é externo ao comportamento sob análise (Matos, 1999). A relação entre esse comportamento sob análise e seu meio define um sistema primário de respostas. Contudo, o comportamento (relação) pode ser meio para outro comportamento (relação) sob análise, indicando “relação de relação”, ou relação em sistema secundário de respostas.

“falante” e os estímulos antecedentes a ela. As relações assim fortalecidas eventualmente tornam-se parte da linguagem dessa comunidade, em qualquer dos 5 meios descritos na Figura 3. Assim, os operantes mediados por “ouvintes” se tornam relações verbais; relações antecedente-resposta-consequente específicas: as primárias (por serem relações cujas variáveis independentes são o ambiente em geral) sobre as quais agem as secundárias (por serem relações cujas variáveis independentes são o ambiente em específico das relações primárias, das quais dependem e são concorrentes).

Como ocorre com as relações verbais idiomáticas (mando, tato, intraverbal, textual, ecoico, transcritivo e autoclítico), as relações verbais não idiomáticas também são definidas por classes de eventos específicos envolvendo o corpo ou algum outro instrumento, em quaisquer dos cinco meios descritos na Figura 3. Parafraseando o que Baum (1999) disse acerca dos operantes verbais idiomáticos, os operantes verbais não idiomáticos também dependem dos estímulos discriminativos e reforçadores que imprimem a eles função sempre contextual. Como ocorre com os idiomáticos, os sinais corporais ou instrumentais não idiomáticos (na Figura 3: vocal, cinésico, estático, gráfico e objetar) podem apresentar mais de uma relação funcional, já que adquirem diferentes funções em diferentes contextos antecedentes e consequentes.

Dentre os eventos antecedentes estão operações motivacionais (OM) e estímulos discriminativos ( $S^d$ ). Operações motivacionais são acontecimentos ou eventos que alteram temporariamente o valor (efetividade ou eficácia) das consequências de um comportamento (Michael, 1993, Michael, 2000, Garry, & Pear, 2009) e, portanto, aumentam ou diminuem a probabilidade de sua ocorrência. Por exemplo, na história de aprendizagem da emissão de mandos, a privação de alimento líquido altera a probabilidade de uma criança pedir (idiomático) água ou chorar (não idiomático) diante de um cuidador.

Quanto ao *locus* ou *topos*, estímulos (antecedentes e consequentes) de comportamento podem ser exteroceptivo (eventos públicos), interoceptivo (eventos privados) e propioceptivo (orientação temporo-espacial), como descrevem Skinner (1989), Tourinho (2006) e Machado (2014). Os exteroceptivos contemplam os estímulos percebidos pelos cinco sentidos, logo podem ser táteis, auditivos, visuais, olfativos ou gustativos; podem ser não verbais (objetos, acontecimentos ou eventos, ou suas propriedades, como cor, peso, intensidade, forma, gosto, cheiro, textura); ou verbais (produtos de resposta verbal, como as palavras faladas ou escritas ou os movimentos definindo gesto).

Dentre os eventos consequentes do comportamento estão os reforços específicos e os generalizados. Específico é aquele, e somente aquele, reforçador positivo ou negativo que a resposta verbal indica, específica, como sua consequência (a água dada pelo “ouvinte”, o silêncio do “ouvinte”). Generalizado (ou condicionado) é o reforço que exerce seu efeito porque associado a um ou mais reforços incondicionados (adquiriram seu valor de reforço para o organismo como resultado de aprendizagem: atenção, aprovação ou concordância do “ouvinte”). Assim, pedido de perdão pode ser reforçado tanto pelo que se pede (reforço específico: o perdão concedido) quanto por ter sido adequado a uma situação (reforço generalizado: a aprovação pelo pedido ter sido feito corretamente: ouvindo *perdão*, *eu erre*i dizer *perdão*, *eu erre*i). Antecedentes e consequentes definem funcionalmente os operantes, permitindo, por seu controle sobre a resposta verbal, classificá-los como relações verbais, independentemente de meio, modo ou forma (Skinner, 1957).

*Comportamento de comunicação corporal e instrumental*

A Figura 3 mostra que, independentemente do meio, o comportamento de comunicação corporal envolve o uso do corpo para a emissão de sinais, sem manipulação de instrumento ou substância. A manipulação do corpo (como no corporal cinésico em meio óptico, e.g., gesticular) ou o resultado dessa manipulação (como no corporal vocal, e.g. falar) é o que produz o sinal do comportamento de comunicação corporal. Quando o movimento do corpo em si é o sinal de comunicação, tem-se o corporal cinésico em meio óptico (e.g., gesticular). Quando o resultado do posicionamento do corpo no espaço (em relação a si ou a outros estímulos) é o sinal, há o comportamento de comunicação corporal estático (e.g., estabelecer distância adequada do ouvinte). Quando há som produzido pelo movimento vocal do corpo, tem-se o corporal vocal (e.g., falar). Quando som é produto da manipulação do corpo sem o uso de instrumentos ou do aparelho fonador, há corporal cinésico em meio sonoro (e.g., bater palmas). Evidencia-se a dependência de um corporal estático da ocorrência anterior de um corporal cinético. O produto do cinético é o movimento em si, e o produto do estático é o corpo posicionado no espaço (ambos são detalhados a seguir).

O comportamento de comunicação corporal se diferencia do instrumental quanto ao que é manipulado pelo corpo, como exemplificado na Figura 3. No caso do corporal, é o corpo em si; no caso do instrumental, objeto ou substância. O comportamento de comunicação instrumental em meio óptico pode ser gráfico ou objetual. O primeiro produz estímulos bidimensionais, e o segundo, tridimensionais; em ambos os casos há manipulação de objeto ou substância para que haja produto, como os ilustrados na Figura 3. O instrumental em meio termomecânico é objetual por definição, podendo ser textual ou não textual, ou seja, produzirá estímulos objetais táteis na forma ou não de texto (o conceito de texto será discutido mais adiante).

Normalmente, os produtos de comportamentos de meio termomecânico também estão presentes em meio óptico (havendo luz suficiente para isso), ou seja, comportamentos de comunicação de meio termomecânico normalmente apresentam também produtos em meio visual e tátil simultaneamente.

#### *Comportamento de comunicação corporal cinésico em meio sonoro*

Como dito anteriormente, o comportamento de comunicação corporal em meio sonoro pode ter forma secundária cinésica ou forma secundária vocal. O corporal cinésico em meio sonoro envolve o uso do corpo para emissão de sons, sem outros instrumentos além do corpo e sem o uso do aparelho fonador. Comportamentos como bater palmas (Figura 3), estalar os dedos, bater no peito e comportamentos de formas semelhantes são outros exemplos de corporais cinésicos em meio sonoro.

#### *Comportamento de comunicação corporal vocal em meio sonoro*

O comportamento vocal apresenta reposta pública sonora corporal vocal (contexto público, meio sonoro e forma primária corporal). Skinner (1957, p.14, nossa tradução) define que o comportamento vocal é emitido “por uma complexa musculatura: o diafragma, as cordas vocais, as falsas cordas vocais, a epiglote, a abóboda palatina, a língua, a bochecha, os lábios e o maxilar.”. E que comportamento vocal é o mais comum entre os comportamentos verbais e é quase sempre verbal. Logo, há comportamento vocal não verbal, como os de comunicação não verbal (Catania, 1998), exemplificados na Figura 4, alguns comumente chamados paralinguísticos (não lexicais e não melódicos).

Ademais, Skinner (1957) propõe que comportamento vocal pode ser estímulo antecedente para muitos outros comportamentos verbais e não verbais, como os

comportamentos verbais de escrever, digitar, telegrafar, logografar, ideografar, pictografar, gesticular e outros. Portanto, o comportamento vocal pode ser registrado de diferentes formas para posteriormente ser reproduzido. Algumas dessas formas de registro não são completas, perdendo algumas propriedades do comportamento vocal como volume, velocidade, intensidade, timbre e inflexão.

*Outras características formais do comportamento de comunicação vocal.*

O comportamento vocal pode ser lexical ou não lexical, ou seja, pode ou não gerar sons equivalentes às palavras reconhecidas por uma comunidade verbal como parte de uma linguagem organizada (Skinner, 1957). Como apresentado anteriormente na Figura 4, comportamento de comunicação vocal não lexical (ou não idiomático), também chamado de paralinguístico, pode ter controle respondente ou operante. Outros sinais vocais não lexicais de controle operante (sinais paralinguísticos), ainda não descritos neste trabalho, são de 2 tipos principais (Steinberg, 1988):

- 1) Sinal onomatopaico<sup>4</sup>: uso do aparelho fonador para imitar sons não lexicais:

*Arghn!* ou *Urgh!* (som de nojo ou repulsa), *Atchim!* (espirro), *Au! Au!* (latido), *Poul!* (tiro), *Bii Bii* (buzina), *Bhur* ou *Bláaaa* (vomitar), *Blin Blong!* (campainha), *Buáá!* (choro), *Orrrh!* (arroto), *Cócóricó* (galo cantando), *Cof!*, *Cof!* (tosse), *Páaahh* (batida), *Ha Ha Ha!* (riso), *Miau!* (miado), *Muuu* (mugir), *Nhac!* (mordida, mastigar ou comer), *Nhec* (rangido), *Oops!* (espanto; medo; surpresa), *Qua, qua, qua, qua* (gargalhada), *Muss* (beijo), *Tic-*

---

<sup>4</sup> Segundo Bechara (2009, p. 56) onomatopeia é o uso de “fonemas em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime”, ou seja, é sinal lexical gráfico que registra de maneira escrita sinal sonoro.

*tac!* (som de relógio analógico), *Tchibum* (queda em água ou mergulho), *Toc*, *Toc* (bater da porta), *Zzz!* (zumbido) (Steinberg, 1988).

- 2) Sinal segregador: sons produzidos entre as emissões de sinais vocais lexicais (transcritos como *ah*, *er*, *uhm*). Podem reduzir o efeito do verbal sobre o ouvinte (e.g., clareza da fala), já que possuem topografia não lexical, ou seja, são ruídos na comunicação verbal. Por outro lado, podem sinalizar eventos privados, como medo (hesitação), raiva, tristeza, alegria (Steinberg, 1988).

### *Comportamentos de comunicação corporal cinésico e estático em meio óptico*

Pesquisas de Birdwhistell (1990/1970) apontam que a emissão de um vocal lexical por um falante apresenta, ao mesmo tempo, dimensões comportamentais semelhantes ao movimento do corpo (comportamentos cinésicos). E essa semelhança também pode ser observada no “ouvinte”, principalmente quando ele tem atitude reforçadora em relação ao comportamento do falante (Davis, 1979).

Os comportamentos cinésico e estático assemelham-se quanto à forma da resposta por envolverem o movimento do corpo (Figura 3: meio óptico). Como dito anteriormente, o que os diferencia são as formas do produto. No primeiro, o produto é o movimento do corpo *per se*; no segundo, é o corpo posicionado e mantido no espaço. Na literatura sobre comunicação, comportamentos cinésicos e proxêmicos foram estudados principalmente na Cinésica (Birdwhistell, 1990/1970) e na Proxêmica (Hall, 1977/1966).

O rosto, a cabeça e as mãos são as partes do corpo mais próximas dos olhos do “ouvinte” na interação. Assim, movimentos oculares, pupilares, cefálicos, faciais e manuais se tornaram fundamentais na comunicação. Como indicado na Figura 3, comportamentos cinéticos de meio visual podem ser classificados quanto à forma terciária: ocular, pupilar, facial (movimentar a face ou eliciar expressão facial), cefálica

(movimentar a cabeça), e gestual (movimentar outras partes do corpo, normalmente membros superiores).

Os comportamentos cinéticos e proxêmicos, entre outros aspectos, são relevantes na discriminação entre pessoas do gênero masculino ou feminino. Movimentos e posturas corporais que diferenciam o gênero são aprendidos contingencialmente na infância em cada cultura e possuem peso muito pequeno da filogênese. Por exemplo, o movimento e o posicionamento de pernas no cruzar é diferente entre norte-americanos e latino-americanos. Aqueles cruzam as pernas com os joelhos mais distantes entre si (ou apoiando o tornozelo sobre o joelho), quando comparados a estes. Por outro lado, os latinos tendem a manter as pernas e os pés paralelos, semelhante ao comportamento feminino de cruzar as pernas na cultura norte-americana. Portanto, o cruzar de pernas do latino-americano pode parecer afeminado ao norte-americano (Davis, 1979).

Em muitas culturas, as pessoas conseguem identificar os cinésicos que caracterizam o “masculino” e o “feminino”, bem como, discriminar mulheres masculinizadas e homens afeminados (Davis, 1979). Esses comportamentos de comunicação aumentam a probabilidade de sobrevivência do indivíduo e da espécie por favorecem a discriminação entre sexos e a possibilidade de reprodução da espécie. O estudo de cinésicos e proxêmicos na discriminação de gêneros é relevante, mesmo compondo a menor parte dos fatores que os distinguem. A maioria dos sinais que discriminam gênero (e outras características pessoais, como classe socioeconômica) são emitidos por corporais estáticos estéticos, como descrito a seguir.



*Comportamentos de comunicação corporal estático estético.*

Comportamentos de comunicação corporal estático estético envolvem a manipulação ou alteração do corpo, com auxílio ou não de instrumento ou substâncias, de maneira que o produto é a mudança estética do corpo ou do vestuário relacionado ao corpo (Figura 3). As alterações corporais envolvem a mudança de dimensões físicas do corpo, como a massa corporal e as proporções de músculo, osso e gordura no corpo, assim como alterações nas propriedades (forma, cor, textura) de pelos, unha, cabelos, cílios, pele. Portanto, há comportamentos com produtos imediatos: maquiar-se, arrumar cabelos, usar vestimenta ou acessório, cortar, extrair ou tingir cabelo, pelos, unhas ou cílios; e com produtos postergados: fazer dieta e exercícios físicos, usar substâncias (drogas), arriscar-se fisicamente (Corraze, 1982, Knapp, 1980).

*Comportamentos de comunicação corporal cinésico ocular.*

O comportamento de olhar destaca-se como comportamento de comunicação na Figura 3, ao sinalizar que a pessoa que olha está dando atenção – um dos principais reforços generalizados da espécie humana (Skinner, 1957) – a quem está na direção desse olhar.

O formato anatômico do olho humano facilita a discriminação entre ser ou não visto, e difere muito de outros mamíferos e até de outros primatas. No que tange à parte visível externa, há uma área de cor branca (esclera) e uma colorida (íris) com ponto escuro no centro (pupila). A esclera humana é proporcionalmente muito grande em relação à soma das áreas da íris e da pupila, comparada a outros mamíferos. Assim, há facilidade maior em perceber a direção do olhar (visada) em humanos do que em outros animais, tornando relevante o comportamento de olhar como operante de comunicação

(Birdwhistell, 1990/1970). A frequência e a duração do comportamento de olhar importam na interação entre duas ou mais pessoas. O comportamento de olhar nos olhos do “ouvinte”, com determinada duração e frequência, pode indicar atitude favorável ou não à interação interpessoal (Birdwhistell, 1990/1970, Caballo, 2003).

Segundo Caballo (2003), em uma revisão da literatura, após iniciada uma interação o “ouvinte” passa mais tempo olhando para o “falante”, do que o inverso. Em média, o primeiro olha 75% do tempo para o segundo e este, 40% do tempo para aquele. O “falante” também olha nos olhos do “ouvinte”, com duração média de 1,5 segundos e em 15% do tempo da fala. O encontro entre os olhares importa para sinalizar o término de uma fala, e assim encerrar a interação ou iniciar outra fala. A duração do olhar em uma interação a dois é de 5 a 15 segundos, enquanto em grupo é 3 a 4 segundos por pessoa, variando entre as pessoas do grupo (Birdwhistell, 1990/1970). A probabilidade de desviar o olhar em uma interação é maior diante de: (a) preparação para emissão vocal; (b) falar de forma truncada; (c) vacilar durante o falar; e (d) emitir operante encoberto, como o pensar. Por outro lado, a probabilidade de desviar o olhar em uma interação é menor: (a) no final da emissão do vocal; (b) durante a emissão de mandos curtos na forma de perguntas; (c) ao emitir outros sinais de atenção; e (d) durante o comportamento de rir (Caballo, 2003).

#### *Comportamentos de comunicação corporal cinésico pupilar.*

As pupilas aumentam ou diminuem conforme a intensidade luminosa, num controle respondente incondicionado. Contudo, o diâmetro pupilar é afetado por outros fatores além da luz: “Quando observamos algo que estimula nosso interesse, nossas pupilas dilatam-se mais do que corresponderia à iluminação ambiental do momento. Pelo contrário, as pupilas contraem-se quando observamos algo que repelimos” (Caballo,

2003, p.30). Assim, o dilatar ou o contrair das pupilas ocorrem em função de estímulos ambientais aprendidos. Esses estímulos ganham função de estímulo condicionado para o movimento pupilar, ou seja, passam a ter controle conjugado (respondente e operante) sobre o organismo. A dilatação das pupilas, devido a estímulo condicionado, sinaliza possível estímulo apetitoso. Por outro lado, sua contração normalmente sinaliza possível ocorrência de estímulo aversivo ou ausência de estímulo apetitivo esperado. Assim, o que é desejado/interessante ou indesejado/desinteressante ao “falante” se torna, pela comunicação corporal cinésica pupilar, comum ao “ouvinte” (Figura 3), mesmo fora do controle voluntário do “falante”.

*Comportamentos de comunicação corporal cinésico facial.*

Notar emoções em outros é fundamental para a qualidade das relações interpessoais, seja na vida particular ou profissional. Há prova suficiente de que a face é o principal local do corpo para sinalização de emoções (Caballo, 2003). Há, segundo Ekman, Friesen e Tomkins (1971), 3 regiões faciais para a sinalização de emoções via resposta de comunicação corporal cinésica facial (Figura 3): a testa/sobrancelhas, olhos/pálpebras e a parte inferior do rosto. Assim, a face se tornou, na evolução filogenética, parte importante do corpo para a identificação de emoções, que podem ocorrer em função de estímulos ambientais.

Como já dito, as contingências de seleção filogenéticas que determinaram o aparecimento de comportamentos respondentes, como as emoções e seus movimentos faciais, também proporcionaram o aparecimento do segundo nível de seleção, o ontogenético, (Skinner, 1981). A máxima da Embriologia, em que a “ontogênese, repete a filogênese” (Machado, 1993), comparece aqui também. Inicialmente, na ontogênese humana, movimentos faciais são eliciados por estímulos ambientais, ocorrendo

concomitantemente às emoções básicas. O desenvolvimento de repertórios operantes propicia a emissão de movimentos faciais com função comunicativa, seja a reprodução voluntária de movimentos faciais respondentes, seja a emissão de outro movimento facial previamente reforçado. Portanto, embora as emoções estejam filogeneticamente determinadas, existem distinções culturais com relação às propriedades ou dimensões desses comportamentos, como duração, frequência e intensidade, e os estímulos antecedentes que sinalizam a emissão operante, bem como a tentativa de controle dos movimentos respondentes (Caballo, 2003).

*Comportamentos de comunicação corporal cinésico cefálico.*

Respostas corporais cinésicas cefálicas, o movimentar a cabeça (Figura 3), são muito fáceis de serem vistas pelo “ouvinte” dada a proximidade ao “falante”. Todavia a cabeça só se movimenta de 3 formas (Caballo, 2003): (a) vertical, observada em quase todas as culturas humanas, também em cegos de nascença e surdos, relevante nas interações interpessoais, pois pode indicar reforço generalizado (o “falante” concorda, dá atenção ou entende o “ouvinte” [Skinner, 1957, Caballo, 2003]) ou término da interação (Knapp, 1980); (b) horizontal, também presente em quase todas as culturas, mas com efeito oposto sobre o “ouvinte”; e (c) mais elevada ou mais abaixada, sinalizando superioridade ou subordinação, respectivamente (Caballo, 2003). Isso é muito pouco, comparado a outras partes do corpo a exemplo de mãos ou face.

*Comportamentos de comunicação corporal cinésico gestual.*

A maioria dos comportamentos cinésicos gestuais utilizam mão(s) ou dedo(s), enquanto parte principal ou secundária do corpo, para sinalizar com movimento. Isso se

evidencia no gestuário proposto por Rector e Trinta (1986): dos 53 gestos propostos, 34 utilizam a mão como a principal parte do corpo; em 16, a mão é secundária no movimento, sendo prevalecendo em 12 deles são os dedos; apenas 3 dispensam a mão, predominando cabeça ou rosto.

Na literatura sobre o comportamento cinésico “fazer gesto” (Figura 3) são propostos 5 tipos: emblemático, ilustrativo, regulador, afetivo e adaptativo (Birdwhistell, 1990/1970). O emblemático é de especial interesse à Análise do Comportamento, já que adquire equivalência funcional a verbais lexicais, podendo ser “palavra” (e.g., balançar o polegar para cima, que equivale à palavra *sim*) ou “frase” (e.g., movimentar a mão e/ou os dedos ou indicador [posição vertical] com as costas da mão/dedo[s] voltado[as] para o “ouvinte”, que equivale ao mando *venha você aqui*). As relações de equivalência do gesticular emblemático são conhecidas por quase toda a comunidade verbal. Portanto, esse tipo de comportamento pode substituir operantes verbais vocais em conversa. Normalmente, os emblemas são emitidos como equivalentes verbais vocais, mais provavelmente quando há maior custo de resposta ou impossibilidade de emissão de operantes vocais (e.g., ruídos ou grande distância entre “ouvinte” e “falante”; Skinner, 1957, Birdwhistell, 1990/1970).

#### *Comportamentos de comunicação corporal estático proxêmico.*

Comportamentos de comunicação corporal estático proxêmico é o genérico posicionar do corpo no espaço (Figura 3), podendo ocorrer de 2 formas (outras características formais): posicionar o corpo em relação a si mesmo: proxêmico postural; e posicionar o corpo em relação a outros estímulos: proxêmico distal. Assim, parte dos comportamentos estudados pela Cinésica, como posição do corpo em relação a si mesmo (“braços cruzados” ou “corpo encolhido”), são classificados na taxonomia (Figura 3)

como comportamentos corporais estáticos proxêmicos posturais. Exemplifica produtos de proxêmicos distais a distância mantida pelos organismos entre si e outros estímulos. Skinner (1957) ilustra a comunicação pelos comportamentos proxêmicos distais de policial abordando falante subversivo, cuja fala decresce em força à medida dessa aproximação, e de ouvinte atrás da vidraça de ou distante do falante, cujo movimento da “fala com os lábios” é modulada à medida dessa distância ou obstáculo.

Pelo processo de aprendizagem por observação, há forte relação entre os proxêmicos posturais de “ouvinte” e de “falante” que possuem relações interpessoais estabelecidas. Assemelham-se posição das pernas, dos braços, das mãos (cruzados, soltos ou invertidos, como em um espelho) e a inclinação do tronco. Normalmente, 2 pessoas com mesma opinião ou visão também assumem posturas corporais semelhantes (Davis, 1979). Assim, comportamentos proxêmicos posturais podem permitir identificar, em grupo de pessoas que discutem, as que compartilham o mesmo ponto de vista e as que se opõem. Da mesma forma, é possível notar, apenas pela mudança desses comportamentos, quando alguém muda de opinião em relação a outra ou ao grupo. Por outro lado, dois amigos ou parentes com opiniões distintas e que ainda assim emitem proxêmicos posturais semelhantes sinalizam que a relação interpessoal possui mais valor do que a divergência de opinião.

Dentre os produtos do proxêmico postural há a orientação do corpo do “falante” em relação ao “ouvinte”. O ângulo formado pelas linhas dos ombros de ambos em interação determina o grau de orientação corporal. Linhas paralelas (interação face a face) ou ângulos muito fechados sinalizam maior probabilidade de interação, seja ela apetitosa ou aversiva. Por outro lado, ângulos muito abertos sinalizam menor probabilidade de interação (Caballo, 2003). Assim, manter de 10 a 30 graus de orientação corporal apropria-se a muitas situações interpessoais, em que “falante” e “ouvinte” se mantêm

ligeiramente angulados. Esse grau de orientação sinaliza probabilidade de interação, sem ameaça ou invasão.

O comportamento proxêmico (distal), termo também proposto por Hall (1977/1966), vincula-se aos outros comportamentos de comunicação idiomática ou gestual, como sugeriu Skinner (1957), pois a distância entre “ouvinte” e “falante” é uma variável que altera o efeito de outros comportamentos de comunicação. Assim, as distâncias propostas por Hall podem variar conforme fatores ambientais, como ruído ou iluminação, já que estão fundamentadas na capacidade sensorial do “ouvinte” de notar e nas condições físicas que possibilitam o “falante” ser notado. Nessas variações, os proxêmicos classificam-se nas seguintes categorias, todas com as subcategorias afastada e próxima: (a) distância pública; (b) distância social; (c) distância pessoal; e (d) distância íntima.

A distância pública se aplica a qualquer pessoa em ocasiões consideradas públicas por uma comunidade verbal, ou seja, emitindo comportamentos de comunicação para grupo de ouvintes (público). Proxêmicos de distância pública ocorrem quando o contexto sinaliza estímulo apetitivo (e.g., flerte) ou aversivo (e.g., assalto) ao “ouvinte” (Hall, 1977/1966). Classificam-se em: (a) proxêmico de distância pública afastada (de 7,5 m a 9 m), com estreita relação com o volume (maior) e a velocidade (menor) do comportamento verbal vocal e o risco da interação falante-ouvinte; e (b) proxêmico de distância pública próxima (de 3,5 m a 7,5 m), relacionado com volume maior das vocalizações, mas preservando propriedades vocais e favorecendo comportamentos de fuga ou defesa, se o “falante” se sente ameaçado.

A distância social estabelece distância do “ouvinte” entre 1,2 m e 3,5 m, ou seja, é emitida normalmente em ocasiões sociais formais, requerendo manter as propriedades dos operantes verbais vocais, mas ao mesmo tempo preservando a impessoalidade.

Nesses contextos sociais formais as pessoas não se tocam e não esperam serem tocadas, enquanto a individualidade é preservada, já que é difícil perceber detalhes faciais. Os 2 tipos de proxêmicos de distância social pouco diferem (Hall, 1977/1966), apenas a pessoalidade. A afastada (2,1 a 3,5 m) sinaliza mais formalidade, normalmente envolve negócios e discurso formal. A próxima (1,2 a 2,1 m), apesar de poder sinalizar diferenças hierárquicas, sinaliza mais informalidade, porém de intensidade menor.

A distância pessoal afastada (80 a 120 cm, aproximadamente dois braços), sinaliza a possibilidade de ocorrer contato físico, se “falante” e “ouvinte” desejarem, como o envolvimento pessoal. A distância pessoal próxima (50 a 80 cm, aproximadamente um braço), sinaliza que o “ouvinte” é familiar ou amigo do “falante”, permitindo-o emitir comportamento vocal com mais precisão (clareza), mesmo com volume abaixo do normal (Hall, 1977/1966).

A distância íntima é propriedade de respostas proxêmicas em áreas particulares, pois sua emissão, em especial por adultos, é considerada inadequada em áreas públicas. São respostas relacionadas à percepção dos estímulos térmicos, gustativos e olfativos do corpo do “ouvinte”, criando a sensação de intimidade, aprendida durante as experiências de contato parental ou sexual (Hall, 1977/1966).

Com tal função, as respostas proxêmicas de distância íntima afastada (15 a 45 cm) envolvem, dentre outras possibilidades, o toque das mãos no “ouvinte” sem ter de estender o braço completamente em direção a ele (da mesma forma, é possível envolver o corpo dele com parte dos braços). É de especial importância na análise de propriedades da energia vocal (Skinner, 1957). Entre 15 e 25 cm, o vocal apresenta volume baixo, pois volume normal teria o efeito de gritar a uma distância pessoal. O sussurrar (volume muito baixo) também pode ser emitido mantendo precisão semelhante à do verbal vocal de



volume baixo, já que a essa distância possibilita ver com clareza o movimento dos lábios, da língua, dos dentes, da bochecha e do maxilar na emissão do vocal.

As proxêmicas de distância íntima próxima (menos de 15 cm) têm função de confortar, proteger, demonstrar afeto positivo ou atacar o “ouvinte” e, em geral, acompanham vocal muito baixo (na forma de sussurrar). São fundamentais para emissão de comportamentos de comunicação corporal em meio termomecânico (tocar, abraçar, beijar); logo, favorecem contato físico entre “ouvinte” e “falante”.

#### *Comportamentos de comunicação corporal em meio termomecânico*

Segundo Skinner (1957, p. 14, nossa tradução) “Mas há [...] linguagens nas quais o ‘falante’ estimula a pele do ‘ouvinte’”, como no toque. A comunicação estudada pela Tacêsica, o tocar (com o corpo, Figura 3), é o tipo mais antigo de comunicação entre os organismos, já que o tato foi o primeiro dos sentidos a se desenvolver (Montagu, 1971, Silva, 2006). Tocar sinaliza aproximação e pessoalidade, sendo cautelosamente utilizado na cultura ocidental. É a mais íntima forma de comunicação, sendo o sexo a mais intensa (ou ampla) do tocar. A Tabela 2 mostra as três categorias funcionais do tocar com função comunicativa (no tocar não comunicativo, como o de um médico avaliando o corpo do paciente, a pessoa tocada não é “ouvinte”, pois seu corpo é estímulo por si para quem toca; falta informação tornada comum [Caballo, 2003, Montagu, 1971]).

Tabela 2

Categorias e descrições funcionais do tocar comunicativo.

Categoria	Descrição	Exemplo
Tocar social	Sinalizar que o ouvinte pertence a comunidade verbal (ou protoverbal) comum ao falante, normalmente utilizado em situações profissionais ou formais.	Aperto de mãos ou outros cumprimentos formais.
Tocar amigável	Função de sinalizar pessoalidade e intimidade, é o tocar entre amigos.	Abraçar informal, troncos de ouvinte e falante se tocando.
Tocar íntimo	Sinaliza muita intimidade com o ouvinte, é utilizado para expressar afeto positivo pelo ouvinte, normalmente utilizado entre casais, entre pais e filhos, e amigos muito íntimos.	Beijar (no rosto e na boca), deitar ou sentar-se no colo, andar de mãos dadas.

O tocar varia conforme as culturas, os contextos sociais, o histórico das relações interpessoais, o gênero e a fase do desenvolvimento (idade) de “ouvinte” e “falante”. Na revisão da literatura para este estudo evidencia-se a relevância do estudo das formas de tocar como formas de comportamento de comunicação, já que envolve diretamente a sinalização de contexto para ocorrência de outros comportamentos ou pode chegar a ser comportamento verbal, ou seja, socialmente mediado. Ainda há a possibilidade de tocar com intermédio de objetos ou substâncias: nesse caso a resposta será instrumental objetual assemelhando-se funcionalmente ao tocar corporal.

Quanto à forma, o tocar pode ser estático ou cinésico. O tocar estático mantém a área de contato no início do comportamento quase equivalente à área tocada durante a duração restante: aperto de mão, “tapinha no ombro”. O tocar cinésico envolve a mudança de área de contato depois de iniciado o comportamento, ou seja, a área tocada ao longo da sua duração é consideravelmente maior do que a área inicialmente tocada, como no comportamento de massagear ou acariciar.

*Comportamento de comunicação instrumental em meio sonoro*






Machado (2014) afirma que a música normalmente é produto de comportamento verbal. Portanto, a manipulação de instrumentos musicais (instrumento que emita sinal sonoro) pode ser comportamento de comunicação instrumental em meio sonoro verbal ou não. A emissão de sinal sonoro por si pode ter efeito comunicativo, sinalizando a localização ou a velocidade do emissor, como buzinar em carro parado ou em movimento, respectivamente. Ademais, um conjunto de sinais sonoros, da mesma forma que o comportamento vocal, pode ou não ter melodia (Machado, 2014), outra característica formal do comportamento instrumental em meio sonoro.

*Comportamento de comunicação instrumental textual em meio óptico ou termomecânico*

Comportamentos de comunicação instrumental textual envolvem o uso do corpo para manipulação de instrumentos para que o produto seja um texto bidimensional, produto de resposta instrumental gráfica textual em meio óptico; ou tridimensional, produto de resposta instrumental objetual textual em meio termomecânico.

Isso possibilita definir o texto como conjunto de signos bidimensional ou tridimensional. Skinner (1957) sugere haver pouco interesse na reformulação de conceitos como signo, sinal ou símbolo, para explicar os fatores do comportamento verbal (talvez por isso ele não definiu “texto”). Todavia a reformulação desses conceitos em termos comportamentais importa para a compreensão de conceitos e pesquisa em outras áreas, bem como refinar o conceito de “texto”. Texto, signo ou símbolo são relações treinadas em comunidade verbal.

Signo é sinal que, como produto de comportamento, passa a exercer, por algum motivo, a função equivalente à de outro sinal (produto do ambiente ou do comportamento). Desse ângulo, o signo é sinal (comportamental) que mantém relação de equivalência com outro sinal (ambiental ou comportamental). A semiótica descreve 3 tipos de signos: ícone, índice e símbolo (Santaella & Nöth, 2004). Diferem conforme o tipo de relações entre o sinal comportamental emitido (“significante”) e o sinal ambiental ou comportamental equivalente (“significado”).

Ícone é signo relacionando as propriedades físicas do sinal comportamental emitido e do sinal equivalente; logo, a equivalência é facilmente estabelecida, como nos pictogramas em que a imagem evoca com facilidade o sinal (ambiental ou comportamental). O desenho “” pode ser considerado ícone do objeto sino. Quando o signo é índice (ou indicador), existem relações entre o sinal comportamental emitido e o sinal equivalente, mas sem semelhança nas propriedades físicas: hierárquica (o avião  pertence ao aeroporto), temporal (nuvens negras com trovoada  ocorrem antes da chuva), espacial (o uso de talheres e prato  se dá próximo de comida), causal (o sino  produz som de sino), etc. Símbolo é um tipo de signo em que a relação entre o sinal comportamental emitido e o sinal equivalente é puramente convencional e arbitrária. Esse conceito embasou o desenvolvimento dos estudos da linguagem e da comunicação em diferentes áreas, já que o léxico é composto predominantemente por símbolos, assim como é a grafia dos fonemas (Catania, 1998).

Isso posto, texto é melhor conceituado como conjunto de signos (definidos de modo funcional anteriormente), independentemente de serem ícones, índices ou símbolos. O texto simbólico é o mais familiar, tanto como estímulo para o comportamento verbal tomar ditado quanto para o textual (Skinner, 1957). Todavia, ícones ou índices também produzem texto, ou seja, o texto não está restrito ao léxico. Com isso, na Figura

3, temos como exemplos de comportamentos de comunicação instrumental textual: escrever, digitar, pictografar, ideografar, logografar, compor música em partitura, fotografar, desenhar, esculpir, escrever em Braille, esculpir palavras ou manufaturar objeto símbolo.

*Comportamento de comunicação instrumental objetual não textual em meio óptico e termomecânico*

Comportamentos de comunicação instrumental objetual não textual envolvem o uso do corpo para manipulação de instrumentos de maneira que o produto seja objeto não textual (sem “significado” prévio, revelando “a completa ausência de signo”, em termos comportamentais é o que não estabelece relação de equivalência com outro estímulo ou sinal). Esses objetos não textuais podem ser bidimensionais, produtos de resposta instrumental gráfica não textual em meio óptico, ou tridimensionais, produtos de resposta instrumental não textual em meio termomecânico ou de resposta instrumental objetual estática. Assim, fotografar ou desenhar podem ter resposta instrumental gráfica não textual. Diferentemente de esculpir, decorar, manufaturar, limpar e construir imóvel, geralmente respostas classificadas como instrumental não textual em meio termomecânico (produto tátil, escultura); e, havendo luz ambiental suficiente, objetual estática em meio óptico (quando o produto também é visual, como escultura). Assim, a mesma resposta pode ter simultaneamente diferentes classificações quanto à forma secundária e/ou terciária.

*Comportamento de comunicação instrumental objetual cinético*

O comportamento de comunicação instrumental objetual cinético ocorre exclusivamente em meio óptico e manipula substâncias ou objetos pelo corpo de modo

que o movimento do objeto em relação ao corpo é o produto do comportamento. Só ocorrem alterações do objeto ou substância quando consumidos pelo “falante”. A diferença entre a resposta objetal estática e a objetal cinética é que na primeira o corpo não participa do produto, apenas da resposta em si; já na segunda, há participação do corpo tanto no produto quanto na resposta. Exemplos de comportamentos de comunicação instrumental objetal cinético: portar ou usar objeto (bolsa, arma, livro), consumir ou manipular substância (bebida, comida, drogas), conduzir veículo e morar (habitar).

#### *Comportamentos de comunicação em meio líquido ou gasoso*

Comportamentos de comunicação em meio líquido ou gasoso envolvem emitir ou eliciar respostas cujos produtos são odores ou sabores. É comum nas culturas humanas o uso de substâncias e objetos para produzir aromas ou sabores (Knapp, 1980), comportamentos com resposta instrumental em meio líquido ou gasoso. Skinner (1957) aponta importância de odores ou sabores como estímulos antecedentes para operantes verbais. Exemplos, raros na literatura sobre humanos, são emitir ou eliciar respostas produzindo odores ou sabores corporais: respiração e secreções (sangue, suor, lágrimas, leite materno, fezes, urina, sêmen, normalmente sob controle respondente, mas moduladas por controle operante). Exemplos em não humanos são o uso de feromônio ou urina (Lent, 2010).

#### *Dimensões do comportamento de comunicação vocal: a paralinguagem*

As propriedades do comportamento de comunicação vocal são conhecidas na literatura como componentes ou aspectos paralinguísticos: repetição, volume, velocidade,

timbre, tom, inflexão, clareza do vocal e intervalos de silêncio. Para compreendê-los em termos comportamentais é necessário apresentar o conceito *dimensão do comportamento*.

O glossário técnico da ABA (2007) define que as dimensões do comportamento são “características descritivas mensuráveis (parâmetros) que qualificam aspectos específicos do desempenho, tais como frequência, taxa, intensidade, duração, topografia e precisão”. Skinner (1957) sugere que no comportamento verbal as dimensões do comportamento seriam suas propriedades, reservando o termo *dimensões* para estímulos e repostas não verbais. Considerando que o comportamento de comunicação inclui comportamentos não verbais, optou-se pela expressão *dimensões do comportamento*, ressaltando tratar-se de propriedades do comportamento, quando verbal.

Frequência de comportamento é “o número de vezes que um comportamento ocorre. Muitas vezes expressa como uma taxa, isto é, em relação a um determinado período de tempo.” (ABA, 2007). Portanto, a taxa deriva da frequência. No comportamento vocal, repetição (termo utilizado para distinguir frequência de som vocal [grave, agudo] de frequência de comportamento vocal [taxa elevada, baixa]) de operante vocal é indicada pela frequência (ou taxa) desse operante. A repetição de um operante verbal tem importância especial, pois é diretamente proporcional à energia do comportamento verbal, juntamente com o volume e a velocidade (Skinner, 1957).

A energia do comportamento verbal vocal, segundo Skinner (1957), se apresenta em níveis e não deve ser confundida com probabilidade de ocorrência de resposta. Assim, uma resposta apresenta alto nível de energia quando é forte, com ênfase, tendo ou não alta probabilidade de ocorrer.

Outra dimensão do comportamento relevante à energia da resposta verbal é sua intensidade. A dimensão intensidade é a força com a qual uma resposta é emitida (ABA, 2007). No comportamento vocal o volume de som varia do muito intenso, como o grito,

ao muito baixo, como o sussurro. O volume também tem relação direta com a energia da resposta verbal vocal. Portanto, a intensidade (ou volume) de resposta vocal é dimensão reveladora também do nível de energia daquela resposta.

A velocidade do comportamento vocal deriva da dimensão comportamental chamada duração: quando a duração de um comportamento vocal diminui, a velocidade aumenta. A velocidade do verbal vocal é uma das três dimensões, com a frequência e o volume, que compõe a energia do comportamento verbal (Skinner, 1957).

A dimensão precisão é definida como “a extensão em que a resposta satisfaz os padrões ou é correta.” (ABA, 2007). No comportamento vocal, resposta precisa é resposta clara, ou seja, a clareza de comportamento vocal é medida pela dimensão precisão.

Afora as dimensões citadas, a dimensão latência define-se como “O tempo decorrido desde a apresentação de um estímulo antecedente (sugestão, alerta, sinal) e a resposta.” (ABA, 2007). No comportamento vocal, a latência é o silêncio do emissor entre respostas. Ausência de resposta entre vocais, que alguns autores chamam de silêncio, na análise do comportamento, é latência do vocal.

A dimensão topografia reúne características de uma resposta. Foram apresentadas anteriormente características do vocal como a presença ou não de léxico e a presença ou não de melodia. Outras características formais também comparecem na resposta vocal, como tom, inflexão e timbre. Tom vocal é a altura ou a frequência sonora do som emitido, que pode variar do agudo ao grave (Fux, 1957). Inflexão vocal são as variações de tons no mesmo operante vocal. Extensão vocal é a variação entre o menor e o maior tom (frequência ou altura sonora) que um organismo consegue emitir. Estas variações de tom produzem diferentes inflexões no comportamento vocal. Timbre é a característica vocal que permite discriminar vozes com o mesmo tom (frequência sonora) e intensidade (volume de voz) (Fux, 1957). Como as impressões digitais, o timbre de voz individualiza



cada organismo, pois resulta do tamanho e forma nas cavidades vocais do corpo, que são únicas e individuais (Caballo, 2003).

Enfim, repetição, volume, velocidade, timbre, tom, inflexão, clareza e intervalos de silêncio são dimensões (ou propriedades) do comportamento de comunicação vocal. A repetição é a dimensão frequência; o volume, a dimensão intensidade; a velocidade, a duração; o timbre, o tom e a inflexão, a topografia; a clareza, a precisão; e os intervalos de silêncio, a latência (Tabela 3).

Tabela 3

Dimensão (ou propriedade) do comportamento de comunicação vocal:  
nomenclatura para vocal e comportamentos gerais.

Nomenclatura para comportamento vocal	Nomenclatura para comportamentos em geral
Repetição*	Frequência
Volume*	Intensidade
Velocidade*	Duração
Timbre, Tom e Inflexão	Topografia
Clareza	Precisão
Intervalo de Silêncio	Latência

\*Componentes de Energia do Comportamento Verbal (Skinner, 1957)

O estudo das propriedades vocais é relevante já que podem ter função verbal autoclítica (Skinner, 1957). Segundo Caballo (2003), o estado afetivo altera as propriedades vocais de tal forma que é possível notar o estado emocional do falante apenas por essas propriedades. Assim, pode-se dizer que dimensões vocais do comportamento podem assumir a função autoclítica descritiva, indicando alegria, tristeza, impaciência, enfado, ou ira eliciada pelo que está sendo dito. Ademais, as propriedades vocais podem apresentar efeito autoclítico quando possuem características de ironia. Trecho dos dados coletados por Balbi Neto (2016) foi transcrito segundo Preti (1997), que instrui a modulação do comportamento do leitor para o significado contextual do comportamento em questão, e ilustra tal efeito:

*Querida:::.... eu não posso fazer nada se você tem outros compromissos... eu tenho que acordar na hora que eu DEVO acordar que eu ACHO que é o legal... então assim... a minha sugestão é deixa para arrumar a cama depois...* (participante F2 interpretando a personagem Daniela).

“Querida”, operante básico, é dito com “tom irônico” (propriedades vocais classificadas na comunidade verbal como irônico: velocidade baixa, prolongando a duração dos sons das vogais, e tom mais agudo que o normal para a extensão vocal da falante). Isso acaba tendo efeito autoclítico manipulativo, pois as propriedades vocais instruem o ouvinte a arranjar e relacionar o operante básico *querida* pelo contrário do sentido literal: pessoa que elicia irritação ou raiva. Esta função estende-se às demais propriedades vocais de ênfase: DEVO e ACHO foram enfatizados com volume mais baixo e uma velocidade mais baixa, sem perder o tom mais agudo que acompanha toda a fala.

### Conclusão

Este artigo descreveu as diferentes topografias (formas) da resposta do comportamento humano de comunicação, propondo taxonomia. Assim como na química, em que houve diferentes propostas de classificação para os elementos químicos até se chegar à proposta atual da tabela periódica, e na zoologia, em que também foram propostas diferentes formas de classificação dos animais, este artigo também poderá ser complementado, questionado ou contrariado em estudos futuros. Ademais, este artigo está voltado para os meios e as formas das respostas públicas de comunicação, sendo que outros trabalhos poderão se dedicar à difícil descrição das formas das respostas de autocomunicação (encobertas). A grande relevância está em manter debate científico

sobre classificação topográfica de comportamentos facilitando o estudo e a comunicação entre pesquisadores.

Para atingir os objetivos foram propostas 2 categorias de contexto (público e encoberto); 5 categorias de meios (sonoro, óptico, termomecânico, gasoso e líquido); 2 categorias de forma primária (corporal e instrumental) e 21 categorias de forma secundária, terciária ou outra característica formal (cefálico, cinésico, cinético, distal, estático, estético, facial, gestual, gráfico, lexical, melódico, não lexical, não melódico, não textual, objetal, ocular, pupilar, proxêmico, proximal, textual, e vocal). Dessas categorias resultaram 29 possibilidades de classificação da resposta do comportamento de comunicação, conforme apresentado e exemplificado na Figura 3.

#### Referências

Association for Behavior Analysis. (2007). *ABA Glossary*. Recuperado em 13 jan. 2016:

<http://www.scienceofbehavior.com>.

Aulete, C. (2011). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*.

Rio de Janeiro: Lexikon.

Bechara, E. (2011). *Dicionário da língua portuguesa* Evanildo Bechara. Rio de Janeiro:

Nova Fronteira.

Baum, W. M. (1999). *Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*.

(M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, Trad.). Porto Alegre: Artes

Médicas Sul Ltda. (trabalho original publicado em 1994).

Birdwhistell, R.L. (1990). *Kinesics and context: essays on body motion communication*.

5.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. (trabalho original publicado em 1970).

- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Catania, A. C. (1998). The taxonomy of verbal behavior. In K. A. Lattal & M. Perone (Eds.) *Handbook of research methods in human operant behavior* (pp. 405-433). New York: Plenum.
- Corraze, J. (1982). *As comunicações não verbais*. (R. C. de Lacerda, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Davis, F. A. (1979). *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Componentes não verbais e paralinguísticos das habilidades sociais. In Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (147-186). São Paulo, SP: Vozes.
- Dias, M. D. R. D. F., Sebastião, F. J. D. C., & Silva, M. M. R. T. P. (2014). Comunicação pedagógica e relacional em uma consulta periodontológica. *Periodontia*, 24(4), 50-56.
- Ekman, P., Friesen, W.V., & Tomkins, S.S. (1971). Facial Affect Scoring Technique: A first validity study. *Semiotica*, 3, 37-58.
- Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chave. *Revista brasileira de educação especial* 10 (3), 257-272.
- Fux, R. (1957). *Dicionário enciclopédico da música e músicos*. São Paulo: Gráfica São José.

- Garry, M., & Pear, J. (2009). *Modificação do Comportamento: o que é e como fazer*. São Paulo: Roca.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11(2), 161.
- Hall, E. T. (1977). *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (trabalho originalmente publicado em 1966)
- Harper, D. (2001). *Topography*. In Online Etymology Dictionary. Recuperado em 13 jan. 2016: <http://www.etymonline.com/index.php>.
- Knapp, M. L. (1980). *La Comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós.
- Lent, R. (2010). *Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência* - 2ª edição. Brasil: Editora Atheneu.
- Machado, A. B. (1993). *Neuroanatomia funcional*. Rio de Janeiro: Atheneu.
- Machado, A. R. (2014). *O Comportamento Verbal Musical: Conceitos e Dados Experimentais*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16(2), 191.
- Michael, J. (2000). Implications and refinements of the establishing operation concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(4), 401-410.
- Montagu, A. (1971). *Touching: The human significance of the skin*. Oxford, England: Columbia U. Press.
- Peirce, C. S. (1974). *Collected papers of Charles Sanders Peirce* (Vol. 5). Cambridge: Harvard University Press.

- Prochet, T. C., & Silva, M. J. P. D. (2012). Estratégias que colaboram na independência física e autonomia do idoso hospitalizado. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene*, 12(4), 678-83.
- Ramos, A. P., & Bortagarai, F. M. (2012). A comunicação não-verbal na área da saúde. *Revista CEFAC*, 14(1), 164-170. Epub July 08, 2011. Retrieved March 08, 2016, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462012000100019&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462012000100019&lng=en&tlng=pt).
- Ramírez, P., & Müggenburg, C. (2015). Relaciones personales entre la enfermera y el paciente. *Enfermería universitaria*, 12(3), 134-143. <https://dx.doi.org/10.1016/j.reu.2015.07.004>
- Rebouças, C. B. D. A., Pagliuca, L. M. F., Sawada, N. O., & Almeida, P. C. D. (2012). Validation of a non-verbal communication protocol for nursing consultations with blind people. *Rev. Rene*, 13(1), 125-139.
- Rector, M., & Trinta, A. R. (1986). *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes.
- Santaella, L., & Nöth, W. (2004). *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker.
- Sgariboldi, A. R., Puggina, A. C. G., & Silva, M. J. P. (2011). Análise da percepção dos professores em relação aos sentimentos dos alunos em sala de aula. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(5), 1206-1212. Retrieved March 08, 2016, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000500025&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500025&lng=en&tlng=pt).
- Silva, M. J. P. D. (2006). *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo: Loyola.

- Silva, V. V. P. D., Caramaschi, S., & Sartori, M. M. P. (2011). Relações entre proeminência facial nas fotos do Orkut e o perfil dos usuários. *Interação psicol*, 15(2), 183-192.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: MacMillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974) *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45, 115-22.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill
- Steinberg, G. M. (1988). *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual.
- Teixeira Junior, R. R., & Oliveira, M. A. S (2006). *Vocabulário de Análise do Comportamento*. São Paulo: ESETec.
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses and private events: Conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29, 13-31.
- Vargas, E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner's Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 167–183.

### 3. Artigo 2

O Processo Verbal Superior: proposta metodológica de classificação dos autoclíticos lexicais da língua portuguesa

#### RESUMO

A análise skinneriana do comportamento verbal avança a interpretação e a explicação funcional dos determinantes da comunicação humana. Todavia, pesquisas sobre autoclítico apresentam limitações de alcance e impacto, já que é difícil reconhecer a função das suas variações topográficas. Considerando tal dificuldade, este artigo metodológico propõe método de classificação de autoclíticos gramaticais lexicais, com base na classificação gramatical da língua portuguesa, ilustrando sua aplicação com transcrição de verbalizações. O método foi inferido da auto-observação da análise de transcrições e, daí seus três passos analíticos: Preparação, Classificação e Revisão. A Preparação marca palavras com potencial para serem apenas operantes básicos. O segundo passo é a Classificação do restante das palavras, possivelmente autoclíticos, conforme a classificação gramatical sugerida. A Revisão confirma os passos anteriores, classificando operantes não classificados ainda, ou reclassificando os operantes classificados nos dois primeiros passos, ratificando sua função. Conclui-se que esta proposta metodológica pode facilitar a identificação e classificação de autoclíticos lexicais, assim colaborando com o alcance e o impacto de pesquisas sobre autoclíticos.

**Descritores:** Comportamento Verbal, Autoclítico, Metodologia, Comunicação, Linguagem

#### ABSTRACT

Skinner's verbal behavior analysis provides both interpretation and functional explanation of human communication's determinants. Nonetheless, researches on the autoclitic present both reach and impact limitations, considering the difficulty of recognizing the function of its topographic variations. Therefore, this methodological paper proposes a method for the classification of lexical, grammatical autoclitics, based on the Portuguese language grammatical classification, illustrating its application with verbalizations transcription. The method was inferred from the self-observation of the transcriptions analysis, thence its three analytic steps: Preparation, Classification, and Revision. Preparation marks words that have potential to be basic operants only. The



second step is the Classification of the remaining words, possibly autoclitic, according to the grammatical classification suggested. Revision confirms the preceding steps, classifying operants not classified yet, or reclassifying the operants classified in the first two steps, thus certifying their function. It is concluded that this methodological proposition can facilitate both identification and classification of lexical autoclitic, thus contributing to both the reach and the impact of researches on autoclitics.

**Key-words:** Verbal Behavior, Autoclitic, Methodology, Communication, Language.

## RESUMEN

El análisis de Skinner de la conducta verbal avanza la interpretación y la explicación funcional de los determinantes de la comunicación humana. Todavía, investigaciones sobre autoclítico presentan limitaciones de alcance e impacto, ya que es difícil reconocer la función de sus variaciones topográficas. Considerando tal dificultad, este artículo metodológico propone método de clasificación de autoclíticos gramaticales lexicales, con base en la clasificación gramatical de la lengua portuguesa, ilustrando su aplicación con transcripción de verbalizaciones. El método resulta de la auto observación del análisis de transcripciones y, de ahí, sus tres pasos analíticos: Preparación, Clasificación y Revisión. La Preparación señala palabras con potencial para ser solo operantes básicos. El segundo paso es la Clasificación del resto de las palabras, posiblemente autoclíticos, conforme la clasificación gramatical sugerida. La Revisión corrobora los pasos anteriores, clasificando operantes aunque no clasificados, o reclasificando los operantes clasificados en los dos primeros pasos, ratificando su función. Se concluye que esta propuesta metodológica puede facilitar la identificación y clasificación de autoclíticos lexicales y así colaborar con el alcance y el impacto de investigaciones sobre autoclíticos.

**Descriptores:** Conducta Verbal, Autoclítico, Metodología, Comunicación, Lenguaje

Segundo Skinner (1957), o comportamento operante atua no ambiente basicamente de duas maneiras: (a) mecânica e direta (*i. e.*, produzindo efeitos mecânicos no ambiente, que exercem função sobre esse ou outro comportamento do organismo); e (b) socialmente mediada ou indireta (*i. e.*, produzindo efeitos no ambiente pela mediação de outro comportamento do organismo [no caso, denominado falante] ou de outra pessoa [ouvinte], que exercem função sobre esse ou outro comportamento do falante). A primeira forma classifica o operante como não verbal; a segunda, verbal.

O desenvolvimento do repertório verbal do falante depende de contingências de reforçamento providas por uma comunidade de ouvintes-falantes, agentes especiais e informalmente condicionados para, na condição de mediadores, ensinar-lhe esse repertório. Esses agentes são especiais porque modelam e dão modelos de comportamentos de modo eficiente através da mediação (Skinner, 1957). As respostas desse repertório verbal “possuem tantas propriedades topográficas distintas que se justifica um tratamento especial” (Skinner, 1957, p.02, nossa tradução) das mesmas e desses agentes especiais, por um programa de pesquisa. Trata-se, portanto, de interação social ou relação interpessoal ao longo da vida do falante (Skinner, 1957). Nessa interação social, esses agentes reforçam (consequenciam) relações entre uma resposta do falante e os estímulos antecedentes a ela. As relações assim fortalecidas integram a linguagem da comunidade.

Nesse repertório linguístico, os operantes verbais constituem relações antecedente-resposta-consequente primárias (ou sistema de ordem primária) ou secundárias (ou sistema de ordem superior). As primárias – relações cujas variáveis independentes são o meio – são as variáveis controladoras das quais agem as secundárias. Quer dizer, ambiente ou meio é tudo o que é externo ao comportamento sob análise (Matos, 1999); a relação entre esse comportamento sob análise e seu meio define um

sistema primário de respostas. Porém, o comportamento (*i. e.*, uma relação) pode ser meio para outro comportamento (*i. e.*, outra relação) sob análise, indicando “relação de relação”, ou relação num sistema secundário de respostas (Hayes, Barnes-Holmes & Roche, 2001). As relações secundárias, por serem relações cujas variáveis independentes são as relações primárias, dependem e também são concorrentes com essas. Para Mackay (2016), tais relações são repertórios sintáticos (*i.e.*, relativos à sintaxe), desempenhos relacionais complexos, envolvidos no que tradicionalmente se denomina gramática. Essas relações verbais sintáticas integram sistema superior de relações verbais que atua sobre o sistema fundamental de operantes verbais primários; portanto, os processos autoclíticos, melhor definidos e exemplificados nas seções posteriores, são relações verbais sobre relações verbais (Skinner, 1957).

Para investigar os trabalhos que estudam os processos verbais envolvidos nesse repertório sintático, foi realizada revisão sistemática da literatura sobre o termo *autoclitic* em cinco base de dados nos últimos cinco anos. Os artigos recuperados são todos empíricos; logo, trabalhos conceituais ou metodológicos não foram recuperados nessa busca. Dentre os quatro trabalhos recuperados estão experimentos sobre a produção autoclítica: (a) em crianças com desenvolvimento atípico (Luke, Greer, Singer-Dudek & Keohane, 2011); (b) em situações instrucionais (Abreu & Hübner, 2011; Speckman & Greer, 2012,); e (c) na discriminação condicional e na formação de equivalência de estímulos (Martins, Hübner, Gomes, Portugal, & Treu, 2015). Nota-se a raridade de trabalhos sobre o termo e a carência de trabalhos conceituais e metodológicos, fato que torna relevante este artigo, que propõe método de classificação de autoclíticos gramaticais lexicais, com base na classificação gramatical de palavras da língua portuguesa, exemplificando-a em transcrições de comportamento verbal. Segue visão pragmática e parcimoniosa da metodologia de classificação buscando aumentar o impacto e o alcance

da proposta analítico-funcional de análise do comportamento verbal na comunidade científica.

Skinner (1957) aponta que a análise morfológica (classificação gramatical das palavras: artigo, substantivo, verbo) ou sintática (classificação das palavras de uma oração: sujeito, predicado, predicativo do sujeito, objeto) de uma língua pode ser insuficiente para identificar e classificar os autoclíticos dos falantes dessa língua. Contudo, não se pode negligenciar que “função e forma complementam-se na análise do comportamento verbal” (Vargas, 2013, p. 169), nem o fato de que o próprio Skinner (1957, p. 410) ilustrou com formas algumas das funções verbais autoclíticas, chegando a emitir o termo *autoclítico gramatical* (ou *sintático*) para os processos autoclíticos com processos correspondentes na gramática descritiva – conhecimento científico que descreve de uma língua nos seus vários aspectos: lexical, morfossintático e fonético-fonológico; Bechara (2009). Nessa correspondência, o autor sugere usar a classificação gramatical (morfológica ou sintática) de modo cuidadoso como recurso para identificação e classificação de autoclíticos. Ao mesmo tempo, ressalta que a identificação e a classificação de autoclíticos não pode se restringir à classificação gramatical. Esse cuidado tomado aqui também fora apontado anteriormente por Borloti (2004) e Passos (2012).

O foco deste artigo está na *morfossintaxe*, que trata da morfologia e sintaxe, e na *pragmática*, sobre as explicações de comportamentos linguísticos ou produtores de linguagem. A morfologia é aqui entendida como o estudo da classificação gramatical das palavras, e a sintaxe como o estudo da função sintática das palavras (Bechara, 2009). Logo, são excluídas aqui outras áreas da gramática, como fonética, fonologia, semântica e estilística.

É notória a dificuldade em classificar unidades autoclíticas, havendo classificações contraditórias em artigos publicados em revistas indexadas (*e.g.*, Souza, Miccione, & Assis [2009] classificam *eu acho* [parte da sentença *eu acho que você é prima de Joana*] como autoclítico qualificador, enquanto Skinner o classifica como descritivo em sentença funcionalmente semelhante, porque supostamente sob controle de estímulo semelhante). Considerando essa dificuldade em classificar unidades autoclíticas e uma comunidade científica que pesquisa raramente autoclíticos, este trabalho se torna relevante, apesar de focar apenas os autoclíticos lexicais. Bechara (2009, p. 39) propõe que a “parte central da gramática pura” é a morfossintaxe: logo, esta proposta justifica o termo *classificação gramatical* como equivalente à classificação morfossintática (morfológica ou sintática). Portanto, neste artigo os *autoclíticos gramaticais* skinnerianos, com o cuidado já apontado, equivalerão às *unidades morfossintáticas* da gramática. Eles podem ser lexicais e não lexicais, todavia optou-se por classificar aqui apenas os lexicais (portanto, a classificação seguinte exclui os autoclíticos sintáticos que não são unidades lexicais, mas sim, processos gramaticais [não lexicais]: concordância, hipérbato, anástrofe, sínquese, tmese, pontuação e outros).

O seguimento das regras da classificação gramatical como referência para classificação do autoclítico se justifica, pois: (a) vasta produção na Linguística identifica e classifica as unidades lexicais; e (b) há na classificação gramatical uma função implícita, ou seja, a mesma palavra pode ter diferentes classificações gramaticais conforme a função (gramatical) que assume. Logo, as regras da classificação gramatical presumem a análise da função gramatical antecipadamente, o que pode conduzir à classificação analítico-funcional de respostas, por explicar os fatores relacionados à sua ocorrência, ou seja, as contingências relacionadas à aquisição/emissão do operante verbal, que determinarão sua manutenção no repertório linguístico (Skinner, 1957).

Considerando a condição *sine qua non* dos operantes primários para a ocorrência dos secundários, esses operantes primários (de controle puro, estendido ou múltiplo) são descritos a seguir, a partir das propostas de classificação topográfica do estímulo, de Machado (2014), e da resposta, de Balbi Neto (2016).

As relações verbais primárias (*i. e.*, mando, tato, intraverbal, textual, ecóica e transcritiva) são definidas por classes de eventos inter-relacionados como contingência tríplice (antecedente-resposta-consequência). Skinner (1957) nomeou o controle dessas relações de puro, mas aqui esse controle é nomeado único, para tornar mais direta sua comparação com o controle múltiplo.

Borloti (2004) instruiu de maneira didática a classificação das relações verbais primárias, tornando mais compreensível a análise skinneriana. Seguindo tal instrução, um mando é identificado quando a resposta é emitida sob controle de evento antecedente com função de operação motivacional (OM: privação ou estimulação aversiva, moduladas por condição fisiológica ou ambiental atual e/ou história comportamental) e de evento consequente com função de reforço positivo ou negativo específico. Exemplos de mandos são: suplicar ao cônjuge que pare de fumar próximo dos filhos pequenos, pedir informação a desconhecido ou solicitar favor a parente ou amigo. Por produzirem como consequência reforçador específico, mandos operam em benefício de quem os emite. São breves e sua função é dada pelo contexto envolvendo a OM e o reforço específico que se segue como consequência deles.

Quando os antecedentes são verbais, ou estímulos discriminativos verbais, S<sup>d</sup>V (*e.g.*, sentença escrita num cartaz; palavra, pergunta ou número pronunciado), o tipo de controle exercido por eles sobre a resposta verbal pode ser formal ou temático. Relações formais ou temáticas são mantidas por reforço generalizado (*e.g.*, concordância, atenção),

provido pela comunidade verbal a partir de convenção social para uma relação correta, segundo a forma ou a temática do estímulo e da resposta.

Os comportamentos ecoico, textual e transcritivo têm controle formal. No caso do operante ecoico, o estímulo antecedente é vocal, tem propriedade física auditiva, conforme terminologia de classificação topográfica do estímulo (a classificação do estímulo adotada neste artigo está nos termos sublinhados; Machado, 2014) e a resposta é vocal, ocorre em meio sonoro, conforme terminologia de classificação topográfica da resposta verbal (adotada neste artigo nos termos sublinhados; Balbi Neto, 2016): ao ouvir *bom dia* responder *bom dia* (neste artigo, o itálico sinaliza a propriedade auditiva do estímulo ou o meio sonoro da mediação da resposta verbal). No operante textual, o estímulo antecedente é texto (*i. e.*, conjunto de signos, independentemente de serem ícones, indicadores ou símbolos; sejam gráficos [visuais], sejam objetivos [tácteis]; Balbi Neto, 2016) e a resposta é vocal: vendo escrito CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO, dizer *Ciência e Comportamento Humano* (as letras maiúsculas sinalizam a propriedade visual bidimensional do estímulo). No operante transcritivo, o estímulo antecedente pode ser vocal (auditivo) ou gráfico (visual), e a resposta verbal é sempre instrumental gráfica (óptica), seja o copiar (vendo escrito COMPORTAMENTO VERBAL SECUNDÁRIO, escrever COMPORTAMENTO VERBAL SECUNDÁRIO), seja o tomar ditado (ouvindo *Skinner, 1953*, escrever SKINNER, 1953). As relações S-R no ecoico e na cópia têm similaridade formal (S e R têm forma vocal no ecoico e forma gráfica no copiar) e correspondência ponto-a-ponto (*i. e.*, cada ponto vocal ou gráfico do S equivale a cada ponto vocal ou gráfico da R). No textual e no tomar ditado, tal correspondência está presente, mas a similaridade está ausente (S tem a forma gráfica [visual] e R tem a forma vocal [sonora] no textual; no tomar ditado, S tem a forma vocal [auditiva] e R tem a forma gráfica [óptica], Machado, 2014; Balbi Neto, 2016).

No operante intraverbal o controle é temático: uma resposta verbal (com forma vocal, gráfica, etc.) fica sob controle temático de  $S^dV$  (vocal, gráfico, etc.), como ouvir *Ciência e Comportamento Humano* ou ver CIÊNCIA E COMPORTAMENTO HUMANO e escrever SKINNER, 1953 ou dizer *Skinner, 1953*. Também sob controle temático, tatos definem operantes verbais emitidos sob controle de estímulo discriminativo não verbal,  $S^dNV$  (um objeto, um evento, ou propriedade de um objeto ou evento) e que produzem como consequência um reforço generalizado (Skinner, 1957). Por exemplo, quando diante de um sentimento dizer *sinto-me muito ansioso* trata-se de um tato sob controle de  $S^dNV$  do tipo sensações corporais (*e. g.*, sudorese, boca seca, hiperventilação, taquicardia, hipertensão súbita, latejo na cabeça, tensão muscular), comuns em pessoas com transtorno de ansiedade.

As relações verbais são, em princípio, derivadas de controle único (*i. e.*, apenas um estímulo controla uma única resposta). Contudo, “O controle de estímulo não é, assim, tão preciso” (Skinner, 1957, p. 91, nossa tradução) ou tão comum ou evidente. Ou seja, quase sempre o controle se torna estendido (*i. e.*, o controle de uma, ou mais, propriedade de estímulo que fez parte de contextos passados do condicionamento do falante se estende a estímulos no contexto atual) e geralmente múltiplo (convergente: o controle de uma resposta por mais de uma variável com função de OM ou  $S^d$ ; divergente: o controle de mais de uma resposta por uma variável, Michael, Palmer & Sundberg, 2011).

O controle estendido ocorre quando propriedades de antecedentes a uma resposta que costuma ser reforçada continuam a controlar essa relação operante em ocasiões futuras (Skinner, 1957). É típico nas relações verbais mando e tato. Assim, situações nas quais nunca seria possível o reforço de um mando, ou em que esse reforço pode ser acidental, podem controlar a extensão do mando, devido à generalização de  $S^d$ 's de situações de reforço a situações em que nunca ocorrerá reforço ou quando essa ocorrência



pode ser acidental. O mando mágico é observado nas primeiras situações: por exemplo, quando uma criança, após ter tido seu mando reforçado por pessoas, passa a “mandar” em bonecos; ou a mãe que “manda” em seu bebê de poucos meses. O mando supersticioso pode ser identificado nas segundas situações, quando ocorre reforçador acidental contíguo (*i.e.*, não contingencial) à resposta. Assim, mandos “se estendem” a eletrodomésticos defeituosos que eventualmente funcionam ou objetos que geram eventos (reforçadores) aleatórios, como dados e cartas de baralho (Skinner, 1957).

As extensões do tato são relações entre a resposta e o S<sup>d</sup>NV pouco convencionadas na comunidade verbal, mas importantes no surgimento e manutenção de diferentes tipos de tato (Skinner, 1957). Essas são apresentadas na Tabela 1 conforme estímulo ou propriedade que controla a resposta de tato estendido.

Tabela 1

Tipos de Extensões do Tato, estímulo ou propriedade que controla a resposta e exemplo

Tipos de Extensões do Tato	Controle da resposta (S <sup>d</sup> NV)	Exemplos
Tato genérico	Propriedade colateral “correta”, aceitável e útil à comunidade verbal.	A esposa diz “Cadeira” diante de uma cadeira diferente daquela que fora quebrada pelo marido.
Tato metafórico	Propriedade adventícia “incorreta”, porém útil, de algum modo, à comunidade.	A esposa diz “sinto uma faca atravessada no peito” diante do sentimento de presenciar o marido quebrando objetos em casa.
Tato metonímico	Estímulo contíguo.	A esposa diz “A cachaça está destruindo nossa casa” diante do marido bêbado quebrando objetos em casa.
Tato solecista	Estímulo relacionado, porém de modo distante, daí desvios ou impropriedades.	A esposa diz “Glossol!” [elemento de composição, derivado do grego, glôssa, significa língua] diante do marido que quebra objetos dentro de casa.
Nomeação	Propriedade anteriormente tateada, presente em novos objetos, nomeados pela primeira vez.	A esposa diz “Isto é <i>trogloditagem!</i> ” diante do marido que quebra objetos em casa.

Adaptado de Borloti, Fonseca, Charpinel, e Lira (2009, p. 81).

Relações verbais de controle único são raras. As relações de controle, especialmente em mandos e tatos - e intraverbais - em geral fundem-se num controle múltiplo, tornando complexa a classificação do operante. No caso do tato impuro, um mando aparece disfarçadamente de tato, como no exemplo da criança dizendo *água* diante de jarra com água (Skinner, 1957). No tato distorcido, o falante “alonga e exagera os fatos” (Skinner, 1957, p. 149, nossa tradução); o controle do estímulo é distorcido, exagerado ou inventado. Já no tato apropriado (ou duplo) ocorre “combinação momentânea de dois tactos” (1957, p. 237, nossa tradução): por exemplo, chamar de

*Branca* mulher de pele branca, cujo nome é Branca. No intraverbal duplo ocorre algo semelhante: combinação momentânea de dois intraverbais. Um dos exemplos de Skinner (1957, p. 238, nossa tradução ) é “Uma noite, com o navio carregado de dinamite, explodiu uma terrível tempestade”, pois há o controle temático duplo explosão-dinamite e explosão-tempestade que, na história de vida do falante, pode ter sido mantido por reforço generalizado.

Há audiência múltipla com dois ou mais ouvintes diante do falante, podendo diferir as consequências do operante verbal para cada um deles (Skinner, 1957). Isso é especialmente importante em situações de relações interpessoais múltiplas: por exemplo, casal discutindo na presença de filhos de diferentes idades; ou promotor falando ironicamente a diferentes pessoas (juiz, jurados, réu e outros) durante julgamento (Messa, 2011; Messa, Borloti & Carmelino, 2015). Em ambos os casos, operantes emitidos pelo falante têm efeitos diferentes sobre cada ouvinte.

As relações verbais primárias (únicas, estendidas ou múltiplas) descritas até então não explicam a autonomia do falante. Se a explicação do comportamento verbal se limitar a elas, parecerá que o repertório do falante não fica sob controle delas *per se*, e que, portanto, a análise ou autoanálise do que ele fala, do como fala ou do que quer falar seria impossível à Análise do Comportamento. Esta possibilidade está nos operantes verbais secundários, no processo autoclítico (Skinner, 1957), pelos quais o falante é auto-ouvinte e, assim, organiza, dirige, seleciona e avalia a produção dos próprios operantes verbais, podendo autoeditá-los (Skinner, 1957).

Assim Skinner (1957, p. 10-11, , nossa tradução) se refere ao processo autoclítico:

[...] um falante é também normalmente um ouvinte. Ele reage a seu próprio comportamento de várias maneiras importantes. Parte do que ele disse está sob o controle das outras partes de seu comportamento verbal. Referimo-nos a esta interação quando dizemos que o falante qualifica, ordena ou elabora

seu comportamento no momento em que ele é produzido. A mera emissão de respostas constitui uma descrição incompleta quando o comportamento é composto. Outra consequência do fato de que o falante também é um ouvinte é que o comportamento do ouvinte se assemelha ao comportamento do falante, particularmente quando o ouvinte “entende” o que se diz.

O ouvinte e o falante, quando são uma única pessoa, se engajam em atividades tradicionalmente descritas como “pensamento”. O falante manipula seu comportamento; ele o revê e pode rejeitá-lo ou emití-lo de forma modificada. A extensão em que ele realiza tais atos pode variar amplamente, determinada tal variação em parte pela medida em que ele funciona como seu próprio ouvinte. [...]

Evidencia-se nesse trecho que a mesma pessoa emite o próprio repertório e, ao mesmo tempo, o consequencia. O falante verbaliza respostas que se constituem em antecedentes para outras respostas de seu repertório público ou privado, da mesma forma que lê e edita o texto que acabou de digitar, ou escuta e reproduz para si mesmo o que acabou de ouvir. Assim, considerando que: (a) o comportamento verbal é um comportamento social (*i. e.*, relação social, pois o comportamento de outro organismo é antecedente e consequente para o comportamento do organismo cujo comportamento é analisado); (b) a função primordial do processo autoclítico é tornar mais precisas as consequências dos comportamentos verbais primários sobre o ouvinte, o que é condição *sine qua non* dessa relação social (mesmo que depois o falante se comporte sozinho); (c) que a autoedição é processo autoclítico sob controle de condições aversivas dessa relação social; pode-se afirmar que o autoclítico importa na modulação de repertórios utilizados nas relações intra e interpessoais. Isto posto, a partir deste ponto este artigo ilustra a metodologia proposta ao seu objetivo com exemplos empíricos de interações interpessoais. Antes, porém, deve-se descrever as unidades funcionais autoclíticas para melhor compreensão do método de sua classificação aqui proposto.

Skinner (1957) elencou seis tipos de unidades autoclíticas: descritivo, qualificador, quantificador, manipulativo, relacional e composicional. Os autoclíticos descritivos foram organizados em seis tipos (I, II, III, IV, V e VI) por Borloti e Hübner (2010). Eles têm a função de descrever ao ouvinte as propriedades do operante primário ou as condições de sua emissão. Costumam se apresentar na forma “Eu X”, com a qual o falante descreve as variáveis do ambiente ou do comportamento verbal próprio (*e. g.*, intensidade, emotividade, aversividade). Skinner (1957) chamou esses autoclíticos de “autoclíticos de tato”, pois apresentam relação funcional semelhante ao tato (operante primário): “tateiam” essas variáveis.

Os descritivos tipo I, sob controle do tipo de operante primário que eles acompanham, descrevem ao ouvinte esse tipo de operante (Skinner, 1957; Borloti & Hübner, 2010): mando, tato, intraverbal ou outros. Exemplo: *Eu vejo* *que você está agitado e nervoso* - o sublinhado é autoclítico descritivo tipo I, pois descreve ao ouvinte que o operante secundário acompanha um tato (operante primário). *Eu exijo* pode informar o acompanhamento de um mando; *Eu me lembro*, o de um intraverbal (Borloti, 2004).

Descrever ao ouvinte a força de emissão do operante primário que o autoclítico acompanha é função dos descritivos tipo II, sob controle da intensidade do operante básico (Skinner, 1957; Borloti & Hübner, 2010): duvidoso, provável, forte, fraco, etc. Exemplo: *Eu acho* *que você está ansioso* - o sublinhado é autoclítico descritivo tipo II, admitindo dúvida sobre o estado emocional descrito ser a ansiedade. A mesma forma autoclítica pode ser emitida com a mesma função, mas indicando intensidade inversa do operante básico que ela acompanha (*Eu acho* *que você está ansioso*, dito em modulação com propriedade de tato, equivaleria a *Eu tenho* *certeza de que você está ansioso*).

Autoclíticos descritivos tipo III, sob controle dos operantes primários e eventos comportamentais ou eventos ambientais a eles relacionados, descrevem ao ouvinte relações: entre um operante primário e outro (do próprio falante ou do ouvinte); ou entre operante primário e a condição de sua emissão (Skinner, 1957, Borloti & Hübner, 2010). Exemplo: *Diante dos fatos, eu devo admitir que cometi um erro* (pressupondo-se relação entre o dito [o operante primário] e os fatos [eventos comportamentais ou ambientais] envolvidos).

Quando o autoclítico descritivo descreve a quem ouve a condição motivacional ou emocional de quem emite o operante primário a ele relacionado (Skinner, 1957, Borloti & Hübner, 2010), esse é do tipo IV, sob controle de OMs e estados emocionais afetando a emissão do operante verbal primário. Exemplos: *Eu fico feliz em dizer que fui aprovado no concurso* ou *Eu odeio admitir, erreí muitas questões na prova*.

Segundo Borloti e Hübner (2010), com base na proposta de Skinner (1957), o descritivo tipo V é controlado pelas propriedades aversivas do operante primário afetando o ouvinte e tem a função de cancelar ou qualificar para o ouvinte o operante primário acompanhado pelo autoclítico. Normalmente tem negação incluída – *não, nem* ou *nunca*. Exemplos: *Eu nunca chamaria você de irresponsável* ou *Eu não diria que você tem sonegado impostos*.

Descritivos do tipo VI estão sob controle das relações entre operantes primários, comportamentos do falante e consequências desses comportamentos, planejadas para serem produzidas no ouvinte (Skinner, 1957, Borloti & Hübner, 2010). Apresentam quatro funções: (a) descrever ao ouvinte que o que está para ser dito deverá produzir o mesmo efeito que (ou ter relação subordinada com) o que acabou de ser dito em operante primário; (b) descrever que o que está sendo dito é dito pelo falante; (c) descrever uma antecipação do comportamento do ouvinte; ou (d) descrever que o que está sendo dito é

aceito pelo ouvinte e pelas pessoas em geral. Exemplo da função 1: *Estou transpirando muito, com a boca seca, com o coração batendo muito rápido, e respirando rápido e ofegante, ou seja, estou ansioso*. Nesse exemplo, o que foi dito antes e depois do autoclítico (sublinhado) devem produzir o mesmo efeito no ouvinte.

Os autoclíticos qualificadores podem ser de dois tipos: negação ou asserção. Esses autoclíticos estão sob controle das circunstâncias que controlam as propriedades dos operante primário ou das propriedades relativas à qualidade desse operante primário. Portanto, qualificadores modificam a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário; os de negação fazem isso negando, e os de asserção, afirmando (Skinner, 1957). Exemplo: *Não é deste jeito que gostaria que falasse comigo*, o *Não* modifica a direção do operante primário que o acompanha (jeito). Outro exemplo: *Esta forma de falar comigo é melhor* (na qual *é* qualifica o anteriormente dito, a forma de falar).

Autoclíticos do tipo manipulativo instruem o ouvinte a relacionar e arranjar suas reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado. Estão sob controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (Skinner, 1957). Por exemplo: *“Entendo que você queira que eu pare de fumar perto das crianças, mas eu preciso ter um lugar para fumar”*.

Quando os autoclíticos estão sob controle das propriedades referentes à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam, são classificados como quantificadores, por indicarem essas propriedades ou essas circunstâncias (Skinner, 1957). Exemplo: *Sempre me sinto ansioso* - o autoclítico sublinhado, *Sempre*, poderia ser substituído por *nunca*, *quase sempre*, *algumas vezes* e outras unidades gramaticais que apontam quantidades em verbos e substantivos, como artigos, advérbios, pronomes

indefinidos, demonstrativos e outros processos, em especial a flexão gramatical de número (plural).

Conforme propõe Skinner (1957), os autoclíticos relacionais aumentam a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular, de acordo com a descrição de relações entre operantes primários; e estão sob controle dessas propriedades relacionais entre os operantes primários. Exemplos: *Parece que existe relação entre você gritar comigo e eu me sentir agredido* ou *Ouvir suas palavras é uma forma de fazer eu me sentir melhor*. Unidades gramaticais de concordância nominal e verbal, assim como a maior parte das preposições e conjunções, que normalmente exercem funções relacionais, são também prováveis exemplos de autoclíticos relacionais (Borloti & Hübner, 2010).

Autoclíticos que instruem o ouvinte a compor um comportamento verbal com propriedades específicas a partir da combinação de seguimentos amplos de operantes primários são denominados composicionais, e estão sob controle de propriedades de tal combinação (Skinner, 1957). Exemplos: *Sinto medo quando ele tem comportamentos agressivos, por exemplo, quando grita e joga objetos na parede* ou *Gritar e jogar objetos na parede, ambos me fazem sentir medo*.

### Proposta de Classificação de Autoclíticos

#### *Classificação dos Operantes Verbais Secundários Lexicais*

A elaboração desta classificação decorreu da pesquisa empírica de Balbi Neto (2016), na qual foram observadas as seguintes ações: (a) listaram-se as classes gramaticais portuguesas, com alguns exemplos; (b) listaram-se as categorias de operantes que se desejava identificar por meio da classificação gramatical (operante primário e autoclítico: descritivo, autoclítico qualificador, autoclítico quantificador, manipulativo, relacional e



composicional); (c) agruparam-se as classificações gramaticais identificadas em categorias de operantes, conforme os exemplos de Skinner (1957) e a organização descritiva das variáveis controladoras e das funções autoclíticas, de Borloti e Hübner (2010), estendendo-se a quantidade de exemplos para incluir a maior parte possível dos autoclíticos gramaticais lexicais; (d) inseriram-se as classificações gramaticais ainda ausentes, como verbos de ligação, segundo as sugestões de Skinner (1957); (e) testou-se a proposta de classificação em transcrições de diálogos com aproximadamente 6 500 palavras em 26 páginas de texto; (f) realocaram-se, em outros tipos de operantes, as classificações gramaticais pouco compatíveis com os operantes para elas designados inicialmente; e, por último, (g) realizou-se a análise funcional dos autoclíticos lexicais para confirmar a classificação funcional, como instruída por Matos (1999) e Borloti, Iglesias, Dalvi, e Silva (2008) e, portanto, a viabilidade da metodologia.

Neste processo, percebeu-se que os autoclíticos relacionais e composicionais comungam de muitas unidades lexicais gramaticais da língua portuguesa, já que ambos inter-relacionam operantes verbais. Assim, optou-se por não diferenciar, no processo metodológico, os relacionais dos composicionais, mas fundi-los em categoria denominada relacional. Justifica essa decisão, primariamente, o fato de os composicionais relacionarem sentenças do falante e, secundariamente, a frequência elevada de relacionais nos diálogos analisados, quando comparada com a frequência diminuta de composicionais (provavelmente é o que ocorre nas conversas cotidianas).

A metodologia de classificação de autoclítico lexical proposta aqui é indicada para ser processada em três passos: Preparação, Classificação e Revisão. O primeiro passo pode ser feito com registros verbais escritos. Quando feito com verbalizações, como no caso ilustrado adiante, se inicia após a transcrição das mesmas, a partir das orientações de Preti (1997), adotadas por linguistas porque padronizam as formas de indicar pausas,

ênfases e outros processos não lexicais do comportamento verbal na comunidade científica, de modo que qualquer leitor consegue modular a leitura segundo a modulação da verbalização que gerou a transcrição.

### *Passo 1: Preparação*

A preparação isola (marca) as palavras ou conjunto de palavras do *corpus* de dados (transcrição) com potencial para serem apenas operantes básicos (*e.g.*, substantivos e outros, listados a seguir). Isto é indicado porque, provavelmente serão tatos, mandos, intraverbais, ecoicos, ou outros operantes básicos (não necessariamente: isto deverá ser confirmado pela análise funcional, considerando em especial os consequentes, os efeitos que produzem no leitor, que deverá colocar sua análise sob controle também do dado verbal vocal que gerou a transcrição; Matos [1999]; Borloti *et al.* [2008]). As palavras não marcadas como possíveis operantes primários são potencialmente operantes secundários, e poderão ser classificadas assim no Passo 2.

Os termos *potencial*, *provável*, *possível* e desinências (*e.g.*, *provavelmente* ou *potencialmente*) são emitidos aqui propositadamente para indicar o imperativo de a análise da função da unidade verbal ser confirmada no contexto. É neste sentido probabilístico que o próprio Skinner (1957) afirma que substantivos, adjetivos e verbos nocionais (verbos que tateiam processos em ações abertas ou encobertas ou em acontecimentos, fenômenos naturais e outros) são potencialmente operantes básicos, pois são unidades lexicais da Gramática sob controle de objetos, fenômenos ambientais ou propriedades de objetos ou de fenômenos. Nessa lógica, conclui-se que pronomes também são potencialmente operantes básicos, já que são emitidos para tatear de modo substitutivo um nome ou para tatear de modo qualitativo um substantivo. Na mesma lógica pronomes são classificados na gramática portuguesa como pronomes substantivos

(quando apresentam função de substituir um substantivo) ou pronomes adjetivos (função de qualificar um substantivo).

Skinner (1957) também propõe que pronomes podem exercer, por múltiplo controle, função básica e função secundária. Assim, pronomes pessoais e de tratamento, que normalmente exercem função de operante básico, eventualmente podem exercer função autoclítica. Da mesma forma, e muito mais frequentemente, os outros tipos de pronomes (indefinidos, possessivos, demonstrativos, etc.) estão sob controle múltiplo, podendo exercer função autoclítica e básica, simultaneamente. Com isso, na Preparação deve-se incluir os pronomes pessoais e de tratamento na lista de classes gramaticais com alta probabilidade de exercerem apenas a função de operante básico, pois exercem raramente a função autoclítica, sendo possível no terceiro passo (Revisão, descrita adiante) inclui-los na classificação de autoclíticos, se for o caso. Por outro lado, outros pronomes e outros termos, sob controle múltiplo, que exercem função primária e secundária muito frequentemente, devem ser marcados como operantes secundários, já que o objetivo do passo 1 é marcar os termos que exercem apenas a função primária.

Alguns advérbios de lugar, como os seguintes, geralmente exercem função de operante básico, geralmente de tato ou intraverbal. Advérbios e locuções adverbiais de modo, como os seguintes, também podem exercer função de operante básico, pois normalmente são abstrações (tatos) de propriedades de verbos que indicam ação. As interjeições de cumprimento, estímulo (ânimo), aprovação, advertência, silêncio, afastamento, desaprovação, desejo, como as seguintes, geralmente também exercem função de operante básico, de mando ou tato. Assim, as classificações gramaticais seguintes possuem alta probabilidade de exercer apenas função de operante básico, independentemente da função específica, podendo guiar a marcação dos operantes básicos de dados verbais transcritos (Tabela 2).

Tabela 2

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercer apenas função de operante básico

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Substantivo	<i>copo, água, cama, mesa, boca, face.</i>
Adjetivo	<i>novo, vermelho, maduro, macio, bucal, infantil, angelical, pluvial, facial, etário.</i>
Locuções adjetivas	<i>de boca (bucal ou oral), de criança (infantil), de anjo (angelical), de chuva (pluvial), de face (facial), de idade (etário).</i>
Verbo nocionais (verbos que indicam ação, acontecimentos ou fenômenos, sejam intransitivos ou transitivos diretos ou indiretos)	<i>falar, olhar, correr, cair, surgir, amanhecer, acabar.</i>
Locuções verbais cujo verbo principal é nocional	<i>estar a falar, está falando, está correndo, ficou olhando, fica caindo.</i>
Pronomes pessoais do caso reto	<i>eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas.</i>
Pronomes pessoais oblíquos	<i>mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas, me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes.</i>
Pronomes de tratamento	<i> você, senhor, senhora, senhorita, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Eminência, Vossa Santidade, Vossa Reverendíssima, Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Magnificência, Vossa Paternidade, Vossa Majestade Imperial, Vossa Onipotência.</i>
Advérbio de lugar	<i>aqui, ali, aí, algures, alhures, nenhures, cá, lá.</i>
Advérbio de modo	<i>bem, mal, rapidamente, devagar, pior, devagar, melhor, desapontadoramente, generosamente, cuidadosamente, calmamente.</i>
Locução adverbial de modo	<i>às pressas, às claras, às cegas, à toa, à vontade, às escondidas, aos poucos, desse jeito, desse modo, dessa maneira, em geral, frente a frente, lado a lado, a pé, de cor, em vão.</i>
Interjeições de cumprimentos	<i>Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Adeus!.</i>
Interjeições de estímulo	<i>Vamos!, Força!, Coragem!, Ânimo!, Adiante!.</i>
Interjeições de aprovação	<i>Apoiado!, Boa!, Bravo!.</i>
Interjeições de advertência	<i>Cuidado!, Atenção!, Olha!, Alerta!, Sentido!.</i>
Interjeições de silêncio	<i>Psiu!, Silêncio!.</i>
Interjeições de afastamento	<i>Rua!, Xô!, Fora!, Passa!.</i>
Interjeições de socorro	<i>Socorro!, Aqui!, Piedade!, Ajuda!.</i>
Interjeições de desaprovação	<i>Credo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!.</i>
Interjeições de desejo	<i>Oh!, Tomara!, Oxalá!.</i>

Numerosos operantes primários apresentam controle múltiplo, ou seja, exercem mais de uma função de operante primário (*e.g.* tato/intraverbal/mando, ou mando/intraverbal). Logo, para fins de classificação do autoclítico, basta indicar que há função de operante básico (sem controle autoclítico), dispensando indicar o tipo de operante básico, ou seja, a classificação de todos os controles primários. Para confirmar o controle primário, basta identificar aquele com controle funcional mais evidente no contexto de emissão, considerando seu efeito sobre o leitor/ouvinte/pesquisador (mando, tato, intraverbal, textual, ecoico ou transcritivo), conforme instrui a técnica da análise comportamental do discurso (Borloti, Calixto, & Haydu, 2013).

#### *Passo 2: Classificação*

O segundo passo é classificar o restante das palavras, possivelmente autoclíticos, conforme a classificação gramatical seguinte. Deve-se lembrar que alguns termos que podem exercer função primária e secundária marcados como operantes secundários no passo 1 deverão ser classificados neste passo 2.

Os autoclíticos descritivos apresentam a função de descrever ao ouvinte as propriedades do operante primário ou as condições de sua emissão: logo, as interjeições decorrentes de emoção ou sentimento (alegria, dor, surpresa, impaciência, alívio, medo, etc.) são unidades lexicais com alta probabilidade de exercer função de operante secundário descritivo. Respostas verbais sob controle do que está sendo dito também possuem alta probabilidade de exercer função de descritivo, conforme os exemplos das Tabelas 3 e 4.

Tabela 3

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercer função de operante secundário do tipo descritivo

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Interjeições de alegria	<i>Oh!, Ah!, Oba!, Viva!, Opa!.</i>
Interjeições de dor	<i>Ai!, Ui!, Ah!, Oh!.</i>
Interjeições de surpresa	<i>Nossa!, Cruz!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!.</i>
Interjeições de impaciência	<i>Diabo!, Puxa!, Pô!, Pombas!, Raios!, Ora!.</i>
Interjeições de alívio	<i>Uf!, Ufa! Ah!.</i>
Interjeições de medo	<i>Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!.</i>

Tabela 4

Relação de expressões com alta probabilidade de exercer função de operante secundário do tipo descritivo e seus prováveis contextos de controle

<b>Expressão</b>	<b>Provável contexto de controle</b>	<b>Provável operante controlador</b>
<i>Eu vejo</i> <i>Eu ouço</i> <i>Eu percebo</i>	O que vou dizer está sendo visto por mim, ouvido por mim, percebido por mim, etc.	Tato
<i>Eu ouvi dizer</i> <i>Eu sei</i>	O que vou dizer foi ouvido por mim, é sabido por mim, etc.	Intraverbal
<i>Eu quero</i> <i>Eu desejo</i> <i>Eu suplico</i> <i>Eu gostaria</i> <i>Eu ordeno</i> <i>Eu exijo</i>	O que vou dizer é querido por mim, desejado por mim, suplicado por mim, gostado por mim, ordenado por mim, exigido por mim, etc.	Mando
<i>Eu digo</i> <i>Eu declaro</i> <i>Eu observo</i> <i>Eu considero</i> <i>Eu julgo</i> <i>Eu suponho</i> <i>Eu lembro</i> <i>Eu minto</i>	O que vou dizer é meu dito, minha declaração, minha observação, minha consideração, meu julgamento, minha suposição, etc.	Tato ou intraverbal

(Continuação)		
<i>Eu creio</i> <i>Eu calculo</i> <i>Eu imagino</i> <i>Eu lembro</i>	O que vou dizer é minha lembrança, minha crença, meu cálculo, minha imaginação, etc.	Intraverbal
	O que vou dizer é evento privado ocorrendo agora: sentir (fé, imagem, etc.) ou pensar (regra de solução de problema, etc.).	Tato
<i>Eu hesito em dizer</i> <i>Eu não posso dizer</i> <i>Eu sinto admitir</i> <i>Eu lamento falar</i> <i>Eu odeio dizer</i> <i>Eu detesto dizer</i> <i>Talvez você não concorde</i> <i>Sei que é difícil ouvir</i>	O que vou dizer não poderia ser dito por mim, admitido por mim, falado por mim; ou, não poderia ser dito por mim, mas precisa ser dito por mim, admitido por mim, falado por mim, etc.; e elicia emoção negativa em mim e/ou em quem me ouve.	Tato ou intraverbal
<i>Eu fico feliz em dizer</i>	O que vou dizer precisa ser dito por mim e elicia emoção positiva em mim e em quem me ouve.	Tato ou intraverbal
<i>Eu acho</i> <i>Eu sugiro</i> <i>Eu proponho</i> <i>Eu juro</i> <i>Eu prometo</i> <i>Eu asseguro</i> <i>Eu suponho</i>	O que vou dizer é minha dúvida, minha sugestão, minha proposta, meu juramento, minha promessa, meu asseguramento, minha suposição, etc.	Intraverbal e/ou mando
<i>Eu gostaria de dizer/falar/perguntar/mencionar</i>	O que vou dizer, falar, perguntar, mencionar, etc. é a minha fala, o meu dito, a minha pergunta, a minha menção, etc. que estou sendo motivado a dizer, falar, perguntar, mencionar, etc.	Tato, intraverbal e/ou mando
<i>Eu não diria</i> <i>Eu não chamaria</i> <i>Eu nunca pensei</i> <i>Eu não me lembro</i> <i>Eu não admitiria</i> <i>Eu duvido</i>	O que vou dizer é oposição, desconsideração, contradição, etc. em relação ao que disse quem me ouve.	Tato, intraverbal e/ou mando
<i>Eu digo</i> <i>Em minha maneira de pensar</i> <i>Em minha opinião</i>	O que vou dizer sou eu quem diz, sou eu quem pensa, sou eu quem opina, etc.	Intraverbal
<i>Ou seja</i> <i>Em outras palavras</i> <i>Digamos assim</i> <i>Quer dizer</i>	O que vou dizer eu já disse.	Intraverbal
<i>Como [nome próprio] escreveu/disse</i> <i>Eles dizem</i>	O que vou dizer já foi escrito, dito, etc. por alguém.	Intraverbal

Adaptado de Borloti & Hübner (2010).

Autoclíticos qualificadores estão sob controle das propriedades correspondentes à qualidade do operante primário e modificam a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário. Assim, classes gramaticais como advérbio de afirmação, negação, pronomes indefinidos expressando negação, advérbio de dúvida, interjeições de concordância, interjeições de incredulidade e conjunções subordinativas comparativas possuem alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo qualificador, como os exemplos da Tabela 5 a seguir.

Skinner (1957) propõe que o processo predicativo (resposta que gramaticalmente é fusão de verbos de ligação com predicativo do sujeito) é relacional e qualificador ao mesmo tempo, ou seja, está sob controle autoclítico múltiplo. Essa proposta do autor faz sentido na língua inglesa, na qual a ordem dos termos da oração é fundamental para a ocorrência do reforçamento (compreensão da oração pelo ouvinte), ou seja, a alteração da ordem dos termos de uma oração com predicativo pode inviabilizar a compreensão na língua inglesa (em *He is happy*, a alteração da ordem dos termos para *He happy is*, ou *Is happy he*, ou *Happy is he*, ou *Happy he is* torna a sentença incompreensível ou, no caso de *Is he happy*, interrogativa). Na língua portuguesa, todavia, esse problema não ocorre, pois a troca da ordem dos termos de uma oração com predicativo não a torna incompreensível (*Ele está feliz* exerce a mesma função que *Ele feliz está*, ou *Está ele feliz*, ou *Está feliz ele*, ou *Feliz está ele*, ou *Feliz ele está*). Com isso, afirma-se aqui que a predicação na língua portuguesa é exclusivamente um processo autoclítico qualificador, por meio de verbos de ligação. Segue-se a Tabela 5 com classificações gramaticais com alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo qualificador.



Tabela 5

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo qualificador:

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Verbo de ligação	<i>ser, estar, parecer, ficar, tornar-se, continuar, andar e permanecer.</i>
Advérbio de afirmação	<i>sim, certamente, certo, decididamente.</i>
Advérbio de negação	<i>não, nunca, jamais, nem, tampouco.</i>
Pronomes indefinidos expressando negação	<i>ninguém, nada, nenhuns, nenhuma.</i>
Advérbio de dúvida	<i>talvez, quiçá, possivelmente, provavelmente, porventura,.</i>
Interjeições de concordância	<i>Claro!, Tá!, Hã-hã!, Amém!, Assim seja!, É!, Verdade!.</i>
Interjeições de incredulidade	<i>Hum!, Epa!, Ora!, Han!.</i>
Conjunções subordinativas comparativas	<i>como, assim como, tal qual, tanto como.</i>

O autoclítico quantificador está sob controle das propriedades relativas à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que controlam essas propriedades. Consequentemente, indica propriedades quantitativas do operante primário ou as circunstâncias responsáveis por essas propriedades (Borloti & Hübner, 2010). Assim, palavras ou expressões de classes gramaticais que indicam quantidade, mesmo que de maneira simples, acabam geralmente exercendo função de quantificador, como artigos (definidos e indefinidos), numerais (cardinais, ordinais, fracionários, etc.), pronomes relativos, demonstrativos, interrogativos, indefinidos, possessivos e advérbio (de intensidade, tempo, ordem, exclusão, inclusão, etc.), como exemplificado na Tabela 6.

Tabela 6

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo quantificador.

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Artigo	<i>o, a, os, as, um, uma, uns, umas.</i>
Numerais cardinais	<i>um, dois, sete, oito, vinte e cinco, cento e trinta, mil.</i>
Numerais ordinais	<i>primeiro, vigésimo quarto, quadragésimo, milésimo.</i>
Numerais fracionários	<i>um meio, um terço, dois décimos, três sextos, cinco vinte avos.</i>
Pronomes relativos	<i>que, quem, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta, quantos, quantas.</i>
Pronomes demonstrativos	<i>este, esta, estes, estas, isto, esse, essa, esses, essas, isso, aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo.</i>
Pronomes interrogativos	<i>que, quem, qual, quais, quanto, quanta, quantos, quantas,.</i>
Pronomes indefinidos	<i>alguém, ninguém, outrem, tudo, nada, cada, algo, algum, algumas, nenhuns, nenhuma, todo, todos, outra, outras, muito, muita, pouco, poucos, certo, certa, vários, várias, tanto, tantos, quanta, quantas, qualquer, quaisquer, bastante, bastantes.</i>
Pronomes possessivos	<i>meu, minha, meus, minhas, teu, tua, teus, tuas, seu, sua, seus, suas, nosso, nossa, nossos, nossas, vosso, vossa, vossos, vossas, seu, sua, seus, suas.</i>
Advérbio de intensidade	<i>muito, pouco, tão, bastante, menos, quanto.</i>
Advérbio de tempo	<i>hoje, amanhã, nunca, cedo, tarde, antes, agora, sempre, jamais, já.</i>
Advérbio de ordem	<i>primeiramente, ultimamente, depois.</i>
Advérbio de exclusão	<i>salvo, senão, somente, só, unicamente, apenas.</i>
Advérbio de inclusão	<i>inclusivamente, também, mesmo, ainda.</i>
Contração (combinação de preposição <i>de</i> com pronome pessoal de terceira pessoa)	<i>dele, dela, deles, delas.</i>

Autoclíticos do tipo manipulativo instruem o ouvinte a relacionar e arranjar suas reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado; e estão sob controle direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (Borloti & Hübner, 2010). Portanto, palavras ou expressões classificadas como conjunções coordenativas adversativas e conjunções subordinativas condicionais

possuem alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo manipulativo, como na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo manipulativo.

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Conjunções coordenativas adversativas	<i>mas, porém, senão, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, embora</i> (equivalente a <i>apesar de, a despeito de ou ainda que</i> ).
Conjunções subordinativas condicionais	<i>se, caso, desde, salvo se, desde que, exceto se, contando que.</i>

O autoclítico relacional descreve ao ouvinte as relações entre operantes primários, ou seja, sob controle das propriedades relacionais entre os operantes primários, aumentando assim a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular, segundo essa relação (Borloti & Hübner, 2010). Assim, classes gramaticais que indicam relação entre termos da oração geralmente exercem função de autoclítico relacional, como as preposições (essenciais ou acidentais) e conjunções (aditivas, conclusivas, alternativas, explicativas, integrantes, concessivas, causais, consecutivas, finais, temporais, comparativas e proporcionais). Alguns advérbios de lugar e locuções adverbiais de lugar em geral também exercem função de autoclítico relacional, sinalizando relações entre operantes básicos, ou seja, sob controle da relação entre os operantes primários, como os listados a seguir na Tabela 8.

Tabela 8

Relação de classificações gramaticais com alta probabilidade de exercerem função de operante secundário do tipo relacional.

<b>Classificação gramatical</b>	<b>Exemplos</b>
Preposições essenciais	<i>a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.</i>
Preposições acidentais	<i>durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora.</i>
Contrações (combinação de preposição com artigo)	<i>da, das, do, dos, num.</i>
Contrações (combinação de preposição <i>em</i> ou <i>por</i> com pronomes pessoais de terceira pessoa)	<i>nele, nela, neles e nelas, pelo, pelos, pela, pelas.</i>
Contrações (combinação de preposição com advérbios de lugar)	<i>daqui, daí, dali, aonde.</i>
Conjunções coordenativas aditivas	<i>e, nem</i> (equivalente a <i>e não</i> ), <i>também, bem como.</i>
Conjunções coordenativas conclusivas	<i>logo, pois, portanto, assim, por isso, por consequência, por conseguinte, então.</i>
Conjunções coordenativas alternativas	<i>ou, ou...ou, já...já, ora...ora, quer...quer, seja...seja,...</i>
Conjunções coordenativas explicativas	<i>que, porque, porquanto, pois, isto é.</i>
Conjunções subordinativas integrantes	<i>que, se</i>
Conjunções subordinativas concessivas	<i>embora, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que.</i>
Conjunções subordinativas causais	<i>porque, que, porquanto, visto que, uma vez que, já que, pois que, como.</i>
Conjunções subordinativas consecutivas	<i>que, tanto que, tão que, tal que, tamanho que, de maneira que, de modo que, de sorte que, de tal forma que.</i>
Conjunções subordinativas finais	<i>a fim de que, para que, que.</i>
Conjunções subordinativas temporais	<i>quando, enquanto, agora que, logo que, desde que, assim que, tanto que, apenas.</i>
Conjunções subordinativas comparativas	<i>como, assim como, tal, qual, tanto como, mais do que, menos do que.</i>
Conjunções subordinativas conformativas	<i>conforme, como, consoante, segundo.</i>
Conjunções subordinativas proporcionais	<i>à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... mais,...</i>
Advérbio de lugar	<i>atrás, longe, perto, embaixo, abaixo, acima, adentro, adiante, afora, além, aquém, dentro, externamente, longe, perto.</i>

(Continuação)

Locuções adverbiais de lugar	<i>à direita, à frente, ao lado, em cima, por perto.</i>
Advérbios Interrogativos	<i>onde, aonde, donde, quando, como, por que.</i>

As palavras que não se enquadrem nas Tabelas propostas anteriormente, deve-se primeiramente substituí-las por palavras ou expressões das listas com o mesmo significado ou sentido na contingência do contexto, chegando a uma função, conforme Borloti *et al.* (2008). Isto é especialmente útil na emissão supostamente incoerente de um operante. Por exemplo, na transcrição da verbalização de falante feminina (F2, Daniela, com repertório agressivo predominante, medido numa escala estruturada; Balbi Neto, 2016): *Só você é ocupada, né, amor, ninguém mais é ocupado? Eu acordo tarde por razões que eu tenho lógico, e aí eu não sei porque você se acha no direito de pagar geral* - o operante *aí* (sublinhado) foi emitido com função gramatical de conjunção coordenativa conclusiva, logo, não é advérbio de lugar, nem operante básico. Fica clara a possibilidade de substituí-lo por *logo, portanto, assim, por isso*, etc. (conjunções coordenativas conclusivas que, como no *aí*, têm a função autoclítica de relacional).

Não sendo possível a substituição ou a paráfrase, seguir para o passo 3 (Revisão), em que se refaz a análise funcional confirmatória, pelo efeito do operante no ouvinte ou leitor (Borloti *et al.*, 2008).

### *Passo 3: Revisão*

Nessa etapa ocorre, ou a confirmação da atividade do Passo 1 (Preparação, ou identificação de operantes exclusivamente básicos) e 2 (Classificação de autoclíticos), ou a classificação dos operantes não ainda classificados, ou a reclassificação dos operantes classificados inadequadamente nos dois primeiros passos.

Primeiramente, retomar as palavras marcadas como potenciais operantes primários para confirmar se são de fato apenas operantes primários. Para isto, realizar a análise funcional das mesmas para confirmar ou refutar a classificação do Passo 1. Para isso, identificar antecedente e/ou consequente do operante verbal e assim confirmar ou não a função básica. Caso palavras marcadas como potenciais operantes primários não o sejam após essa identificação, significa que são operantes secundários.

Após confirmar a acurácia dos termos marcados como operantes primários, verificar a classificação das palavras marcadas como potenciais autoclíticos. O meio mais parcimonioso para isso é a substituição por um dos termos exemplificados na mesma categoria de autoclítico. Skinner (1957) se utiliza deste recurso em diversos pontos da obra dele (*e.g.*, p. 402). Caso ainda restem dúvidas sobre a classificação, identificar a função do operante secundário e, com isso, confirmar ou não a classificação do mesmo. Caso palavras marcadas como potenciais operantes secundários não o sejam de fato após a análise da função do operante no contexto de emissão, significa que possivelmente são operantes primários.

Confirmados os termos marcados como operantes básicos e secundários em análise da função do operante no contexto de emissão, verificar a classificação do tipo de autoclítico. Ou seja, verificar se a classificação atribuída aos termos autoclíticos no Passo 2 condiz com a função do operante no contexto de emissão. Caso a classificação atribuída aos termos autoclíticos no Passo 2 não se relacione com a função do operante no contexto de emissão, reclassificar o termo conforme a função que ele exerce no ouvinte ou leitor (no caso, o pesquisador). O método de análise comportamental do discurso instrui o leitor a se comportar assim, podendo contribuir nos casos mais difíceis de classificação, como gírias ou termos que não aceitam substituição (Borloti *et al.*, 2008; Borloti, Calixto &

Haydu, 2013). Portanto, pode ser possível a classificação funcional de todas unidades lexicais.

### Casos especiais

O primeiro caso especial é o do operante lexical *que*, apesar da mesma topografia, pode apresentar classificações gramaticais diferentes e, portanto, funções diferentes, conforme o contexto de sua emissão. O primeiro caso assim é a palavra *que*, que pode ter função gramatical de conjunção, pronome relativo, pronome interrogativo ou preposição, e, com isso, conforme o contexto, ter diferentes funções autoclíticas. Seguem-se quatro exemplos de emissão dessa unidade autoclítica: (a) na função de conjunção, exercendo função de autoclítico relacional: *Eu sei que eu sou adulto* (Conjunção integrante) ou *Você acorda mais tarde do que eu* (Conjunção comparativa); (b) na função de pronome relativo, exercendo função de autoclítico quantificador: *Do jeito que está não dá*; (c) na função de pronome interrogativo, exercendo função de autoclítico quantificador: *O que podemos fazer para resolver esse problema?*; (d) na função de preposição (*de* ou *a*), exercendo função de autoclítico relacional: *Tenho que sair agora*.

O segundo caso especial é o do controle múltiplo na função autoclítica: um mesmo operante pode exercer simultaneamente funções autoclíticas diferentes (muito comum em contrações de preposição com pronome demonstrativos ou indefinidos). Nesses casos, consideram-se ambas funções na contagem de autoclíticos. Exemplos: *deste(as)*, *disto*, *desse(as)*, *disso*, *daquele(as)*, *doutro(as)*, *neste(as)*, *nisto*, *nesse(as)*, *nisso*, *naquele(as)*, *naquilo*, que geralmente exercem simultaneamente funções autoclíticas relacionais e quantificadoras.

O terceiro caso especial é de locuções verbais cujo verbo principal é nocional. Com o verbo auxiliar *ser* ou *estar*, as locuções verbais são integralmente operantes básicos (e.g., Estou comprando uma casa; Estou a revisar o trabalho). Esses verbos auxiliares (sublinhados) nas locuções verbais são partes de um operante básico, sem função autoclítica lexical nessa classificação gramatical.

### Exemplo de aplicação do método

Exemplifica a aplicação do método descrito neste artigo o trecho dos dados produzidos por Balbi Neto (2016). O trecho é a transcrição da fala de participante masculino (denominado M1) interpretando personagem com predomínio de repertório agressivo (denominado Daniel) que interage com interlocutor na situação 4 da aplicação da Escala de Avaliação da Competência Social (Bandeira, 2002). O texto foi transcrito conforme orientações de Preti (1997), e as linhas numeradas facilitam a descrição da classificação (logo, sua formatação não está alinhada).

1. *Poxa mãe...sei lá...você anda meio estranha...esses dias você não tem dado atenção pra*
2. *mim...poxa...está difícil desse jeito...entendeu...? Eu preciso da senhora pra fazer*
3. *as coisas...por exemplo...chego da faculdade...procurar um café...cadê minha mãe pra*
4. *me ajudar...? Pra conversar...? Além do mais...eu estou aqui falando com você e você*
5. *está aí vendo essa novela...é sempre assim...você sempre tem alguma coisa mais*
6. *importante que eu...sei lá...não estou entendendo porque você está fazendo*
7. *isso...entendeu..?*

Para classificar os autoclíticos lexicais foi necessário seguir os passos de 1 a 3 (Preparação, Classificação e Revisão), descritos anteriormente. No Passo 1 (Preparação),



palavras ou conjunto de palavras com potencial para serem apenas operantes básicos foram marcadas com tachado:

1. Poxa... ~~mãe~~...~~sei lá~~...~~voeê~~ anda meio ~~estranha~~...esses ~~dias~~ ~~voeê~~ não ~~tem dado~~ ~~atenção~~
2. pra ~~mim~~...poxa...está ~~difícil~~ desse ~~jeito~~...~~entendeu~~...? ~~Eu preciso~~ da ~~senhora~~ pra fazer
3. ~~as~~ coisas...por ~~exemplo~~...~~chego~~ da ~~faculdade~~...~~procurar~~ um ~~café~~...cadê minha ~~mãe~~ pra
4. ~~me~~ ~~ajudar~~? Pra ~~conversar~~? Além do mais...~~eu~~ estou aqui ~~falando~~ com ~~voeê~~ e ~~voeê~~
5. está ~~ai~~ ~~vendo~~ essa ~~novela~~...é sempre assim...~~voeê~~ sempre tem alguma ~~coisa~~ mais
6. ~~importante~~ que ~~eu~~...~~sei lá~~...não ~~estou entendendo~~ porque ~~voeê~~ está fazendo
7. ~~isso~~... ~~entendeu~~...?

Para o Passo 2 (Classificação) foram classificados os termos não tachados, segundo as orientações anteriores. A Figura 1 mostra imagem do trecho com os operantes básicos tachados e os de ordem superior seguidos por sigla sobrescrita para a classificação provável. A legenda indica o significado funcional das siglas (sem itálico para reduzir a informação visual).

1. Poxa <sup>DC</sup> ... <del>mãe</del> ... <del>sei lá</del> ... <del>voce</del> anda <sup>QL</sup> meio <sup>QT</sup> <del>estranha</del> ...esses <sup>QT</sup> <del>dias</del> <del>voce</del> não <sup>QL</sup> <del>tem dado</del> <del>atenção</del>
2. pra <sup>RL</sup> <del>min</del> ...poxa <sup>DC</sup> ...está <sup>QL</sup> <del>difícil</del> desse <sup>QT</sup> <del>jeito</del> ... <del>entendeu</del> ...? <del>Eu</del> <del>preciso</del> da <sup>RL</sup> <del>senhora</del> pra <sup>RL</sup> <del>fazer</del>
3. as <sup>QT</sup> <del>coisas</del> ...por <sup>RL</sup> <del>exemplo</del> ... <del>chego</del> da <sup>RL</sup> <del>faculdade</del> ... <del>procurar</del> um <sup>QT</sup> <del>café</del> ...cadê <sup>RL</sup> minha <sup>QT</sup> <del>mãe</del> pra <sup>RL</sup>
4. <del>me</del> <del>ajudar</del> ? Pra <sup>RL</sup> <del>conversar</del> ? Além <sup>QT</sup> do <sup>RL</sup> mais <sup>QT</sup> ... <del>eu</del> estou <sup>QL</sup> <del>aqui</del> <del>falando</del> com <sup>RL</sup> <del>voce</del> e <sup>RL</sup> <del>voce</del>
5. <del>está</del> <del>af</del> <del>vendo</del> essa <sup>QT</sup> <del>novela</del> ...é <sup>QL</sup> sempre <sup>QT</sup> assim <sup>RL</sup> ... <del>voce</del> sempre <sup>QT</sup> <del>tem</del> alguma <sup>QT</sup> <del>coisa</del> mais <sup>QT</sup>
6. <del>importante</del> que <sup>RL</sup> <del>eu</del> ... <del>sei lá</del> ...não <sup>QL</sup> <del>estou</del> <del>entendendo</del> porque <sup>RL</sup> <del>voce</del> <del>está</del> <del>fazendo</del>
7. isso <sup>QT</sup> ... <del>entendeu</del> ...?
Legenda
<del>Tachado</del> : Operante básico
<sup>DC</sup> : Autoclítico descritivo
<sup>QL</sup> : Autoclítico qualificador
<sup>QT</sup> : Autoclítico quantificador
<sup>RL</sup> : Autoclítico relacional

Figura 1. Classificação de termos autoclíticos lexicais com realce de texto conforme a legenda e operantes básicos marcados com tachado.

O passo 3 (Revisão) foi aplicado no parágrafo já classificado, confirmando assim a maioria das ações dos passos 1 e 2. Foram necessárias algumas alterações na classificação, conforme a Figura 2, similar à 1.

1. Poxa <sup>DC</sup> ...mãe...sei lá <sup>QL</sup> ...você anda <sup>QL</sup> meio <sup>QT</sup> estranha...esses <sup>QT</sup> dias você não <sup>QL</sup> tem dado atenção
2. pra <sup>RL</sup> mim...poxa <sup>DC</sup> ...está <sup>QL</sup> difícil desse <sup>QT</sup> jeito...entendeu...? Eu preciso da <sup>RL</sup> senhora pra <sup>RL</sup> fazer
3. as <sup>QT</sup> coisas...por exemplo <sup>CP</sup> ...chego da <sup>RL</sup> faculdade...procurar um <sup>QT</sup> café...cadê <sup>RL</sup> minha <sup>QT</sup> mãe pra <sup>RL</sup>
4. me ajudar? Pra <sup>RL</sup> conversar? Além do mais <sup>RL</sup> ...eu estou <sup>QL</sup> aqui falando com <sup>RL</sup> você e <sup>RL</sup> você
5. está aí vendo essa <sup>QT</sup> novela...é <sup>QL</sup> sempre <sup>QT</sup> assim <sup>RL</sup> ...você sempre <sup>QT</sup> tem alguma <sup>QT</sup> coisa mais <sup>QT</sup>
6. importante que <sup>RL</sup> eu...sei lá <sup>QL</sup> ...não <sup>QL</sup> estou entendendo porque <sup>RL</sup> você está fazendo
7. isso <sup>QT</sup> ...entendeu...?
Legenda
Tachado: Operante básico
<sup>DC</sup> : Autoclítico descritivo
<sup>QL</sup> : Autoclítico qualificador
<sup>QT</sup> : Autoclítico quantificador
<sup>RL</sup> : Autoclítico relacional
<sup>CP</sup> : Autoclítico composicional

Figura 2. Revisão dos termos dos passos 1 e 2 com realce de texto conforme a legenda.

Foram alteradas 3 classificações: (a) nos operantes *lá* na primeira e na sexta linha; (b) no operante *por exemplo* na terceira linha; e (c) no operante *além do mais* na quarta linha. A primeira alteração se justifica porque o *sei lá* na comunidade verbal do falante (português coloquial do Brasil) tem função equivalente a *sei não*; assim, o *lá* junto ao *sei* exerce função qualificadora. A segunda alteração se justifica porque o *por exemplo*, inicialmente classificado como dois operantes (autoclítico relacional juntamente com operante básico) tem função de composicional, pois estabelece relações de composição entre o dito pelo falante e o os exemplos dados, como proposto por Skinner (1957). A terceira alteração se justifica porque o *além do mais* exerce função de conjunção aditiva: portanto, como operante secundário, exerce função relacional (relaciona o que foi dito com o que será dito).

## Conclusão

Este artigo visou apresentar proposta metodológica de classificação do operante verbal secundário lexical. Para isso, foram apresentadas: (a) as justificativas para o uso da classificação gramatical enquanto guia de classificação funcional; (b) os passos para a classificação dos autoclíticos; (c) os casos especiais de classificação; e (d) um exemplo de aplicação da metodologia apresentada. Conclui-se que esta proposta metodológica pode facilitar a identificação e a classificação de autoclíticos lexicais em transcrições de comportamento verbal, assim colaborando para o aumento do alcance e do impacto de pesquisas sobre o tema.

Outros métodos de classificação do operante secundário poderão ser feitos no futuro, assim como a complementação, alteração ou contraposição desta proposta. Como apresentado anteriormente, trabalhos científicos apontam a importância de estudar os processos autoclíticos e ao mesmo tempo a dificuldade em classificá-los. Este artigo torna-se relevante ao debate científico sobre métodos de classificação desses operantes, assim facilitando a produção científica e a comunicação entre pesquisadores.

## Referências

- Abreu, P. R. & Hübner, M. M. C. (2011). Efeitos de instruções sobre respostas de checagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), p. 301-307.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Papéis: EACS. *Avaliação psicológica*, 1 (2), p. 159-171.
- Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e Linguagem nas relações interpessoais: conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*.

Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

- Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa: Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(2), p. 221-236.
- Borloti, E., Calixto, F. C., & Haydu, V. B. (2013). Análise comportamental de um discurso de autoajuda. *Perspectivas em análise do comportamento*, 4(2), 92-105.
- Borloti, E., Fonseca, K. D. A., Charpinel, C. P., & Lira, K. M. (2009). Uma análise etimológico-funcional de nomes de sentimentos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 77-95.
- Borloti, E., & Hübner, M. (2010). O Autoclítico e a construção verbal. *Sobre Comportamento e Cognição: análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (p. 279-87). Santo André, SP: ESETec.
- Borloti, E., Iglesias, A., Dalvi, C. M., & Silva, R. D. M. (2008). Análise Comportamental do Discurso: Fundamentos e Método. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 101-110.
- Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chave. *Revista brasileira de educação especial* 10 (3), 257-272.

- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D. & Roche, B. (Orgs.) (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum Press.
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudek, J., & Keohane, D. D. (2011). The Emergence of Autoclitic Frames in Atypically and Typically Developing Children as a Function of Multiple Exemplar Instruction. *The Analysis of verbal behavior*, 27(1), 141.
- Mackay, H. A. (2016). From semantic to syntactic repertoires: the significance of three-term contingencies. *European Journal of Behavior Analysis*, 17(1), 87-104.
- Machado, A. R. (2014). *O Comportamento Verbal Musical: Conceitos e Dados Experimentais*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Martins, L. A. L., Hübner, M. M. C., Gomes, F. P., Portugal, M. P., & Treu, K. E. (2015). Effect of the qualifying autoclitic "is" in conditional discrimination training and equivalence tests. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(1), 37-46.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia*, 16(3): 8-18.
- Messa, L. C. S. (2011). *Ironia Verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Messa, L., Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2015). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*, 2(3).

- Passos, M. L. R. F. (2012). BF Skinner: the writer and his definition of verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 35(1), 115.
- Preti, D. (1997). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Souza, C. B. A., Miccione, M. M., & Assis, G. J. A. (2009). Relações autoclíticas, gramática e sintaxe: o tratamento skinneriano e as propostas de Place e Stemmer. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1).
- Speckman, J., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28(1), 83.
- Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D. (1967). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix.

#### 4. Artigo 3

Comportamento verbal autoclítico nos repertórios interpessoais: passivo, agressivo e assertivo

##### RESUMO

Na prática do Treinamento de Habilidades Sociais (THS), os repertórios interpessoais (passivo, agressivo e assertivo) são analisados por suas consequências: no longo prazo nos casos assertivos; no curto prazo, nos casos agressivo e passivo. Contribuindo com a perspectiva comportamental do THS, este artigo busca analisar os processos autoclíticos em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivos de pessoas adultas. Foram analisados os discursos de 4 participantes-atores (2 de cada sexo) e de 2 interlocutores-confederados (de ambos os sexos) durante a aplicação da Escala de Avaliação da Competência Social. Os participantes-atores interpretaram personagens com discurso de repertório predominantemente passivo e agressivo; os interlocutores, assertivo. Os dados apontam discursos agressivos mais competentes socialmente do que os passivos; discursos agressivos são caracterizados por frequências absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente quantificador e relacional); porcentagens elevadas de qualificadores ou manipulativos integram discursos com a propriedade passividade; quantificadores e relacionais, assertividade. Conclui-se que descritivos e manipulativos sinalizam incompetência social ou baixa assertividade, pois se apresentam em porcentagens elevadas nos discursos passivo e agressivo; quantificadores sinalizam competência social ou assertividade, pois comparecem em porcentagens elevadas no discurso assertivo; qualificadores relacionam-se fortemente ao discurso passivo; e relacionais são funcionalmente emitidos na defesa dos direitos, com porcentagens elevadas nos discursos assertivo e agressivo. Assim, este estudo contribui com a análise funcional do comportamento verbal nos repertórios-foco no THS.

**Descritores:** Comportamento Verbal, Relações Interpessoais, Habilidades Sociais, Assertividade, Agressão.

##### ABSTRACT

In Social Skills Training (SST), the interpersonal repertoires (passive, aggressive, and assertive) are analyzed after their consequences: in the long term, for the assertive cases; in the short term, for the aggressive and passive cases. In order to contribute to the SST's behavioral approach, this paper seeks to analyze the autoclitic processes in verbal



behaviors of passive, aggressive and assertive repertoires of adult persons. Four actors-participants' speeches were analyzed (2 from each sex), along with 2 confederated-interlocutors' (from both sexes) during the Social Competency Evaluation Scale application. The actors-participants interpreted the characters using mostly passive- and aggressive-repertoire speech, whilst the interlocutors used the assertive speech. Data show that aggressive speeches are socially more competent than passive speeches; aggressive speeches are characterized by high absolute frequencies of autoclitics (especially quantifying and relational); high percent rates of qualifying or manipulatives compose speeches with the passivity property, whilst assertiveness gathers more quantifying and relationals. It is concluded that descriptives and manipulatives indicate social incompetency or low assertiveness, since they appear in high percent rates in passive and aggressive speeches; qualifying are strongly related to the passive speech; and relationals are functionally emitted in the rights defense, with high percent rates in the assertive and aggressive speeches. This study thus contributes to the verbal-behavior functional analysis in SST's target-repertoires.

**Key-words:** Verbal Behavior, Interpersonal Relations, Social Skills, Assertiveness, Aggression.

## RESUMEN

En la práctica del Entrenamiento de Habilidades Sociales (EHS), los repertorios interpersonales (pasivo, agresivo y asertivo) son analizados por sus consecuencias: a largo plazo en los casos asertivos; a corto plazo, en los casos agresivo y pasivo. Al contribuir con la perspectiva conductual del EHS, este artículo analiza los procesos autoclíticos en conductas verbales de repertorios pasivos, agresivos y asertivos de personas adultas. Fueron analizados los discursos de 4 participantes-agentes (2 de cada sexo) y de 2 interlocutores-confederados (de ambos los sexos) durante la aplicación de la Escala de Evaluación de la Competencia Social. Los participantes-agentes han interpretado personajes con discurso de repertorio predominantemente pasivo y agresivo; los interlocutores, asertivo. Los datos apuntan discursos agresivos más competentes socialmente si comparado a los pasivos; discursos agresivos son caracterizados por frecuencias absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente cuantificadores y relacionales); porcentajes elevados de calificadores o manipulativos integran discursos con la propiedad de pasividad; cuantificadores y relacionales, de asertividad. Se concluye

que descriptivos y manipulativos señalan incompetencia social o baja asertividad, pues se presentan en porcentajes elevados en los discursos pasivo y agresivo; cuantificadores señalan competencia social o asertividad, pues comparecen en porcentajes elevados en el discurso asertivo; calificadores se relacionan fuertemente al discurso pasivo; y relacionales son funcionalmente expresos en la defensa de los derechos, con porcentajes elevados en los discursos asertivo y agresivo. Así, este estudio contribuye con el análisis funcional de la conducta verbal en los repertorios-foco en el EHS.

**Descriptores:** Conducta Verbal, Relaciones Interpersonales, Habilidades Sociales, Asertividad, Agresión

Os repertórios de comportamentos interpessoais agressivo, passivo e assertivo são comumente descritos no campo de pesquisa e intervenção denominado Habilidades Sociais (HS), que geralmente os contextualiza como presentes ou ausentes na classe de respostas “habilidades sociais” (cf. Caballo, 2003). Contudo, esse campo comumente abrange produções com viés cognitivista.

Caballo (2003), numa visão da Psicologia Cognitiva, descreve que as HS envolveriam 3 componentes: comportamentais, cognitivos e fisiológicos. Dentre os vários comportamentais, aponta como subcomponentes os “não verbais” (olhar, sorriso, gesto, expressão facial, postura corporal, posição do corpo no espaço), os “paralinguísticos” (volume, timbre, tom, inflexão, clareza, velocidade da fala) e os verbais (propriedades da fala [a exemplo da egocêntrica], instruções, perguntas, comentários, conversas informais e outros). Ao descrever os componentes “não verbais” e “paralinguísticos” (NV&P) das HS, Caballo (2003) desconsiderou esses componentes como comportamentos verbais ou propriedades dele nas diferentes formas de comunicação, conforme Balbi Neto (2016). Isso pode ter afastado da teorização, no campo das HS, analistas do comportamento.

Na perspectiva da Análise do Comportamento, tais HS podem ser definidas como classe de respostas (unidades funcionais) em inter-relações. Essa classe envolve a expressão/demonstração<sup>5</sup> de eventos encobertos (*e.g.* atitude), reforçadores ou de direitos do indivíduo de modo adequado ao contexto. Nessa expressão/demonstração respeitam-se os direitos alheios, normalmente resolvendo problemas imediatos e minimizando futuros. Essas consequências definem a função social dessa classe de respostas: “lidar de

---

<sup>5</sup> Neste artigo consideramos “expressão” a emissão de operante verbal e “demonstração” a emissão de operante não verbal, conforme Baum (1999). Assim, o termo “expressão/demonstração” indica a possibilidade de ocorrer ambos ou apenas um dos dois.

maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31).

Turini Bolsoni-Silva (2002) faz interpretação comportamental das HS descrevendo sua modelagem natural, discriminação verbal como parte do autoconhecimento e intervenção profissional sobre elas. Porém, no início da década de 2000, a autora não aprimorou a abordagem analítico-funcional ao descrever os aspectos verbais das HS. Tal ocorreu só 8 anos depois, quando Turini Bolsoni-Silva e Carrara (2010, p. 342) citam o conceito de análise funcional relacionando-o ao de HS. O comportamento verbal nas HS foi destacado pelos autores quando afirmaram que as HS podem “ser consideradas uma adjetivação de repertórios operantes, sobretudo verbais, pois são respostas ‘consequenciadas’ por uma comunidade verbal e podem assumir funções [primárias] tais como mando e tato”. Todavia, faltaram funções verbais dos componentes das HS, em especial as autoclíticas (ou secundárias).

Del Prette e Del Prette (2009), em estudo conceitual-teórico sobre componentes NV&P das HS: (a) apontam que esses componentes são operantes verbais “não vocais” ou comportamentos respondentes; (b) consideram tais componentes predominantemente operantes verbais, por serem modelados por ouvinte em práticas culturais; (c) sugerem que mandos são HS assertivas: ordens, avisos, reclamações, perguntas, pedidos; e (d) sugerem que HS empáticas são operantes verbais do tipo tato. Todavia, não apontam, em matizes funcionais, a possibilidade de mandos também serem comportamentos agressivos ou passivos, não habilidosos socialmente (cf. Skinner, 1957, quando analisou sob condições aversivas a função do mando, que pode ter propriedades agressivas, como nas advertências, ou passivas, como nas súplicas). No exemplo dos autores para o item “d”, *Vejo que você está triste com o ocorrido*, ressalva-se que a modulação da leitura deve ter tom “condizente com a usada pela comunidade verbal” (p. 168). Isso revela a importância

tanto das propriedades do operante quanto das funções da comunidade verbal na identificação/definição do mesmo enquanto socialmente habilitado.

Além do conceito de HS, relacionado ao desempenho social, importa compreender e diferenciar o conceito de competência social, “a capacidade do indivíduo de organizar pensamentos, sentimentos e ações em função de seus objetivos e valores articulando-os às demandas imediatas e mediatas do ambiente [social]” (Del Prette & Del Prette, 2001, p. 31). O desempenho social designa as formas relacionais - competentes ou não; já competência social é desempenho social competente. Ou seja, a competência social é avaliativa, pressupondo critérios para qualificar o desempenho social.

Habilidade, desempenho e competência social são os conceitos-chave do Treinamento de Habilidades Sociais (THS). Segundo Caballo (2003), o THS mostra-se uma das tecnologias mais potentes e frequentes no tratamento de problemas psicológicos (comportamentais, Skinner, 1953), principalmente na saúde mental. Portanto, o THS importa no tratamento de transtornos de humor, transtornos de ansiedade (especialmente fobia social), transtornos psicóticos e transtornos por uso de substância. Ademais, auxilia em problemas de timidez, isolamento social, conjugais e familiares. A THS favorece a efetividade das relações interpessoais<sup>6</sup> e a melhoria geral na qualidade de vida (Caballo, 2003). Em geral, essa efetividade relaciona-se a comportamento assertivo, operante descritivamente dependente e oposto aos comportamentos passivo e agressivo.

### Comportamento assertivo, passivo e agressivo

Os comportamentos assertivos integram o repertório socialmente habilitado. Portanto, altas HS extrapolam elaborados repertórios de assertividade. Todavia, a compreensão da funcionalidade dos comportamentos assertivo, passivo e agressivo é

---

<sup>6</sup> O termo “interpessoal” neste estudo equivale a “social”. Preferimos *interpessoal*, que remete a relação entre duas ou mais pessoas, a *social*, por dizer respeito, também, à Sociedade.

fundamental ao bom planejamento e execução de avaliação em HS, parte do procedimento deste estudo. Por isso, parafraseando principalmente Caballo (2003), será feita breve descrição desses comportamentos.

Rich e Schroeder (1976, p. 1082) conceituam o comportamento como a propriedade assertividade com critérios funcionais de capacidade ou habilidade: “uma ‘habilidade para procurar, manter ou aumentar o reforçamento em uma situação interpessoal por meio da expressão/demonstração de sentimentos ou desejos quando tal expressão/demonstração envolve riscos de perda de reforçamento ou até de punição’”. O comportamento assertivo é entendido como aquele que aumenta a probabilidade de produzir, como reforço positivo generalizado, atenção/aprovação dos outros à expressão/demonstração de sentimentos, necessidades e direitos legítimos da pessoa, enquanto diminui a probabilidade de produzir, como estimulação aversiva, a ameaça ou castigo por parte das demais, sem violação dos direitos alheios. A mensagem básica da assertividade é: *eu penso isto, eu sinto isto e vejo a situação dessa forma* (Caballo, 2003).

A assertividade é uma propriedade do comportamento de respeito por si mesmo e pelo outro. Esse comportamento é a expressão/demonstração das próprias necessidades e direitos, bem como consideração pelos direitos e necessidades alheios. A assertividade busca a comunicação respeitosa mútua. Assim, nenhuma parte tem sua integridade básica ferida e ambas satisfazem suas necessidades, pelo menos parcialmente. O comportamento assertivo considera os direitos gerais e as responsabilidades próprias face às possíveis consequências.

Ao falar de si, o assertivo considera seus direitos e os alheios na situação e suas responsabilidades com as consequências da expressão/demonstração de seus sentimentos, visto que seu comportamento assertivo poderá resultar em conflito entre as partes. Normalmente o comportamento assertivo favorece ambas as partes. Todavia, há situações

em que, mesmo apropriado, pode incomodar, pois impede a satisfação de necessidades alheias às custas da violação dos próprios direitos. Seja como for, a assertividade busca maximizar consequências favoráveis e minimizar as desfavoráveis aos indivíduos no longo prazo.

O comportamento assertivo é forma de desempenho social competente: logo, está sujeito às variações contextuais e culturais (Del Prette & Del Prette, 1999). Comportamentos que em certo contexto e/ou subcultura (*e.g.*, família) considerados assertivos por uma comunidade verbal (*e.g.*, membros da família) podem ser considerados inapropriados (agressivos ou passivos) em outra comunidade verbal (*e.g.*, colegas de trabalho ou estudo). Assim, os comportamentos assertivos – assim como os passivos e agressivos – podem ser avaliados diferentemente conforme a comunidade verbal.

O comportamento passivo ocorre na violação dos próprios direitos da pessoa, quando inábil para expressar sinceramente seus sentimentos, pensamentos e opiniões. A mensagem que geralmente esse comportamento passa é: *minhas opiniões não contam; meus pensamentos não são importantes, somente os seus são; caso você se aproveite de mim, não haverá problema; meus sentimentos não são importantes, somente os seus são; eu não tenho valor, somente você* (Caballo, 2003). A pessoa passiva desrespeita suas próprias necessidades e desconsidera a habilidade alheia em lidar com frustrações e assumir responsabilidades e problemas. A passividade busca acalmar os demais e evitar embates a todo custo, mesmo que viole a integridade de quem emite tais comportamentos.

Semelhantes comportamentos podem produzir consequências desagradáveis para ambas as partes do relacionamento interpessoal, em especial a passiva. Primeiramente, ou suas necessidades não são satisfeitas ou suas opiniões não são entendidas, devido às dificuldades comunicativas, manifestadas nas formas de comunicação indireta, distorcida ou ausente. Consigo mesma pode sentir-se mal, já que se vê inábil para expressar

adequadamente suas opiniões e sentimentos. Isso pode levá-la a sentir-se culpada, ansiosa, deprimida e com baixa autoestima. Pode, também, desenvolver queixas somatoformes, como problemas cardiovasculares e dermatológicos, correlatos à inabilidade de expressão/demonstração de sentimento.

Outra consequência é que a pessoa passiva geralmente se sente incompreendida, desconsiderada e manipulada, além de irritada, incomodada ou hostilizada, podendo tornar-se agressiva para com o outro. A resistência à frustração é limitada. Daí ser provável, em situações sucessivas de agressão ou sob forte situação agressiva, a evocação de sentimentos negativos com comportamentos agressivos. A intensidade dos comportamentos manifestos costuma ser desproporcional à situação prévia de agressão.

A agressividade ocorre quando se faz valer os próprios direitos, expressando pensamentos, sentimentos e opiniões de tal forma que costuma ser desrespeitosa, desonesta, inapropriada, ou violadora de direitos alheios. Esse comportamento pode se manifestar por meio direto ou indireto. Por meio direto pode caracterizar-se como: (a) agressão vocal, incluindo ofensas, insultos, humilhações, ameaças e hostilizações; (b) comportamento cinésico agressivo ou ameaçador como: fechar os punhos, expressão facial de raiva ou ódio e agressão física. Indiretamente, pode ser manifestado por: (a) comentários ou murmúrios rancorosos, debochados, sarcásticos e maliciosos; e (b) cinésicos com essas mesmas propriedades (cf. taxonomia do comportamento de comunicação, Balbi Neto, 2016). Qualquer das ações pode ser dirigida a objetos ou a outros, quando tem função usual de dominar e vencer. Assim, a contingência básica em que está envolvido poderia ser descrita pelo agressor como: *eu penso isso, se você pensa diferente, é tolo; o que eu quero é importante, mas o que você quer não; o que eu sinto é importante, mas o que você sente não* (Caballo, 2003).



O comportamento agressivo pode produzir resultados favoráveis no curto prazo, mas, muitas vezes, desfavoráveis no longo prazo. As consequências favoráveis podem ser: expressão/demonstração exagerada das emoções, sensação de poder, conquista de objetos, metas e necessidades, provocando pouca ou nenhuma reação direta da outra parte. Consequências negativas imediatas podem ser: sentimento de culpa, contra-agressão direta e enérgica (insulto ou contato físico), ou contra-agressão indireta (gestos ou comentários irônicos) ou atrasada. De qualquer forma, normalmente os resultados são negativos no longo prazo, incluindo conflito no relacionamento interpessoal (agressões mútuas), fuga e esquiva da outra parte.

#### Operantes verbais secundários e HS

Os operantes verbais, em especial os autoclíticos, concorrem com outras modalidades de comportamentos socialmente habilitados para a modificação do comportamento do ouvinte, a outra parte do relacionamento interpessoal. Logo, compreender as relações de fluência funcional entre comportamentos verbais secundários e outras modalidades de comportamentos assertivos, passivos ou agressivos pode contribuir para melhor avaliação e intervenção em HS.

As relações verbais destacam a função da forma verbal emitida pelo falante. Como a função importa para a previsão e o controle de uma relação, deve-se analisá-la. A amplitude da proposta de Skinner (1957) se mostra na explicação dos processos verbais autoclíticos que atuam sobre os operantes verbais primários (mando, tato, ecoico, textual, intraverbal e transcritivo) tornando mais precisa a função deles sobre o ouvinte. Autoclítico, cuja etimologia deriva de “debruçar-se sobre” (Catania, 1980, p. 175-176), pode explicar parte do fenômeno competência social em adultos. Considerando o que se diz, o processo autoclítico aparece em comentários, qualificações, ênfases, ordenações,

coordenações, negações, afirmações, comparações, quantificações e assim por diante. No caso das qualificações, Skinner (1957, p. 356, nossa tradução) exemplifica: “é característico do tímido ou da pessoa reservada qualificar tudo quanto diz, a fim de evitar possíveis equívocos”. Igualmente, “Pessoas inseguras podem qualificar muitas de suas observações, pelo menos diante de ouvintes potencialmente punitivos, com uma risadinha autoclítica” (p. 454).

Segundo Skinner (1957), o processo autoclítico aparece também em propriedades do comportamento verbal, além da estrutura lexical, como a entonação que dá ao comportamento do falante efeito sonoro com função de eliciar o comportamento emocional do ouvinte. Isso explica por que “Nós não dizemos *Anime-se!* com um tom monótono, pois não podemos esperar que o mando sozinho tenha efeito sobre o ouvinte” (p. 48, nossa tradução).

Portanto, considerando: (a) a importância da intervenção em HS na Psicologia; (b) a escassez de estudos sobre processos autoclíticos, conforme revisão de literatura de Balbi Neto (2016); (c) a inexistência de estudos do processo autoclítico em HS, justifica-se, na perspectiva social e científica, a relevância deste artigo em seu objetivo geral de analisar os processos autoclíticos em comportamentos verbais de repertórios passivos, agressivos e assertivos de inter-relações adultas de ambos os sexos. São seus objetivos específicos analisar a competência social a partir da frequência dos operantes verbais autoclíticos nesses repertórios, comparando tipo e frequência desses operantes.

## Método

### *Participantes*

Esta pesquisa é um estudo descritivo e exploratório (Oliveira, 1984, Breakwell, Fife-Schaw, Hammond & Smith, 2010), já que identificou, descreveu e analisou fenômenos (autoclíticos) em situações específicas (discurso passivo, agressivo ou assertivo em contexto de demanda interpessoal). Como se tratou de uma pesquisa exploratória sob condições experimentais, optou-se por número mínimo de participantes, enquanto se estudava o máximo possível seus repertórios e variáveis de controle. Por interpretarem papéis no instrumento descrito adiante, os participantes foram denominados participantes-atores.

Foram convidados 4 participantes-atores de ambos os sexos (variável de controle: sexo) que dramatizaram personagens agressivas e passivas (variável de controle: tipo de repertório) em ordens diferentes (variável de controle: ordem de interpretação das personagens), ou seja, dois participantes de sexo diferente interpretaram primeiramente personagem agressivo e posteriormente um passivo, e outros dois participantes (também de sexo diferentes) interpretaram primeiramente um personagem passivo e posteriormente um agressivo. Considerando a importância dada à ordem das personagens interpretados, os participantes não tiveram contato entre si durante a coleta de dados. Os 2 participantes-atores do sexo masculino foram denominados M1 e M2, e as 2 participantes-atrizes, F1 e F2. Os participantes tinham mais de 5 anos de interação com a comunidade verbal da região da Grande Vitória (ES) e mais de 5 anos de experiência com teatro amador.

Também foram convidados 2 interlocutores (confederados), conforme orientações do instrumento utilizado (EACS, Bandeira, 2002) descrito adiante. Eram universitários

adultos familiarizados (mais de 5 anos de interação) com a comunidade verbal da região da Grande Vitória.

Os participantes-atores já possuíam repertórios de comportamentos agressivos e passivos, porém esses se manifestavam em situações raras e específicas. A aplicação de teste estruturado de interação permitiu a observação desses comportamentos raros em situação natural interpessoal (Del Prette & Del Prette, 2006).

### *Instrumento*

Os dados foram obtidos por meio de instrumento de interpretação de papéis, selecionado por possibilitar a observação de comportamentos interpessoais que, apesar de ocorrerem em situação natural, muito raramente ocorreriam em situação controlada, em especial com uso de câmeras de filmagem. Optou-se por esta forma de obtenção dos dados (comportamentos oriundos de contingências simuladas) porque um estudo (Bandeira, 2002) a apontou como válida a esse propósito, pelo reconhecimento da comunidade verbal como sendo dados análogos aos que ocorreriam (e ocorrem) em situação natural (tal reconhecimento foi obtido por juízes).

O instrumento usado para a obtenção dos dados foi a Escala de Avaliação da Competência Social (EACS, Bandeira, 2002), aplicada nos participantes-atores na forma de interpretação de papéis (Apêndice 2), em situações conforme propostas, com as alterações descritas adiante no delineamento. Foi desenvolvida para avaliar o desempenho social de pacientes com diagnóstico de transtorno mental, por meio de observação dos comportamentos em situação de desempenho de papéis. Composta de 4 situações estruturadas em contexto de cotidiano familiar envolvendo problemas de interação interpessoal, considera variações no gênero do ouvinte (interlocutor do

avaliando) e nos tipos contingências interpessoais vivenciadas. A escala envolve a aplicação de 4 subtestes estruturados de interação semiextensa para evocar 2 classes de respostas (Receber crítica e Expressar insatisfação), com 2 subtestes para cada: (a) Receber crítica: o avaliando está acordando muito tarde, dificultando o interlocutor realizar tarefas domésticas; (b) Expressar insatisfação: o interlocutor usou roupa do avaliando sem autorização e a deixou sem condições de uso; (c) Receber crítica: o avaliando está fazendo barulho, incomodando pessoas da casa à noite; e (d) Expressar insatisfação: pessoa da família tem dispensado pouca atenção ao avaliando nos últimos tempos.

Os comportamentos foram avaliados em 5 subescalas e 1 escala global, descritas aqui a partir da taxonomia de Balbi Neto (2016): (a) desempenho da competência verbal vocal idiomática (Subescala Verbal); (b) desempenho da competência verbal cinésica e proxêmica (Subescala “Não Verbal”); (c) desempenho nas propriedades vocais não idiomáticas (Subescala “Paralinguística”); (d) desempenho da expressividade emocional por meio de competência verbal cinésica e propriedades vocais (Subescala Expressividade Emocional); (e) desempenho na resolução de problema de demanda interpessoal (Subescala Solução de Problema); e (f) competência social global (Escala Global). As pontuações podem ser dadas em 6 categorias do tipo Likert (Bandeira, 2002): (a) incompetência muito acentuada (1 ponto); (b) incompetência acentuada (2 pontos); (c) competência mínima em relação ao grupo de referência (3 pontos); (d) competência média em relação ao grupo de referência (4 pontos); (e) competência acentuada em relação ao grupo de referência (5 pontos); e (f) competência muito acentuada em relação ao grupo de referência (6 pontos).

A aplicação da EACS orienta que interlocutores-confederados sejam treinados para interagir com o(a) participante-ator(atriz) usando réplicas (falas padronizadas) de 3

tipos: iniciais (função de iniciar), intermediárias (função de desenvolver) e finais (função de encerrar a interação). O instrumento dispensa comportamentos assertivo, passivo ou agressivo do interlocutor, mas as descrições das réplicas apresentaram análogos de comportamental verbal idiomático correlato de comportamento assertivo. Neste trabalho foram adotadas as propriedades de comportamentos assertivos para as falas padronizadas dos interlocutores.

EACS é teste estruturado de interação semiextensa, ou “teste de representação de papéis” (Caballo, 2003). Tais testes são situações interpessoais arranjadas pelo pesquisador (ou avaliador), em condições ambientais previamente estabelecidas, que criam contexto favorável à observação e à avaliação de desempenho social (Caballo, 2003). Os testes estruturados de interação breve se diferenciam dos de interação semiextensa pela possibilidade de réplicas entre avaliando e interlocutor do avaliando, prolongando o teste. Podem ser utilizados em pesquisa de método misto, pois possibilitam a observação em condições experimentais (Breakwell *et al.*, 2010).

A observação de comportamentos em testes estruturados de interação se mostra útil na avaliação de desempenho de competência social, já que permite identificar e avaliar habilidades e competências raras em situações naturais, mas pouco relevantes para a qualidade das inter-relações (Del Prette & Del Prette, 2006), tais como Expressar Insatisfação e Receber Críticas. Quando há pouco autoconhecimento do avaliando acerca das próprias habilidades sociais, são esperadas diferenças entre resultados de medidas de autorrelato, como escalas e inventários, e resultados de testes estruturados de interação (Mori & Armendariz, 2001). Nesses testes, o avaliando emite comportamentos verbais e não verbais conforme as contingências; enquanto nas medidas expressa, só verbalmente, o que conhece sobre os próprios comportamentos.

### *Coleta de dados*

Como aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, os participantes-atores foram informados sobre o envolvimento deles na pesquisa e, após concordarem, assinaram o termo de compromisso em duas vias (Apêndice 1). Em seguida, foram preparados para a primeira aplicação da EACS.

Antes, cada ator recebeu a descrição de um personagem diferente para estudo (Apêndice 2). Nessa descrição, Daniel e Daniela são personagens com história de reforçamento de repertório de comportamentos agressivos nas relações interpessoais (a descrição detalhada das personagens está no Apêndice 2), e Gabriel e Gabriela, personagens com história de reforçamento de repertório de comportamentos passivos. As funções desses nomes no repertório dos participantes a partir de suas histórias de aprendizagem são variáveis importantes, mas de controle impossível. Daí evitarem-se nomes de personagens populares na mídia, optando-se por personagens com nomes bíblicos comuns e correlatos de gênero para minimizar os efeitos dessas histórias.

Inicialmente, M1 interpretou Daniel, e M2, Gabriel. As atrizes F1 e F2 interpretaram, respectivamente, Daniela e Gabriela. A descrição detalhada das personagens (Apêndice 2) embasou-se nas descrições dos repertórios passivo e agressivo, apresentadas anteriormente. As características sociodemográficas sugeridas por Caballo (2003) compuseram o perfil das personagens como covariáveis de controle, e todos foram descritos a partir das mesmas variáveis de controle sociodemográficas. A escolha dessas variáveis sociodemográficas embasou-se nas informações fornecidas na descrição da EACS (Bandeira, 2002). Foram utilizadas 9 covariáveis de características sociodemográficas: Idade (20 a 30 anos), Estado civil (Solteiro), Estrutura familiar (Pai, mãe, 3 filhos, sendo um a personagem), número de membros no lar (4), Profissão, (Estudante estagiário), Escolaridade (superior incompleto), Naturalidade (município da

Grande Vitória), Pertinência (urbana, sem experiência rural) e Língua (Portuguesa do Brasil). Os atores não tiveram contato entre si na preparação ou coleta de dados para não se influenciarem mutuamente.

Assim, para cumprir os objetivos as aplicações da EACS foram filmadas e posteriormente observadas, transcritas (Apêndice 3), avaliadas quanto à competência social pela EACS, e mensuradas as frequências dos comportamentos-alvo (objetos de estudo).

A EACS foi aplicada separadamente nos participantes-atores que interpretaram personagens conforme disposto anteriormente. Ao fim de cada situação da EACS, foi questionado a cada participante-ator como ele avaliava o desempenho dele na cena, ou seja, o quanto correspondeu à personagem interpretada em escala Likert de 1 a 5 (1 = nada correspondente a 5 = totalmente correspondente). Caso o participante-ator informasse a pontuação de 1 a 3, podia reinterpretar o papel. Apenas um participante-ator avaliou-se com pontuação entre 1 e 3, duas vezes. Em ambas as situações, ele optou por repetir a interpretação. As filmagens das situações avaliadas entre 1 e 3 foram eliminadas; a gravação posterior, preservada, foi avaliada pelo ator como acima de 3.

Para evitar o controle que as cores, como estímulo visual, poderiam exercer sobre os operantes, em todas as aplicações da EACS (primeira e segunda aplicação), as roupas utilizadas pelos interlocutores e outros colaboradores de pesquisa, bem como os objetos do cenário, tiveram suas cores equilibradas (cores frias e quentes em proporções semelhantes) ou neutras (preto, branco, cinza), sem excesso de cores frias (azul, verde, roxo) ou quentes (vermelho, amarelo e laranja). As roupas das personagens foram escolhidas pelos atores, segundo julgassem adequadas à descrição das personagens.

Antes da segunda aplicação da EACS, cada ator recebeu a descrição de outra personagem para interpretação, diferindo da primeira personagem quanto ao predomínio



de repertório. No segundo momento, M2 interpretou Daniel e M1 Gabriel. Da mesma forma, as atrizes F1 e F2 trocaram de personagem: F2 interpretou Daniela, e F1, Gabriela. Assim como na primeira preparação, os atores não se contataram na coleta de dados para não se influenciarem mutuamente.

A EACS foi aplicada pela segunda vez nos participantes-atores separadamente, interpretando personagens conforme disposto anteriormente. Da mesma forma, foi questionado aos atores, ao fim de cada subtestes da EACS, como avaliavam seu desempenho na cena, ou seja, quanto o desempenhado correspondeu à personagem estudado em escala Likert de 1 a 5 (1 = nada correspondente a 5 = totalmente correspondente). Todos os participantes-atores informaram pontuação de 4 ou 5, dispensando repetição.

#### *Validação, tratamento e análise de dados*

Antes da análise de dados, foi necessário validar as cenas (situações filmadas nos subtestes da EACS) por juízes, como análogas o suficiente às situações de contingência natural. Os juízes foram informados que se tratava da aplicação de teste estruturado de interação para avaliação de competência social, logo, situação filmada em contexto controlado. Contudo, não foram informados que as pessoas filmadas na condição de avaliados eram os participantes-atores. Os juízes avaliaram o quanto análoga (verossímil) a uma situação natural é a cena filmada (contexto controlado). Os juízes avaliaram em escala Likert de 1 a 5 o grau de analogia/verossimilhança da cena com uma situação natural (1 = nada análogo/verossímil a 5 = totalmente análogo/verossímil). Foram convidados 4 juízes, 2 para avaliar a primeira aplicação da EACS e 2 para a segunda. Os juízes eram adultos, membros da mesma comunidade verbal dos atores por mais de 5

anos, sem histórico de transtorno mental e exercendo atividade ocupacional (estudantil e/ou laboral). Todas as cenas foram avaliadas com pontuações 4 ou 5.

Depois de cada aplicação, a situação filmada foi avaliada por 3 observadores (termo utilizado pela EACS) treinados dentro dos procedimentos de cotação da EACS. Isso possibilitou mensurar a aproximação dos comportamentos dramatizados da adjetivação assertiva (comportamento socialmente hábil). Além de realizar as cotações da EACS, os observadores avaliavam, em escala Likert de 1 a 5, a propriedade agressividade do discurso de cada participante interpretando uma personagem, sendo 1 = nada agressiva e 5 = totalmente agressiva. Cenas cuja personagem era Daniel(a) foram avaliadas com pontuações 4 ou 5, e cenas cuja personagem era Gabriel(a) foram avaliadas com pontuações 1 ou 2, exceto 4 cenas interpretadas por M2 avaliadas com pontuações 4 e 5. Assim, na análise de dados considerou-se que o ator M2 interpretou Daniel 2 vezes, já que em ambas as avaliações seu desempenho foi considerado com predomínio de repertório agressivo.

Os observadores também avaliaram o desempenho dos interlocutores para validar o predomínio do repertório assertivo. Assim, os observadores avaliaram a propriedade assertividade do discurso de cada interlocutor em escala Likert de 1 a 5, sendo 1 = nada assertividade e 5 = total assertividade. Em todas as cenas, o discurso dos interlocutores foi avaliado com pontuação 4 ou 5, validando assim os dados do discurso do interlocutor para análise.

Os observadores eram adultos, da mesma comunidade verbal dos atores, sem histórico de transtorno mental e exercendo atividade ocupacional (estudantil e/ou laboral). Os observadores passaram por treino de habilidades sociais, conforme instrução na Escala de Avaliação da Competência Social. Inicialmente as cenas foram classificadas por 2 observadores, que obtiveram índice de concordância de classificação das respostas

igual a 0,86 (índice Kappa). A análise da concordância da classificação seguiu o seguinte procedimento: 1) Concordância entre ambos observadores: item de cotação aceita; 2) Discordância entre os observadores: item analisado por terceiro observador, igualmente treinado, que decidiu entre as posições divergentes. Sempre que houve divergência quanto à pontuação, a diferença foi igual a 1 (não maior).

Todas as situações filmadas (avaliadas com pontuação 4 ou 5 para análogo/verossímil) foram transcritas (Apêndice 3) conforme sistema de Preti (1988) do Anexo 1. Foram identificados e classificados os operantes verbais secundários (Skinner, 1957), seguindo-se o método de Balbi Neto (2016), que funde os autoclíticos composicionais na categoria autoclíticos relacionais, já que comungam os termos lexicais indicando relação entre temas do discurso.

Os resultados das cotações da EACS, as frequências absolutas e relativas (porcentagem) dos operantes verbais secundários, bem como as cotações da EACS, foram analisadas por análise estatística descritiva e inferencial. A análise estatística descritiva utilizou a categorização das variáveis qualitativas em porcentagem (*e.g.* cotações da EACS), média e desvio-padrão das variáveis quantitativas (*e.g.* frequência de operantes verbais secundários) (Pestana & Gageiro, 2003, Dancey & Reidy, 2006).

O tratamento dos dados foi feito com o programa SPSS® (*Statistical Package for the Social Sciences*), utilizando cálculo, análise e interpretação de: 1) Teste t-student para comparar a diferença de média nas cotações da EACS entre os grupos de repertório passivo e agressivo, 2) ANOVA (*one way*) para comparar a diferença de média na frequência e porcentagem dos operantes verbais secundários entre os grupos de discursos avaliados como passivo, agressivo e assertivo, 3) D de Somer e Eta para verificar a correlação entre o tipo de discurso (passivo, agressivo e assertivo) e a frequência relativa

(porcentagem) do autoclítico. Optou-se pelo uso de Teste t-student e ANOVA, pois as variáveis atendem aos critérios de normalidade (Pestana & Gageiro, 2003).

Em todos os casos de estatística inferencial, foram considerados resultados significantes os que tinham  $p$  menor ou igual a 5%, considerando as características desse estudo: descritivo, exploratório e correlacional (Dancey & Reidy, 2006).

## Resultados e Discussão

### *Competência social*

A EACS aplicada 8 vezes, 2 em cada um dos 4 participantes, resultou em 32 cenas filmadas e transcritas. Cada cena possuiu 2 discursos, o do interlocutor, que demonstrou o predomínio de repertório assertivo, e o do participante-ator, que interpreta personagem com o predomínio de repertório passivo ou agressivo. Conforme a avaliação dos juízes, M2 demonstrou predomínio de comportamento agressivo em ambas aplicações da EACS, somando 12 discursos analisados com predomínio de repertório passivo, 20 de agressivos e 32 de assertivos.

Os discursos considerados passivos pelos observadores apresentaram cotações na EACS entre “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) e “Competência mínima” (3 pontos) em todas as cotações da EACS, conforme Tabela 1. Na Subescala Verbal, 16,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 58,3% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 25% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Subescala “Não Verbal” (de fato, competência verbal cinésica, Balbi-Neto, 2016), 41,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 41,7% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 16,7% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Subescala “Paralinguística” (de fato,

desempenho verbal vocal não lexical, Balbi-Neto), 8,3% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 50% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 41,7% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Subescala Expressividade Emocional, 16,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 75% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 8,3% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Subescala Solução de Problema, 66,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 25% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 8,3% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Escala Global, 8,3% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 75% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 16,7% como “Competência mínima” (3 pontos).

Tabela 1

Porcentagem das cotações da EACS em discursos de predomínio de repertórios passivo.

Cotação	EACS (Escala e Subescalas)					
	Verbal	Não Verbal	Paral.	Expr. Emoc.	Sol. de Prob.	Global
Incompetência muito acentuada	16,7	41,7	8,3	16,7	66,7	8,3
Incompetência acentuada	58,3	41,7	50,0	75,0	25,0	75,0
Competência mínima	25,0	16,7	41,7	8,3	8,3	16,7
Competência média	--	--	--	--	--	--
Competência acentuada	--	--	--	--	--	--
Competência muito acentuada	--	--	--	--	--	--

De 83,45 a 91,7% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) ou “Incompetência acentuada” (2 pontos) em todas as Subescalas da EACS e Escala Global. A exceção foi a Subescala “Paralingüística”

(desempenho verbal vocal não lexical), com 58,3% avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) ou “Incompetência acentuada” (2 pontos). Em todo caso, mais de 58,3% dos discursos passivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” ou “Incompetência muito acentuada” na EACS, resultado esperado e congruente com a revisão de literatura, em que repertórios passivos apresentam competência social baixa ou muito baixa (Caballo, 2003). Com relação à porcentagem levemente inferior na Subescala “Paralinguística” (desempenho verbal vocal não lexical), pode-se entender que as propriedades vocais não lexicais (“paralinguísticas”) sejam as mais difíceis de simular, já que são treinadas na maioria das vezes contingencialmente na comunidade verbal, ou seja, o treino formal para propriedades passivas não lexicais do comportamento vocal é incomum na comunidade verbal (Skinner, 1957).

Os discursos avaliados como agressivos pelos observadores apresentaram cotações na EACS entre “Incompetência muito acentuada” (1 ponto) e “Competência média” (4 pontos), conforme Tabela 2. Na Subescala Verbal, 25% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (2 pontos), 60% como “Competência mínima” (3 pontos), e 15% como Competência média (4 pontos). Na Subescala “Não Verbal”, 5% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (2 pontos), 90% como “Competência mínima” (3 pontos) e 5% como Competência média (4 pontos). Na Subescala “Paralinguística”, 20% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (2 pontos), 70% como “Competência mínima” (3 pontos), e 10% como Competência média (4 pontos). Na Subescala Expressividade Emocional, 20% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (2 pontos), 70% como “Competência mínima” (3 pontos), e 10% como Competência média (4 pontos). Na Subescala Solução de Problema, 5% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1

ponto), 60% como “Incompetência acentuada” (2 pontos) e 35% como “Competência mínima” (3 pontos). Na Escala Global, 5% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência muito acentuada” (1 ponto), 35% como “Incompetência acentuada” (2 pontos), 55% como “Competência mínima” (3 pontos) e 5% como Competência média (4 pontos).

Tabela 2

Porcentagem das cotações da EACS em discursos de predomínio de repertórios agressivos.

Cotação	EACS (Escala e Subescalas)					Global
	Verbal	Não Verbal	Paral.	Expr. Emoc.	Sol. De Prob.	
Incompetência muito acentuada					5,0	5,0
Incompetência acentuada	25,0	5,0	20,0	20,0	60,0	35,0
Competência mínima	60,0	90,0	70,0	70,0	35,0	55,0
Competência média	15,0	5,0	10,0	10,0		5,0
Competência acentuada	--	--	--	--	--	--
Competência muito acentuada	--	--	--	--	--	--

De 85% a 95% dos discursos agressivos foram avaliados como “Incompetência acentuada” (1 pontos) ou “Competência mínima” (2 pontos) em todas as Subescalas da EACS e na Escala Global. Conforme previsto na literatura, o repertório de propriedades agressivas consegue apresentar desempenho na competência social superior ao repertório passivo, já que consegue garantir seus direitos, ainda que viole os direitos do outro (Caballo, 2003). Por outro lado, não obteve pontuações acima de competência média, que assim mesmo apresenta porcentagem muito baixa, variando entre zero e 15%. Isso significa que repertórios agressivos apresentam competência social mínima ou baixa,

indicando resultado esperado e congruente com a revisão de literatura (Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010, Turini Bolsoni-Silva, & Carrara, 2010).

Os resultados qualitativos da EACS, assim como as cotações das Subescalas e da Escala Global, também foram analisados em termos quantitativos, já que cada categoria de classificação equivale a uma pontuação. A média (M) e o desvio-padrão (DP) das pontuações da EACS nos repertórios passivos foram: (a) na Subescala Verbal,  $M=2,08$  e  $DP=0,67$ ; (b) na Subescala “Não Verbal”,  $M=1,75$  e  $DP=0,75$ ; (c) na Subescala “Paralinguística”,  $M=2,33$  e  $DP=0,65$ ; (d) na Subescala Expressividade emocional,  $M=1,92$  e  $DP=0,52$ ; (e) na Subescala Solução de problema,  $M=1,42$  e  $DP=0,67$ ; (f) na Escala Global,  $M=2,08$  e  $DP=0,52$ , conforme Tabela 3. Nos repertórios passivos, as médias das pontuações na EACS variaram entre 1,43 e 2,33, e o desvio-padrão entre 0,52 e 0,75.

A média (M) e o desvio-padrão (DP) das pontuações da EACS nos repertórios agressivos foram: (a) na Subescala Verbal,  $M=2,90$  e  $DP=0,64$ ; (b) na Subescala Não Verbal,  $M=3,00$  e  $DP=0,32$ ; (c) na Subescala Paralinguística,  $M=2,90$  e  $DP=0,55$ ; (d) na Subescala Expressividade emocional,  $M=2,90$  e  $DP=0,55$ ; (e) na Subescala Solução de problema,  $M=2,30$  e  $DP=0,57$ ; (f) na Escala Global,  $M=2,60$  e  $DP=0,68$ , conforme Tabela 3. Nos repertórios agressivos, as médias das pontuações na EACS variaram entre 2,30 e 3,00, e o desvio padrão, entre 0,32 e 0,68.

Os resultados da EACS apontam diferença de média estatisticamente significativa entre as pontuações da EACS para os grupos de repertório passivo e agressivo. Nas Subescalas Não Verbal, Expressividade emocional e Solução de problema a diferença de média entre os grupos tem significância  $p<0,001$ , e  $t$  igual 6,52, 4,99 e 3,97, respectivamente. Na Subescala Verbal, a diferença de média entre os grupos tem significância  $p<0,005$  e  $t=3,43$ . Na escala Global e na Subescala Paralinguística a



diferença de média entre os grupos tem significância  $p < 0,05$ , e  $t=2,26$  e  $t=2,26$ , respectivamente. Os dados apontam diferenças mais consideráveis nas Subescalas da EACS, exceto Paralinguística; e menos importantes na Escala Global e na Paralinguística. Ou seja, de maneira geral, os repertórios passivos e agressivos distinguem-se menos em uma avaliação global do que em avaliações isoladas.

Tabela 3

Diferença de média (M) e Desvio-padrão (DP) entre cotações da EACS para grupos de discurso passivos e agressivos.

Escala/Subescala (EACS)	Passivo		Agressivo		<i>t</i>
	M	DP	M	DP	
Verbal	2,08	0,67	2,90	0,64	3,43**
Não verbal	1,75	0,75	3,00	0,32	6,52***
Paralinguística	2,33	0,65	2,90	0,55	2,62*
Expressividade emocional	1,92	0,52	2,90	0,55	4,99***
Solução de problema	1,42	0,67	2,30	0,57	3,97***
Global	2,08	0,52	2,60	0,68	2,26*

\*\*\* $p < 0,001$ , \*\* $p < 0,005$ , \* $p < 0,05$

#### *Operantes verbais superiores*

Quanto aos operantes verbais superiores nos discursos avaliados como passivos, agressivos ou assertivos em contexto interpessoal, foram emitidos em média 66,65 autoclíticos lexicais em cada discurso avaliado agressivo (frequência absoluta, emissões médias por discurso), 32,25, passivos e 27,13, assertivos. Os dados apontam frequência elevada de autoclíticos em discursos agressivo, mais que o dobro de emissões que a média dos discursos passivo ou assertivo. Apesar da relevância do autoclítico no aumento da probabilidade de o operante verbal que ele acompanha ser reforçado indiretamente pelo ouvinte (Skinner, 1957), emissão frequente de operantes secundários pelos falantes agressivos pode sugerir indicador de agressividade. Sua função parece ser tornar mais

precisos os efeitos da agressão verbal, ou seja, “fazer valer” como consequência o que o falante pensa e sente, considerando sua perspectiva de agressor violando o direito do outro da relação (Caballo, 2003, Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010, Turini Bolsoni-Silva, & Carrara, 2010).

Em média foram emitidos 3,7 autoclíticos lexicais descritivos nos discursos avaliados como agressivos, 2 nos passivos e 0,53 nos assertivos. A frequência média de emissão de autoclíticos lexicais quantificadores foi de 24,2 em discursos agressivos, 12,72 em assertivos e 11,08 em passivos. Os autoclíticos lexicais qualificadores foram emitidos em média 13,35 vezes em discursos avaliados como agressivos, 8,67 nos passivos, e 3,38 nos assertivo. Em média foram emitidos 22,5 autoclíticos lexicais relacionais nos discursos avaliados como agressivos, 10,03 nos assertivos e 8,50 nos passivos. A frequência média de emissão de autoclíticos lexicais manipulativos foi de 2,45 em discursos agressivos, 2,00 em passivo e 0,47 em assertivos.

O discurso agressivo apresenta as maiores frequências médias de emissão de autoclíticos quando comparado com as frequências dos discursos passivos ou assertivos. Em discurso agressivo, os descritivos são em média 6,96 vezes mais frequentes do que em discurso assertivo; os quantificadores, 1,90 vezes; os qualificadores, 3,96 vezes; os relacionais, 2,29; e os manipulativos, 4,267.

As frequências absolutas dos processos autoclíticos no discurso agressivo podem ser compreendidas funcionalmente. O discurso agressivo mais frequentemente: (a) descreve ao ouvinte as propriedades do operante primário, ou as condições de sua emissão (emissão de descritivo); (b) modifica a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (emissão de qualificador); e (c) instrui o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado (emissão de manipulativo). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre

quando o falante passivo diz ao interlocutor *o que pensa ou sente* (Caballo, 2003) com descritivos (e.g., Ué...vai lá e arruma, Participante M1, Situação 1 – autoclíticos sublinhados), com qualificadores (e.g., não...não...não...calma não...calma não..., Participante M2, Situação 2) e com manipulativos (e.g., *eu não sei... [...] se é minha forma de ser... mas a senhora me criou assim... né?*, Participante F2, Situação 4).

O discurso passivo possui a segunda maior frequência média de autoclíticos dos tipos descritivo, qualificador e manipulativo. Ou seja, em média, o discurso passivo é formado por mais autoclíticos descritivos, qualificadores e manipulativos do que o discurso assertivo. Em discurso passivo, os descritivos são em média 3,76 vezes mais frequentes do que em discurso assertivo; os qualificadores, 2,57 vezes; e os manipulativos, 4,27. Por outro lado, os autoclíticos quantificadores são 13% menos frequentes no discurso passivo quando comparados com o assertivo; os relacionais, 15% menos frequentes.

Esses dados podem ser compreendidos nas funções autoclíticas. Em termos funcionais, comparado ao assertivo por sua moldura autoclítica, o discurso passivo mais frequentemente: (a) descreve ao ouvinte as propriedades do operante primário, ou as condições de sua emissão (emissão de descritivo); (b) modifica a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (emissão de qualificador); e (c) instrui o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado (emissão de manipulativo). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre quando o falante passivo diz ao interlocutor *o que pensa ou sente* (Caballo, 2003) com descritivos (e.g., *É que...não sei como vou te falar...por que...poxa você pegou minha camisa e deixou suja e amassada...ah...eu fiquei assim...por que...ficou muito ruim para sair com ela assim, sabe...*, Participante M1, Situação 2 – autoclíticos sublinhados), com qualificadores (não sei como vou fazer...porque a camisa ficou...não dá pra sair com

*ela né...entende?*, Participante M1, Situação 2) e com manipulativos (*tá bom... mas você pode pegar quando você precisar... você pode pegar...*, Participante F1, Situação 2).

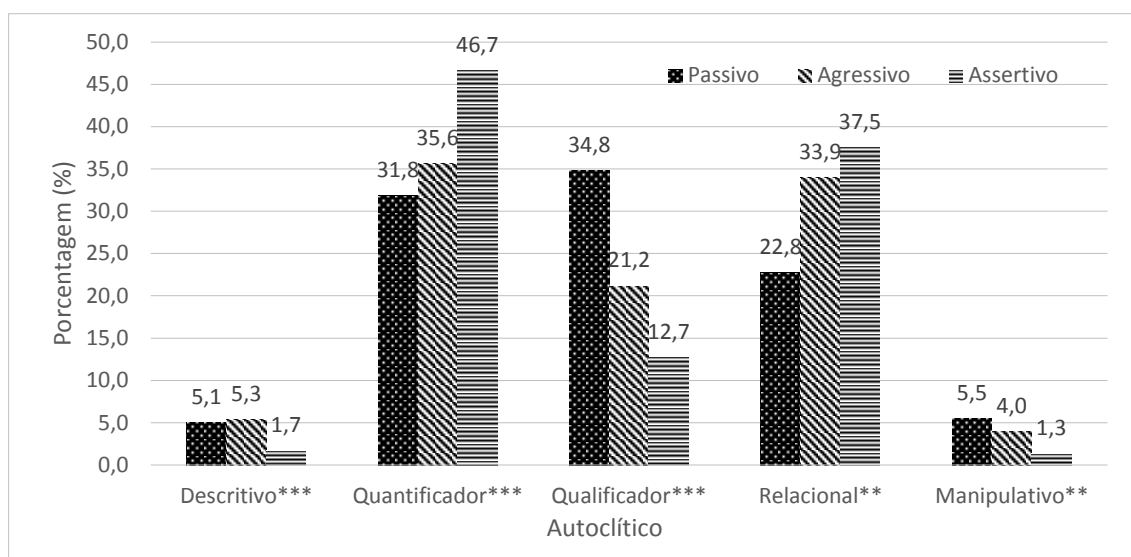
Note-se que com tal moldura autoclítica, quando comparado ao assertivo, o discurso passivo está mais frequentemente sob controle (Borloti & Hübner, 2010): (a) do tipo de operante primário que eles acompanham (descritivo tipo I); ou da intensidade do operante básico (descritivo tipo II); ou dos operantes primários e eventos comportamentais ou eventos ambientais a eles relacionados (descritivo tipo III); ou de OMs e estados emocionais afetando a emissão do operante verbal primário (descritivo tipo IV); ou das propriedades aversivas do operante primário afetando o ouvinte (descritivo tipo V); ou das relações entre operantes primários, comportamentos do falante e consequências desses comportamentos, planejadas para serem produzidas no ouvinte (descritivo tipo VI); (b) das circunstâncias que controlam as propriedades dos operante primário ou das propriedades referentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e (c) direto das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo). Num paralelo analítico com o assertivo, o falante passivo emite autoclíticos ao interlocutor para comunicar que *opiniões, pensamentos, sentimentos e valores não contam* (Caballo, 2003), conforme exemplos anteriores.

O discurso assertivo, apesar da menor frequência de autoclíticos em geral (27,13 autoclíticos por discurso), emite frequências médias de autoclíticos quantificadores e relacionais mais altas do que o discurso passivo: 14,75% a mais de quantificadores e 18,02% a mais de relacionais. Funcionalmente, significa que, comparado ao passivo, o discurso assertivo mais frequentemente: (a) indica propriedades referentes à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam (quantificador); e (b) aumentam a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular, segundo a

descrição de relações entre operantes primários (relacional). O discurso assertivo mais frequentemente, quando comparado ao passivo, está sob controle: (a) das propriedades referentes à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam; e (b) das propriedades relacionais entre os operantes primários ou entre sentenças amplas de operantes verbais (Borloti & Hübner, 2010). Os dados qualitativos mostram que isso ocorre quando o falante assertivo diz ao interlocutor o que pensa ou sente (Caballo, 2003), com quantificadores (*todo dia você está acordando muito tarde pra arrumar seu quarto...eu já te pedi varias vezes pra acordar mais cedo porque eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço...*, Interlocutora Feminina, Situação 1) e com relacionais (e.g., *daqui pra frente... o que você pode fazer...pegar um copo de água e levar para o quarto... vamos fazer assim daqui pra frente?*, Interlocutora Feminina, Situação 3).

Pode-se afirmar então que a frequência elevada de descritivos, qualificadores e manipulativos em discurso pode ser indicador de passividade, comparados os discursos assertivo e passivo, com frequência equivalente de autoclíticos.

A frequência absoluta em porcentagem (frequência relativa, número de emissões para cada 100 autoclíticos emitidos), obtêm-se os dados da Figura 1. Porcentualmente, 5,1% dos autoclíticos emitidos em discurso passivo são descritivos, 31,8% quantificadores, 34,8% qualificadores, 22,8% relacionais e 5,5% manipulativos. Em discurso agressivo, 5,3% dos autoclíticos emitidos são descritivos, 35,6% quantificadores, 21,2% qualificadores, 33,9% relacionais e 4% manipulativos. Em discurso assertivo, 1,7% dos autoclíticos emitidos são descritivos, 46,7% quantificadores, 12,7% qualificadores, 37,5% relacionais e 1,3% manipulativos.



Legenda: \*\*\* $p < 0,001$ , \*\* $p < 0,005$ .

Figura 1. Diferença de média entre os repertórios para percentagem dos autoclíticos.

Os dados apontam que percentagens elevadas de autoclíticos qualificadores podem ser indicadores de passividade. A percentagem de qualificadores nos discursos passivo é 64,59% ou 173,63% maior do que em discurso agressivo ou assertivo, respectivamente. Assim, os dados confirmam a proposição teórica de Skinner (1957), que sugere altas percentagens de qualificadores em tímidos, reservados ou inseguros.

Os resultados do teste D de Somer apontam que há correlação estatisticamente significativa entre o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo) e a frequência relativa (percentagem) de cada autoclítico, com significância de  $p < 0,001$  para todos os autoclíticos, com exceção do relacional em que  $p$  é menos que 0,005. O Eta ao quadrado indica a força de cada associação, variando entre 17,81% e 30,36%. As associações são fracas ou moderadas se interpretadas separadamente. Uma interpretação conjunta dos dados poderia indicar forte associação entre padrões de autoclíticos e o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo).

Tabela 4

Correlação (Eta e D de Somer) entre o tipo de repertório (passivo, agressivo e assertivo) e a frequência relativa (porcentagem) de cada autoclítico.

Autoclítico	D de Somer	Eta <sup>2</sup>
Descritivo	-0,44***	24,11%
Quantificador	0,51***	29,70%
Qualificador	-0,60***	30,36%
Relacional	0,35**	21,07%
Manipulativo	-0,52***	17,81%

Legenda: \*\*\*p<0,001, \*\*p<0,005

Funcionalmente, comparado ao discurso assertivo ou agressivo, o discurso passivo é proporcionalmente mais qualificador e manipulativo, já que apresenta as maiores porcentagens de ambas estas categorias autoclíticas. Os dados apontam (Borloti & Hübner, 2010) que o discurso passivo, em relação ao assertivo ou agressivo, modifica mais a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (função dos qualificadores, os de maior porcentagem); e instrui mais o ouvinte a relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado (maior porcentagem de emissão de manipulativo).

Ressalte-se que intensidade e direção intencionadas a serem geradas pelo falante passivo no ouvinte, ou mesmo o modo do seu comportamento autoavaliado como “apropriado” no episódio verbal, talvez por tornar mais precisa a função de esquiva da interação, são sempre desfavoráveis ao seu direito (Caballo, 2003, Marchezini-Cunha, & Tourinho, 2010). Isso pode explicar porque o discurso passivo, comparado ao assertivo ou agressivo, está mais sob controle das circunstâncias que controlam as propriedades do operante primário ou das propriedades correspondentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e mais sob controle direto das propriedades aversivas da

tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo). E corrobora empiricamente o que afirmou Skinner (1957) quanto à tendência do falante passivo de “qualificar tudo quanto diz, a fim de evitar possíveis equívocos” (p. 427). A familiar “risadinha autoclítica” (p. 454) não foi registrada nos dados por ser não lexical; todavia, as observações lexicais “qualificadas” pelo passivo diante da tendência ou direção aversiva do comportamento do ouvinte, citadas por Skinner, podem ser vistas nestes 3 excertos dos dados: *Assim... não foi por querer, entendeu?...mas...eu you ficar mais atento... vou tentar ficar mais atento...* (Participante M1, situação 3); *não é nada de mais, não... pode assistir sua tv... you ficar com você aqui.* (Participante M1, situação 4); e *sabe o quê que é... assim, eu nem sei como que eu vou te falar isso... porque é assim...* (Participante F1, situação 4).

Os dados sugerem que porcentagens reduzidas de autoclíticos descritivos e manipulativos podem indicar assertividade. As porcentagens de descritivos nos discursos passivo e agressivo são 2,89 e 3,04 vezes maiores que em discurso assertivo, respectivamente. Igualmente, as porcentagens de manipulativos nos discursos passivo e agressivo são 4,23 e 3,05 vezes maiores que em discurso assertivo, respectivamente.

Funcionalmente, e proporcionalmente quando comparado ao discurso passivo ou agressivo, o discurso assertivo contém menos emissões de descritivos, qualificadores e manipulativos, já que apresenta as menores porcentagens nessas 3 categorias de autoclíticos. Isso indica (Borloti & Hübner, 2010) que, em relação ao passivo ou agressivo, o discurso assertivo: (a) descreve menos ao ouvinte as propriedades do operante primário, ou as condições de sua emissão (menor porcentagem de descritivo); (b) modifica menos a intensidade, ou a direção do comportamento do ouvinte quanto ao operante primário (menor porcentagem de qualificador); e (c) instrui menos o ouvinte a



relacionar e arranjar as reações ao operante primário de um modo que o falante achou apropriado (menor porcentagem de manipulativo).

O discurso assertivo, comparado ao passivo ou agressivo, está menos sob controle (Borloti & Hübner, 2010): (a) do tipo de operante primário que eles acompanham (descritivo tipo I); ou da intensidade do operante básico (descritivo tipo II); ou dos operantes primários e eventos comportamentais ou eventos ambientais a eles relacionados (descritivo tipo III); ou de OMs e estados emocionais afetando a emissão do operante verbal primário (descritivo tipo IV); ou das propriedades aversivas do operante primário afetando o ouvinte (descritivo tipo V); ou das relações entre operantes primários, comportamentos do falante e consequências desses comportamentos, planejadas para serem produzidas no ouvinte (descritivo tipo VI); (b) das circunstâncias que controlam as propriedades dos operante primário ou das propriedades correspondentes à qualidade desse operante primário (qualificador); e (c) das propriedades aversivas da tendência ou direção do comportamento do ouvinte (manipulativo).

Por outro lado, porcentagens elevadas de autoclíticos quantificadores e relacionais indicam assertividade. A porcentagem de quantificadores no discurso assertivo é 31,84% ou 23,77% maior do que em discurso passivo ou agressivo, respectivamente. Da mesma forma, a porcentagem de relacionais no discurso assertivo é 23,77% e 9,60% maior que em discurso passivo e agressivo, respectivamente.

Analisando funcionalmente as altas porcentagem do discurso assertivo nota-se que, comparado ao discurso passivo ou agressivo, ele é proporcionalmente mais quantificador e relacional, já que apresenta as maiores porcentagens em ambas as categorias. Isso indica que, em relação ao passivo ou agressivo, o discurso assertivo indica mais propriedades referentes à quantidade do operante primário ou das circunstâncias que as controlam (quantificador); e aumenta a probabilidade de o ouvinte se comportar de

modo particular, segundo a descrição de relações entre operantes primários (relacional) (Borloti & Hübner, 2010).

Numa contribuição aos teóricos das HS, isso pode informar funcionalmente o *locus* do controle do comportamento assertivo: a situação, quantificada e relacionada *per se* via processos autoclíticos, segundo o que se pensa e sente sobre ela (Caballo, 2003). Em outros termos (Borloti & Hübner, 2010), o discurso assertivo, comparado ao passivo ou agressivo, está mais sob controle das propriedades referentes à quantidade do operante primário (a situação) ou das circunstâncias que a controlam; e das propriedades relacionais entre esse operante primário (situação) e outros em sentenças amplas que reforçam o argumento central que contém o operante primário (situação). Em geral, essas sentenças amplas conectam-se a autoclíticos com função composicional que, por relacioná-las, são também autoclíticos relacionais (Balbi Neto, 2016), como em: *poxa, mãe... sei lá...você anda meio estranha... esses dias você não tem dado atenção pra mim... poxa... está difícil desse jeito... entendeu...? Eu preciso da senhora pra fazer as coisas... por exemplo... chego da faculdade... procurar um café... cadê minha mãe pra me ajudar...? Pra conversar...?* (Participante M1, interpretando Daniel, Situação 4).

Tais sentenças com autoclíticos relacionais, por aumentarem a probabilidade de o ouvinte se comportar de modo particular (segundo descrição de relações entre operantes primários), são fundamentais na defesa dos direitos, já que a diferença entre passivos e agressivos (11,2 pontos percentuais[pp]) é 3,1 vezes maior que a diferença entre agressivos e assertivos (3,6 pp). Isto sugere que porcentagens reduzidas de autoclíticos relacionais indicam passividade na defesa dos direitos, já que as porcentagens de relacionais nos discursos agressivo e assertivo são 49,14% e 64,97% maiores que em discurso passivo, respectivamente.

Quanto à estatística inferencial (Anova *one-way*), verificou-se diferença de média para as porcentagens de cada tipo de autoclítico mensurado entre os grupos de repertório passivo, agressivo e assertivo. Os valores calculados para os autoclíticos descritivos foram  $F(2,61)= 9,71$ ,  $p<0,001$ , para os quantificadores,  $F(2,61)= 12,87$ ,  $p<0,001$ , os qualificadores,  $F(2,61)= 13,33$ ,  $p<0,001$ , os relacionais,  $F(2,61)= 8,14$ ,  $p<0,005$ , e os manipulativos,  $F(2,61)= 6,59$ ,  $p<0,005$ . Os resultados indicam diferença porcentual estatisticamente significativa em cada tipo de autoclítico entre os 3 grupos estudados (discurso passivo, agressivo e assertivo):  $p<0,001$  ou  $p<0,005$ , conforme a Figura 1.

### Conclusão

O objetivo deste trabalho foi analisar a competência social e os processos autoclíticos (bem como a frequência e a comparação desses processos) em discursos avaliados como passivo, agressivo ou assertivo em contexto interpessoal. De maneira geral, os dados apontaram que: (a) discursos agressivos são mais competentes socialmente do que passivos; (b) discursos agressivos são caracterizados por frequências absolutas elevadas de autoclíticos (especialmente quantificadores e relacionais); (c) porcentagens elevadas de qualificadores ou manipulativos indicam passividade, assim como porcentagens elevadas de quantificadores e relacionais são indicadores de assertividade.

Sobre a influência funcional dos autoclíticos na competência social, pode-se afirmar: (a) descritivos e manipulativos sinalizam incompetência social ou baixa assertividade, pois apresentam-se em porcentagens elevadas nos discursos passivo e agressivo; (b) quantificadores sinalizam competência social ou assertividade, pois apresentam-se em porcentagens elevadas no discurso assertivo; (c) qualificadores estão relacionados ao discurso passivo, em porcentagens elevadas; (d) e relacionais são

funcionalmente emitidos na defesa dos direitos, com porcentagens elevadas nos discursos assertivo e agressivo.

Assim, conclui-se que os autoclíticos poderiam alterar os operantes básicos de tal forma que proporcionam ao ouvinte condições mais prováveis de o falante obter consequências reforçadoras positivas ou negativas (no longo prazo nos casos assertivos e no curto prazo nos casos agressivo e passivo). Consequentemente, tornam mais prováveis ao falante a produção de consequências reforçadoras positivas ou negativas pela mediação do ouvinte (no longo prazo nos casos assertivos e no curto prazo nos outros casos).

Este estudo descreveu o processo autoclítico em diferentes contextos de competência social. Dessa descrição pode-se afirmar que os operantes verbais superiores (autoclíticos), ao ajustarem de maneira tão refinada o discurso, diferenciam os indivíduos socialmente competentes dos não socialmente competentes. Nela, é possível identificar o predomínio de repertório passivo, agressivo ou assertivo conforme as porcentagens de autoclíticos emitidos em discursos em contexto interpessoal.

A descrição e análise dos componentes verbais autoclíticos lexicais de discursos assertivos, agressivos e passivos em contexto interpessoal, análogos aos analisados neste estudo, poderão ser diretrizes analítico-comportamentais para o campo de estudo das HS. Consequentemente, essas diretrizes novas poderão melhorar a competência social, a qualidade de vida e a saúde mental das pessoas, bem como a eficácia e a efetividade das técnicas de avaliação e de intervenção em THS.

#### Referências

Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e Linguagem nas relações interpessoais: conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*.

Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Papéis: EACS. *Avaliação psicológica*, 1 (2), p. 159-171.

Borloti, E., & Hübner, M. (2010). O Autoclítico e a construção verbal. *Sobre Comportamento e Cognição: análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (pp. 279-287). Santo André, SP: ESETec.

Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammond, S., & Smith, J. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.

Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006) *Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. (3. ed) Porto Alegre: Artmed.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, A., & Del Prette Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A (2006). Avaliação multimodal de habilidades sociais em crianças: procedimentos, instrumentos e indicadores. In M. Bandeira, Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 47-68). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Componentes não verbais e paralinguísticos das habilidades sociais. In Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (147-186). São Paulo, SP: Vozes.
- Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 295-304.
- Mori, L.T. & Armendariz, G.M. (2001). Analogue Assessment of Child Behavior Problems. *Psychological Assesment*, 13 (1), 36-45
- Oliveira, Martha Hübner (1984). *Ciência e pesquisa em psicologia: uma introdução*. São Paulo, E.P.U.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Preti, D. (1997). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Rich, A. R., & Schroeder, H. E. (1976). Research issues in assertiveness training. *Psychological Bulletin*, 83(6), 1081-1096.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: MacMillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Turini Bolsoni-Silva, A. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), 233-242.
- Turini Bolsoni-Silva, A. & Carrara, K. (2010) Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em Revista*, 16(2), 330-350.

## 5. Considerações finais

Nesta parte da tese serão descritas: as dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento deste trabalho; as limitações dos artigos apresentados anteriormente; e as possibilidades de trabalhos futuros. A primeira grande dificuldade encontrada para o desenvolvimento da tese envolveu a limitação de recursos financeiros, ainda que o autor tivesse sido selecionado para receber bolsa do CNPq (em 2012 no valor de R\$1800,00, 2,89 salários mínimos, e em 2016 em R\$2200,00, 2,79 salários mínimos), esta não poderia ser acumulada com a remuneração que ele percebia como servidor público efetivo; tão pouco era suficiente substituir os valores recebidos e cobrir os gastos com o projeto e com a subsistência no período do doutorado. Infelizmente, em 2012, as bolsas não estavam disponíveis para os melhores alunos de doutorado (todos com graduação e mestrado concluído), mas para os melhores alunos com ganhos inferiores a R\$1800,00.

Outra dificuldade encontrada foi na elaboração da metodologia de investigação. Como pesquisar comportamento passivo, agressivo e assertivo sem gerar problemas de ética em pesquisa? Como criar situações de pesquisa sem violar os direitos dos participantes? Ainda que o uso de situações simuladas com atores tenha sido uma saída, a aprovação do projeto no comitê de ética durou cerca de dois anos. Depois de aprovado o projeto, outra dificuldade envolvia a disponibilidade dos participantes-atores. As datas e horários das coletas de dados eram marcadas conforme a disponibilidade deles, logo o restante da equipe que participava da coleta de dados deveria se adequar a estes horários.

A classificação do dado transcrito foi outra dificuldade, uma vez que não havia uma metodologia que facilitasse a classificação de operantes verbais ou suas propriedades, em especial autoclíticos e propriedades vocais. Isto gerou a necessidade da elaboração dos dois primeiros artigos. Eles exigiram o estudo de áreas externas à

Psicologia (antropologia, biologia, física, linguística, química, semiótica), e consequentemente de diferentes autores. No que tange ao primeiro artigo, foi especialmente difícil organizar ideias de diferentes pontos de vista sob a ótica da Análise do Comportamento.

Quanto ao segundo artigo, ele exigiu um aprofundamento no estudo da versão original em inglês do “*Verbal Behavior*” (Skinner, 1957), uma vez que a versão em português (Skinner, 1978) está longe de ser uma boa tradução. Também exigiu o aprofundamento nos estudos de linguística já que ela deu o suporte para a elaboração da metodologia proposta.

Os artigos apresentados nesta tese possuem limitações. O primeiro artigo não descreveu as formas de autocomunicação, nem as diferentes classificações que as propriedades dos operantes de comunicação produzem, como a ironia ou a comédia. Também não desenvolveu outras formas de comunicação em não-humanos. O segundo artigo se limitou aos termos lexicais, sem a proposição de uma classificação para processos autoclíticos idiomáticos não lexicais (concordância, hipérbato, anástrofe, sínquese, tmese, pontuação). Consequentemente, o terceiro artigo se limitou aos autoclíticos lexicais idiomáticos, sem estudar os processos idiomáticos não lexicais e os não idiomáticos.

Considerando essas limitações, estudos futuros poderão: (a) descrever as formas de autocomunicação; (b) descrever as diferentes classificações que as propriedades dos operantes de comunicação produzem; (c) descrever as diferentes formas de comunicação em não-humanos; (d) propor classificação dos autoclíticos idiomáticos não lexicais; (e) propor classificação dos autoclíticos não idiomáticos; (f) descrever relações entre comportamento passivo, agressivo e assertivo e autoclíticos idiomáticos não lexicais; e



(g) descrever relações entre comportamento passivo, agressivo e assertivo e autoclíticos não idiomáticos.

Os resultados do artigo 1 podem ser um guia para elaboração ou aprimoramento de instrumentos de avaliação de habilidades sociais, especialmente no que tange as habilidades de comunicação. Os resultados do artigo 3 podem favorecer a avaliação e o Treino de Habilidades Sociais (THS) uma vez que sinalizam associações entre padrões de comportamento socialmente habilidoso e a emissão de determinados grupos de autoclíticos. Eles indicam que o desafio futuro do THS deve estar orientado para tecnologias de intervenção para: reduzir ao mínimo a emissão de descritivos, qualificadores e manipulativos, pois porcentagens elevadas sinalizam discursos passivo e/ou agressivo; aumentar a níveis mais funcionais os quantificadores e os relacionais, pois sinalizam competência social, assertividade ou defesa dos direitos. O artigo 2 pode “traduzir” para profissionais de outras áreas quais classificações gramaticais estão envolvidas nos resultados no artigo 3.

## 6. Apêndice

### Apêndice 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL DE DO DESENVOLVIMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)**

(Em 2 vias, firmado por cada participante e pelo responsável)

Tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa COMPORTAMENTO VERBAL AUTOCLÍTICO EM REPERTÓRIOS INTERPESSOAIS AGRESSIVOS E PASSIVOS, recebi do pesquisador, Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto, responsável pela pesquisa, sob orientação do Prof. Dr. Elizeu B. Borloti, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as seguintes informações que me fizeram entender, sem dificuldades e sem dúvidas, os seguintes aspectos:

- Que o estudo tem como objetivo analisar as relações entre operantes verbais e comportamentos de relações interpessoais.
- Que os resultados desta pesquisa gerarão benefícios, tais como: 1) A ampliação do conhecimento referente à temática operantes verbais e relações interpessoais, visto que este é um tema pouco explorado em pesquisas em Psicologia e com crescentes demandas de investigação; 2) Proporcionar embasamento teórico para a criação de intervenções mais eficazes e condizentes com a cultura brasileira; 3) oportunidade de treinar habilidades relacionadas a interpretação de papéis, podendo receber uma devolutiva sobre o julgamento realizado posteriormente a coleta de dados;.
- Que a participação nesse estudo não prevê nenhum risco para mim, porém se for constatado algum risco ou dano à minha pessoa, minha participação será encerrada e a pesquisadora me dará apoio psicológico e o que mais for necessário para a recuperação do meu bem-estar.
- Que terei acompanhamento e assistência, durante e após encerramento e/ ou interrupção da pesquisa.
- Que esse estudo começará em janeiro de 2016 e terminará em julho de 2016.
- Que eu participarei da etapa de coleta de dados, através da interpretação de papéis de personagens prontos em uma cena planejada.
- Que o estudo será feito a partir da interpretação de papéis de personagens prontos em uma cena planejada (aplicação da Escala de Avaliação da Competência Social - EACS),

realizadas individualmente conforme normas de aplicação padronizadas, sendo a minha participação gravada com minha autorização a partir do final da leitura deste termo.

- Que serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando dele e poderei retirar esse consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa e que a divulgação dessas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados em revistas científicas, com o objetivo de gerar novos conhecimentos para a capacitação de profissionais e que, nesta divulgação, a minha identificação não será possível.
- Que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### **Endereço dos responsáveis pela pesquisa**

Universidade Federal do Espírito Santo, Depto de Psicologia Social e do Desenvolvimento. Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, CEP 29075-210, Vitória – ES

Telefones para contato: 4009-2505 (institucional)

#### **Endereço do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos**

UFES/Campus Goiabeiras; Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário (Prédio Administrativo do CCHN), Bairro: Goiabeiras, VITORIA-ES - CEP: 29.075-910 Telefone: 3145-9820- email: cep.goiabeiras@gmail.com

<hr/> Assinatura do voluntário	<hr/> Pesquisador responsável
--------------------------------	-------------------------------

## Apêndice 2 – Descrição das personagens

### **Personagem Daniel**

#### **(personagem com história de reforçamento de repertório de comportamentos agressivos nas relações interpessoais)**

Daniel, quando defende seus próprios direitos, normalmente viola o direito alheio. Expressa pensamentos, sentimentos e opiniões de forma desrespeitosa e inapropriada, ao ponto de violar os direitos das outras pessoas. Seu comportamento agressivo ora se manifesta de forma direta, como agressão verbal vocal (ofensas, insultos, humilhações, advertências e hostilizações) ou gestual (fechar os punhos, expressão facial de raiva ou ódio e outros movimentos de ameaça), ora de forma indireta, como comentários rancorosos, debochados, sarcásticos, e murmúrios maliciosos. Esse comportamento pode ser dirigido a pessoas ou a objetos. Como busca seus objetivos a qualquer preço, mesmo passando “por cima” das pessoas, Daniel não costuma ter relações interpessoais duradouras e satisfatórias.

Esse comportamento de Daniel visa dominar e vencer, forçar as pessoas a perderem. Sua vitória é conquistada através da humilhação, degradação e dominação do outro; seu objetivo é fazer as pessoas se tornarem mais fracas e com menor capacidade de defender direitos e necessidades. A mensagem básica que ele passa é: “Eu penso isso – e você é tolo por pensar diferente”, “Eu quero isso – o que você quer não conta”, “Eu sinto isso – não importam seus sentimentos”.

O comportamento agressivo de Daniel tende a produzir resultados favoráveis em curto prazo, mas desfavoráveis em longo prazo. As consequências favoráveis são: expressão e demonstração descontrolada das emoções, sensação de poder, conquista de objetos, metas e

necessidades, provocando pouca ou nenhuma reação direta da outra parte. As consequências negativas imediatas são: sentimento de culpa e contra-agressão.

### **Personagem Gabriel**

#### **(Personagem com história de reforçamento de repertório de comportamentos passivos nas relações interpessoais)**

Gabriel permite facilmente a violação dos próprios direitos pelas outras pessoas. Apresenta dificuldade na expressão dos seus sentimentos, pensamentos e opiniões, permitindo que as pessoas violem o direito dele a tais expressões. Gabriel tem os seguintes pensamentos: “Eu não conto – pode se aproveitar de mim”, “Meus sentimentos não importam, somente os seus”, “Meus pensamentos não são importantes – os seus são os únicos que valem a pena ser ouvidos”, “Eu não sou ninguém – você é superior”.

Gabriel movimenta-se de modo nervoso ou retraído. Um dos seus movimentos típicos é o de evitar o olhar, que geralmente acompanha uma postura tensa. Sua fala é pouco clara e fluente, a voz é baixa. Gabriel falta com respeito às próprias necessidades, e desconsidera as habilidades do outro em lidar com as frustrações e assumir responsabilidades. Gabriel evita ao máximo os conflitos, tenta ao máximo apaziguar situações (“colocar panos quentes”).

Gabriel apresenta dificuldade de comunicação ou, quando assim o faz, se comunica de forma incompleta ou indireta. Com isso, são baixas as chances de Gabriel satisfazer suas próprias necessidades ou ter suas opiniões compreendidas: ele se sente incompreendido ou manipulado, acha que não é levado em conta. Por ser incapaz de expressar de forma apropriada seus sentimentos e opiniões, às vezes se sente mal com ele mesmo, culpado. Também se sente ansioso, deprimido e com baixa auto-estima. Gabriel costuma queixar-se de dor de cabeça e dor no estômago devido a supressão de sentimentos. Existe um limite na

quantidade de frustrações que ele pode suportar. Este fato pode fazer com que, em algum momento, ele “exploda” devido às diversas situações em que não agiu de modo adequado. Gabriel faz uma avaliação de si mesmo como inadequado e inferior; define-se como carente do apoio emocional das pessoas. Normalmente faz o papel do subordinado nas relações com os outros, gostaria de fazer diferente, mas não sabe como (ainda que saiba o que fazer, normalmente não consegue). Gabriel se sente insatisfeito nas relações interpessoais. Sente medo de estar incomodando as pessoas ou chamando a atenção delas desnecessariamente.

Gabriel procura agradar a todos, mas ele mesmo fica em segundo plano. Ele tem medo de magoar as pessoas e gosta de ser agradável e amigável, com isso apresenta muita dificuldade de negar pedidos.

### **Personagem Daniela**

**(personagem com história de reforçamento de repertório de comportamentos  
agressivos nas relações interpessoais)**

Daniela, quando defende seus próprios direitos, normalmente viola o direito alheio. Expressa pensamentos, sentimentos e opiniões de forma desrespeitosa e inapropriada, ao ponto de violar os direitos das outras pessoas. Seu comportamento agressivo ora se manifesta de forma direta, como agressão verbal vocal (ofensas, insultos, humilhações, advertências e hostilizações) ou gestual (fechar os punhos, expressão facial de raiva ou ódio e outros movimentos de ameaça), ora de forma indireta, como comentários rancorosos, debochados, sarcásticos, e murmúrios maliciosos. Esse comportamento pode ser dirigido a pessoas ou a objetos. Como busca seus objetivos a qualquer preço, mesmo passando “por cima” das pessoas, Daniela não costuma ter relações interpessoais duradouras e satisfatórias.

Esse comportamento de Daniela visa dominar e vencer, forçar as pessoas a perderem. Sua vitória é conquistada através da humilhação, degradação e dominação do outro; seu objetivo é fazer as pessoas se tornarem mais fracas e com menor capacidade de defender direitos e necessidades. A mensagem básica que ela passa é: “Eu penso isso – e você é tolo por pensar diferente”, “Eu quero isso – o que você quer não conta”, “Eu sinto isso – não importam seus sentimentos”.

O comportamento agressivo de Daniela tende a produzir resultados favoráveis em curto prazo, mas desfavoráveis em longo prazo. As consequências favoráveis são: expressão e demonstração descontrolada das emoções, sensação de poder, conquista de objetos, metas e necessidades, provocando pouca ou nenhuma reação direta da outra parte. As consequências negativas imediatas são: sentimento de culpa e contra-agressão.

### **Personagem Gabriela**

#### **(Personagem com história de reforçamento de repertório de comportamentos passivos nas relações interpessoais)**

Gabriela permite facilmente a violação dos próprios direitos pelas outras pessoas. Apresenta dificuldade na expressão dos seus sentimentos, pensamentos e opiniões, permitindo que as pessoas violem o direito dela a tais expressões. Gabriela tem os seguintes pensamentos: “Eu não conto – pode se aproveitar de mim”, “Meus sentimentos não importam, somente os seus”, “Meus pensamentos não são importantes – os seus são os únicos que valem a pena ser ouvidos”, “Eu não sou ninguém – você é superior”.

Gabriela movimenta-se de modo nervosa ou retraída. Um dos seus movimentos típicos é o de evitar o olhar, que geralmente acompanha uma postura tensa. Sua fala é pouco clara e fluente, a voz é baixa. Gabriela falta com respeito às próprias necessidades, e desconsidera

as habilidades do outro em lidar com as frustrações e assumir responsabilidades. Gabriela evita ao máximo os conflitos, tenta ao máximo apaziguar situações (“colocar panos quentes”).

Gabriela apresenta dificuldade de comunicação ou, quando assim o faz, se comunica de forma incompleta ou indireta. Com isso, são baixas as chances de Gabriela satisfazer suas próprias necessidades ou ter suas opiniões compreendidas: ela se sente incompreendida ou manipulada, acha que não é levada em conta. Por ser incapaz de expressar de forma apropriada seus sentimentos e opiniões, às vezes se sente mal com ela mesma, culpada. Também se sente ansiosa, deprimida e com baixa auto-estima. Gabriela costuma queixar-se de dor de cabeça e dor no estômago devido à supressão de sentimentos. Existe um limite na quantidade de frustrações que ela pode suportar. Este fato pode fazer com que, em algum momento, ela “exploda” devido às diversas situações em que não agiu de modo adequado. Gabriela faz uma avaliação de si mesmo como inadequada e inferior; define-se como carente do apoio emocional das pessoas. Normalmente faz o papel da subordinada nas relações com os outros, gostaria de fazer diferente, mas não sabe como (ainda que saiba o que fazer, normalmente não consegue). Gabriela se sente insatisfeita nas relações interpessoais. Sente medo de estar incomodando as pessoas ou chamando a atenção delas desnecessariamente.

Gabriela procura agradar a todos, mas ela mesma fica em segundo plano. Ela tem medo de magoar as pessoas e gosta de ser agradável e amigável, com isso apresenta muita dificuldade de negar pedidos.



## Apêndice 3

## Transcrição do discurso

**PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M1****Situação 1**

Interlocutor: Daniel, bom dia!

Daniel: Só se for pra você né...

Interlocutor: Pois é...eu preciso te falar uma coisa...todos os dias você esta acordando muito tarde...e você não esta arrumando o seu quarto...eu já te pedi várias vezes pra acordar mais cedo...porque eu sou muito ocupada antes do almoço... você tem alguma solução para esse problema?

Daniel: Ué...vai lá e arruma

Interlocutor: essa é sua solução?

Daniel: é..

Interlocutor: se você continuar acordando tarde vai ter que arrumar seu quarto sozinho

Daniel: não sei cara...o que vocês pensam da vida...um monte de coisa pra fazer eu fico cansado...acordar tarde é normal...

Interlocutor: mas você propõe uma solução para esse problema?

Daniel: ué...já propus. Você vai lá e arruma

Interlocutor: o quarto é seu...se você continuar acordando tarde vai ter que arrumar ele sozinho.

Daniel: então deixa que eu me viro...

Interlocutor: então ok...vamos fazer assim daqui pra frente.

Daniel: ok

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 2**

Interlocutor: quer falar comigo?

Daniel: o que você acha? ...chego lá no quarto...olha a situação da minha camisa cara...vou procurar a minha camisa pra sair...entendeu...você quer uma camisa pra você...você sai e compra cara...poxa...olha só como você deixou minha camisa... e agora...como vou fazer...você está achando o que...que eu tenho um banco só pra mim em casa...poxa...sacanagem sua cara..

Interlocutor: desculpa cara eu errei mesmo em ter pegado sua camisa...eu admito e...isso não vai acontecer de novo...

Daniel: não vai mesmo né...porque agora vou ter que trancar as coisas dentro de casa né...vou ter que botar cadeado né...porque as pessoas pegam as coisas sem pedir... é brincadeira né...

Interlocutor: desculpa...isso não vai se repetir.

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 3**

Interlocutor: Você acordou de madrugada para beber água ...

Daniel: e?...

Interlocutor: fez barulho e acordou a casa inteira...

Daniel: normal cara...

Interlocutor: o que podemos fazer para solucionar esse problema?

Daniel: poxa...eu só fui tomar uma água...será que tomar uma água incomoda tanto assim?

Interlocutor: o problema é que você está fazendo barulho e as pessoas da casa tem que dormir...

Daniel: não é possível que tomar uma água incomode tanto assim...eu estava com sede e levantei para tomar água...simples assim...

Interlocutor: o problema é que você está fazendo barulho e as pessoas da casa não consegue dormir...

Daniel: só lamento por vocês...não posso fazer nada...se eu estou com sede tenho que ir lá beber água...não posso ficar com sede porque vocês querem dormir...

Interlocutor: daqui pra frente...o que você pode fazer...pegar um copo de água e levar para o quarto...vamos fazer assim daqui pra frente?

Daniel: vou tentar...se eu lembrar eu levo...se eu não lembrar eu e que não vou ficar sem... eu levanto e pego mesmo...

Interlocutor: daqui pra frente você vai pegar o copo de água e levar para o quarto para evitar de fazer barulho...vamos fazer assim daqui pra frente?

Daniel: eu já falei...se eu lembrar eu levo...se eu não lembrar...

Interlocutor: ok.

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 4**

Interlocutor: Daniel...você quer falar comigo?

Daniel: poxa mãe...sei lá...você anda meio estranha...esses dias você não tem dado atenção pra mim...poxa...esta difícil desse jeito...entendeu...eu preciso da senhora pra fazer as coisas...por exemplo...chego da faculdade...procurar um café...cadê minha mãe pra me ajudar...pra conversar...além do mais eu estou aqui falando com você e você esta ai vendo essa novela... é sempre assim...você sempre tem alguma coisa mais importante que eu...sei lá...não estou entendendo porque você esta fazendo isso entendeu...

Interlocutor: e você tem alguma solução pra gente resolver esse problema?

Daniel: eu acho...assim... a meu ver...a gente devia ter um tempo pra nós entendeu...chegar...trocar uma ideia...poxa...quero que você me ouça...enfim...eu chego em casa parece que a gente nem se conhece...sabe...pelo menos um pouquinho de atenção pra mim né...eu sei que eu sou adulto...mas do jeito que está não da né...

Interlocutor: Então tá...vamos fazer assim de agora em diante...foi bom você ter vindo falar comigo...

Daniel: ok

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 1**

Interlocutor: Gabriel...deixa eu te falar...todo dia você esta acordando muito tarde pra arrumar seu quarto...eu já te pedi varias vezes pra acordar mais cedo porque eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço...o que podemos fazer para resolver esse problema?

Gabriel: Eu vou arrumar...

Interlocutor: Você vai arrumar seu quarto?

Gabriel: Vou

Interlocutor: Vai acordar mais cedo?

Gabriel: vou...

Interlocutor: Esta bem...faremos assim de agora em diante

Gabriel: ta bom.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 2**

Interlocutor: Esta querendo falar comigo?

Gabriel: É que...não sei como vou te falar...por que...poxa você pegou minha camisa e deixou suja e amassada...ai eu fiquei assim...por que...ficou muito ruim para sair com ela assim sabe...não sei como vou fazer...porque a camisa ficou...não da pra sair com ela né...entende?

Interlocutor: entendo...e desculpa...eu errei mesmo em ter pego sua camisa...e não vai mais acontecer daqui pra frente...

Gabriel: ta...tudo bem...

Interlocutor: vamos fazer assim daqui pra frente...você fez bem em falar comigo.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 3**

Interlocutor: tudo bem? ...Gabriel você levantou de madrugada para beber agua e acordou todo mundo da casa...o que você pode fazer para resolver isso?

Gabriel: Assim...não foi por querer entendeu...mas...eu vou ficar mais atento...vou tentar ficar mais atento...

Interlocutor: O fato é que você andar pela casa acorda todo mundo da casa...entendeu?

Gabriel: estou te entendendo...estou te entendendo...

Interlocutor: o que você pode fazer para resolver essa situação?

Gabriel: eu vou tentar ficar mais atento agora...tentar ter mais cuidado...

Interlocutor: Esta bem...vamos fazer assim daqui pra frente então.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M1**

### **Situação 4**

Interlocutor: Gabriel...você quer falar comigo?

Gabriel: não é nada de mais não...pode assistir sua tv...vou ficar com você aqui...

Interlocutor: mas você tem alguma coisa para falar comigo?

Gabriel: e...queria falar...mas...não é nada importante não...depois a gente conversa...te atrapalhar não...você esta vendo novela ai...depois converso com você com calma...

Interlocutor: mas é sobre o quê que você quer falar ?

Gabriel: não é nada demais não...vai te atrapalhar agora...você esta vendo televisão...

Interlocutor: mas agora esta no momento de falar...eu estou te ouvindo

Gabriel: a mãe...mas eu não queria te incomodar...você fica o tempo todo fazendo as coisas...agora que você esta relaxando eu vou te incomodar...é besteira minha...depois a gente conversa.

Interlocutor: qual é o seu problema?

Gabriel: não é nada demais não mãe...não precisa estressar não...depois a gente vai conversar com calma e depois a gente vê...ta bom?

Interlocutor: Está bem...vamos fazer assim de agora m diante...

Gabriel: ta bom...vamos ver novela.

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 1**

Interlocutor: Daniel Bom Dia.

Daniel: bom dia.

Interlocutor: Deixa eu te falar...todo dia você está acordando muito tarde para arrumar o seu quarto...eu já te pedir várias vezes para acordar mais cedo porque eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço... o que a gente pode fazer para resolver isso?

Daniel: Renata...é o seguinte...eu não estou entendendo sua preocupação com isso...qual o problema de eu acordar tarde...não estou entendendo.

Interlocutor: você precisa arrumar o seu quarto.

Daniel: sim mas...é eu ( )... você ajuda em que nessa casa? Fala pra mim?

Interlocutor: eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço eu faço os afazeres da casa toda.

Daniel: sim... mas você contribui pra que? Pra:::...Você coloca comida aqui dentro? Você faz oque? EU FAÇO ISSO AQUI NESSA CASA...eu acho que eu tenho direito de acordar um pouco mais tarde...de descansar mais um pouquinho...eu não tô entendendo o que você está arrumando problema com isso.

Interlocutor: Daniel a questão é que você precisa arrumar o seu quarto...o que a gente vai fazer para resolver esse problema?

Daniel: Meu quarto deixa lá que eu arrumo...sabe a casa você pode arrumar o que você quiser... deixa meu quarto comigo tá bom. ( ) vai resolver assim.

Interlocutor: se você continuar acordando tarde você vai arrumar o seu quarto sozinho. Pode ser assim?

Daniel; tá ótimo Renata. Deixa eu em paz eu dormi até tarde a hora que eu quiser entendeu?... eu... eu posso... você tem que arrumar a casa...eu tô aqui pra colocar comida em casa...pagar as contas entendeu?...você faz a sua obrigação que é limpar a casa tá bom?

Interlocutor: ok... faremos assim de agora em diante... se você continuar acordando tarde você vai arrumar o seu quarto sozinho.

Daniel: tá bom Renata. Tá ok... combinado assim ok?

Interlocutor: ok

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 2**

Daniel: VOCÊ QUEM EU QUERO FALAR BRUNO BOM DIA TUDO BEM?

Interlocutor: bom dia

Daniel: me explica O QUÊ QUE É ISSO AQUI CARA?

Daniel: camisa?

Interlocutor: *hum...*é uma camisa *hum...*amassada... suja...VOCÊ SABE QUANTO CUSTA ISSO DAQUI? VOCÊ TEM DINHEIRO PRA COMPRAR ISSO AQUI CARA?

Interlocutor: tenho.

Daniel: VOCÊ TEM? ENTÃO VOCÊ VAI FAZER O SEGUINTE... VOCÊ VAI COMPRAR UMA IGUALZINHA PORQUE ESSA PORCARIA EU NÃO USO MAIS CARA...VOCÊ PEGA MINHAS COISAS...



Interlocutor: calma...calma...deixa eu falar... errei...desculpa...

Daniel: não...não...não...calma não...calma não...

Interlocutor: desculpe por ter pegado a sua camisa...

Daniel: sim...*uhn*..

Interlocutor: eu errei...vou te dar outra de presente pode ser assim?

Daniel: presente não né? Porque é obrigação você me dá uma camisa nova...OBRIGAÇÃO sua.

Interlocutor: Isso... desculpa.

Daniel: cara eu não posso nem comprar as coisas pra mim... você usa sem pedir...sem...*poh* é palhaçada isso que você está fazendo cara.

Interlocutor: você está com razão...eu vou te dar outra no lugar pode ser assim?

Daniel: não... não pode... TEM QUE SER ASSIM...TEM QUE SER *tá* bom? Tem que ser se não...é vai...vai ficar difícil conviver nessa casa.

Interlocutor: ok

Daniel: isso aqui pode ficar pra limpar seu chão do seu quarto porque cara...

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 3**

Interlocutor: Bom dia Daniel.

Daniel: bom dia cara.

Interlocutor: então...

Daniel: oi

Interlocutor: eu estou precisando falar com você.

Daniel: sim

Interlocutor: ontem a noite você acordou de madrugada e:::... fez barulho e acordou todo mundo da casa.

Daniel: ham?

Interlocutor: O que a gente pode fazer pra tentar resolver essa situação?

Daniel: tá e daí?

Interlocutor: e daí que as pessoas da casa tem que dormi.

Daniel: e eu não...EU VOU FICAR COM BOCA SECA A NOITE TODA? E tem que ficar com SEDE...tem que dormi com a boca... querendo ÁGUA e não poder levantar pra ir tomar um copo d'água é isso?

Interlocutor: por isso que eu estou propondo uma solução...o quê que a gente pode fazer pra resolver isso.

Daniel: a solução é simples cara...eu vou levantar ir na cozinha e beber minha água e voltar a dormir eu não vejo problema nisso.

Interlocutor: não eu não vejo problema...mas as pessoas precisam dormi na casa...as pessoas trabalham.

Daniel: então faz o seguinte... BOTA um tapa rolho no ouvido assim oh...

Interlocutor: não...não é assim.

Daniel: bota um tapa rolho que você dorme sossegado entendeu?

Você mamãe...entendeu? aquela INÚTIL da tua irmã lá...ela dorme sossegada... bota um tapa rolho entendeu? Eu tenho que beber minha água.

Interlocutor: você não está levando essas coisas a sério...as pessoas da casa precisam dormir.

Daniel: como a sério? você quer que eu faça o quê?

Interlocutor: o que a gente pode fazer para resolver isso?

Daniel: eu já falei a solução...bota um tapa rolho no ouvido cara...entendeu? porque eu não vou deixar de beber minha água porque *ah* eu tô com sono e porque você não quer... *ah*... para de frescura rapaz que isso.

Interlocutor: olha só você não está levando isso a sério...se você continuar fazendo isso você vai ter que levar um copo de água pro quarto pode ser assim daqui pra frente?

Daniel: você vai levar pra mim um copo d'água lá no quarto então?

Interlocutor: você antes de dormir vai levar um copo d'água pro quarto. Porque o copo vai esquentar...você quer que eu beba água QUENTE? A noite faz esse calor todo e você quer que eu beba água quente.

Interlocutor: as pessoas da casa precisam dormir.

Daniel: então cara eu não sei o que fazer... se você puder levar a noite um copo de água gelada pra mim fica tranquilo beleza?

Interlocutor: não...daqui pra frente você vai levar um copo pro quarto e tá decidido.

## **PERSONAGEM DANIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 4**

Daniel: ei mãe boa noite.

Interlocutor: boa noite... você quer falar comigo Daniel?

Daniel? Eu quero falar sim

Interlocutor: sobre o que?

Daniel: a:::.... é:::.... sobre um assunto que vem me incomodando bastante assim sabe? A algum tempo eu venho percebendo que você tem é:::.... você tem me tratado com certa indiferença em relação aos meus irmãos... até em relação as suas amigas elas vem aqui em casa e você trata melhor elas do que a mim entendeu? Então eu não *to* entendendo o que está acontecendo sabe...eu queria saber o que está passando... o que eu *to* fazendo...porque as pessoas falam que eu sou um pouco agressivo...que eu não tenho paciência...mais as pessoas também não me tratam com um...um integrante da família...eu não sei o que está acontecendo...queria saber?

Interlocutor: e Daniel o que você acha que a gente pode fazer para resolver esse problema?

Daniel: a mãe é o seguinte eu não sei o que a gente pode fazer para resolver...eu não sei...eu não sei...mas a única coisa que eu sei é que está acontecendo...está acontecendo isso aí e *poh* e me matei de estudar quatro...cinco...seis sete anos aí pra ter um curso legal...pra ajudar a gente em casa entendeu? Deixei de sair de casa pra morar sozinho pra ajudar vocês aqui...meus irmão não fazem porcaria nenhuma entendeu? Fica lá o Bruno lá jogando vídeo game o dia inteiro com os amigos... a outra tá lá fica lá saindo com as amigas no shopping gastando seu dinheiro...entendeu nem se quer arruma um trabalho decente...fica trabalhando em shopping...shopinzinho lojinha de rua... onde que isso é trabalho decente? Ai você valoriza mais elas...mais eles do que eu que fico aqui estudando tenho um emprego digno sabe...tenho vários cursos superiores e você me despreza parece...você me deixa de lado...não sei porque você está fazendo isso comigo entendeu? Então eu vou sair de casa entendeu? É a solução que eu *tô* achando ou você me trata melhor entendeu? Como eu mereço ser tratado como seu filho ...seu filho que sabe e está batalhando pra ganhar a vida ou eu vou sair de casa você que escolhe...o que você acha que é pra fazer?

Interlocutor: então você acha que eu não tenho dado atenção suficiente é isso?

Daniel: não... não acho...eu acho que você deveria me dar um pouco mais de atenção entendeu?

Independente do que os outros pensam ... do que os meus irmão acham eu acho que eu MEREÇO...eu acho que eu tenho esse direito.

Interlocutor: Daniel você fez bem em falar comigo... a gente vai fazer assim de agora em diante pode ser?

Daniel: fazer o que mãe? Você não falou nada.

Interlocutor: vou te dar mais atenção... a gente pode ficar mais tempo juntos pode ser?

Daniel: *ta* beleza...*ta* tranquilo...então *ta* bom.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 1**

Interlocutor: Gabriel deixa eu te falar... é todo dia você está acordando muito tarde... já te pedi várias vezes para acordar mais cedo... você sabe que eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço... o quê que a gente pode fazer para resolver essa situação?

Gabriel: Tatiane... é o seguinte... eu estudo até tarde da noite... eu chego em casa... mais de meia noite...CANSADO... eu não tenho que ficar acordando cedo...PORQUE VOCÊ QUER...eu tenho as minhas coisas pra fazer... eu posso( ) não posso?

Interlocutor: não... a situação não é dizer se você acorda tarde ou não... você precisa arrumar o seu quarto... o que a gente vai fazer para resolver esse problema?

Gabriel: é o seguinte... eu não tenho tempo de arrumar meu quarto de arrumar minhas coisas... eu tenho que saí pra estudar...pra trabalhar... poxa você tem que me compreender

também...não é só você... para achar o que deve isso o que deve... eu também tenho os meus deveres LÁ FORA... aqui dentro acho que a responsabilidade é sua de arrumar minhas coisas de arrumar a casa.

Interlocutor: Gabriel o quarto é seu... quem tem a obrigação de arruma-lo é você... o que vamos fazer para resolver esse problema?

Gabriel: vamos fazer o seguinte... deixa meu quarto como está...ok? se está bagunçado deixa bagunçado... quando eu tiver um tempo eu arrumo... eu faço o que for preciso tá? Mas não me enche mais a paciência não tá bom?

Interlocutor: tá se você continuar acordando tarde... você vai arrumar seu quarto sozinho faremos assim de agora em diante.

Gabriel: ok combinado.

Interlocutor: combinado.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 2**

Gabriel: Ei Lucas tudo bem?

Interlocutor: ih aê

Gabriel: Lucas me explica o que é isso daqui... por favor? Minha camisa nova...comprei para que eu pudesse sair a noite... mas olha só a situação dela... toda amassada...amarrotada... suja... você usa minhas coisas não me fala ih aí... o que está acontecendo... o que a gente pode fazer para resolver isso?

Interlocutor: *poh*... desculpa...

Gabriel: sei não...

Interlocutor: eu errei em ter pegado sua camisa...isso não vai se repetir.

Gabriel: mais... isso acontece diversas vezes Lucas...não é a primeira e nem a segunda vez entendeu... várias vezes eu chego no meu guarda-roupa está tudo bagunçado... minhas roupas mexidas... suja...amarrotado.

Interlocutor: desculpa...foi só dessa vez...e não vai se repetir.

Gabriel: ok Lucas... espero que não se repita mesmo...ta bom?

Interlocutor: ok...você fez bem em falar comigo.

Gabriel: ok.

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 3**

Interlocutor: acordou Gabriel?

Gabriel: é isso aí.

Interlocutor: então...voce acordou de madrugada e fez barulho...

Gabriel: *ah...*

Interlocutor: e acordou as pessoas da casa...

Gabriel: sim...

Interlocutor: o que a gente pode fazer para resolver essa situação?

Gabriel: ah Lucas...o que a gente pode fazer...eu senti sede durante a noite...é fisiológico eu tive que ir lá...na cozinha pegar água e tomar né...

Interlocutor: o problema é que as pessoas da casa precisa dormi...o que você pode fazer para tentar resolver essa situação?

Gabriel: eu acredito que um barulhinho e outro não vai incomodar tanto Lucas...mas se vocês estão se incomodando tanto com isso...assim eu vou levar uma garrafa de água pro quarto né... tentar beber no quarto ( ) pra tentar resolver porque eu sinto sede eu tenho que beber água né?

Interlocutor: tudo bem vamos fazer assim daqui pra frente então.

Gabriel: tudo bem...me desculpa ta bom?

## **PERSONAGEM GABRIEL INTERPRETADO POR M2**

### **Situação 4**

Interlocutor: Gabriel você quer falar comigo?

Gabriel: oi mãe... eu queria falar com a senhora sim...

Interlocutor: sobre o que?

Gabriel: oh:::... mãe eu tô:::... me sentindo chateado...eu tô um pouco chateado com a situação sabe...eu me sinto inferior as pessoas... eu me sinto é:::... um pouco rejeitado... um pouco desprezado pela senhora...que eu não tenho tanta atenção...poxa... a Tatiane...o Lucas tem tanta atenção sua é:::...eles vão te procurar você atende da melhor forma possível e quando eu vou te procurar você tem sempre um compromisso... a novela ou tem o trabalho ou tem que sair com as amigas ou alguma coisa sabe? E eu tô me sentindo mal com isso.

Interlocutor: e o quê que você acha que a gente pode fazer para resolver essa situação Gabriel?

Gabriel: ah mãe...essa situação tem que vim de você sabe... eu tenho procurado chamar a senhora para conversar...pra tentar é sabe...até pra colocar meus problemas...expor meus



problemas pra você...na minha vida pessoal...mas você não dá atenção sabe...eu acho que a senhora tem que abrir mais espaço pra mim.

Interlocutor: entendi...então você quer mais atenção...

Gabriel: sim...sim...eu quero...por favor

Interlocutor: Gabriel você fez muito bem em falar comigo...então a gente vai fazer assim de agora em diante pode ser?

Gabriel: claro eu vou adorar mãe...eu vou adorar obrigado.

## **PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 1**

Interlocutor: Daniela... deixa eu te falar... todo dia você esta acordando muito tarde... para arrumar o seu quarto... eu já te pedir várias vezes para acordar mais cedo... eu já te disse que eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço... o que a gente pode fazer para resolver esse problema?

Daniela: querida:::... eu não posso fazer nada se você tem outros compromissos... eu tenho que acordar na hora que eu devo acordar que eu acho que é o legal... então assim... a minha sugestão é deixa para arrumar a cama depois.

Interlocutor: o quarto é seu quem tem que arrumar é você não sou eu.

Daniela: não:::...mas já que isso/ porque isso não me incomoda... mas já que te incomoda eu sugiro que você espere eu acordar para depois você arrumar a cama.

Interlocutor: não... eu não vou esperar você acordar o quarto é seu... sugiro então que você arrume seu quarto já que está acordando tarde todos os dias.

Daniela: se eu não me incomodo com a cama desarrumada ela vai continuar desarrumada... se isso te incomoda eu/ você vai lá e arruma.

Interlocutor: fazemos assim todos os dias você vai arrumar o seu quarto porque você está acordando tarde ok?

Daniela: como assim eu? Você esta me dando ordens?

Interlocutor: o quarto é seu.

Daniela: *ai ai ai...* essa foi a melhor do dia... querida o quarto é meu... tudo bem... mas eu não me incomodo dele está desarrumado... então você arrume.

Interlocutor: então ele vai ficar desarrumado ok?

Daniela: sim.. desarrumado até você ir lá e arrumar porque eu não vou arrumar.

Interlocutor: não... qual a solução para isso Daniela o quarto é seu você tem que arrumar.

Daniela: sim... eu estou dizendo que eu não me incomodo dele continuar desarrumado... se você se incomoda você vai lá então e arrume.

Interlocutor: não... então faremos assim o quarto é seu e ele continuará desarrumado ok?

Daniela: sim... ok.

Interlocutor: faremos assim daqui para frente.

Daniela: ok

## **PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 2**

Daniela: bom dia só se for para você... Porque/ O QUÊ QUE SIGNIFICA ISSO AQUI

RENATO? PELO AMOR DE DEUS... A minha camisa nova? Você tem inúmeras no seu

armário... você sabe o que você é? VOCÊ É UM FOLGADO... é isso que você é... OLHA QUE ABSURDO... eu esperando para usar a minha camisa... eu gastei um DINHEIRÃO nela e você pega a minha camisa e deixa suja e amarrotada em cima da cadeira? Ah:::... não olha... paciência você já... ultrapassou TODOS os limites você.

Interlocutor: desculpa:::... eu...

Daniela: DESCULPA?

Interlocutor: eu fiz errado em pegar sua camisa...

Daniela: desculpa

Interlocutor: isso não vai acontecer de novo.

Daniela: desculpa... isso daí... não significa nada, desculpa? você acha que isso vai amenizar essa situação? DE FORMA ALGUMA... eu quero uma solução para isso.

Interlocutor: tá bom... desculpa isso não vai se repetir de novo... eu vou comprar uma nova para você pode ser?

Daniela: RAZOÁVEL... acho razoável... quero duas... uma só não... quero duas... uma pelo prejuízo que você me causou e outra pelo ESTRESSE... porque olha não dá para conviver com você desse jeito né... você ultrapassa todos os limites não dá.

Interlocutor: ok... vamos fazer assim então... você fez bem em falar comigo.

Daniela: ok.

### **PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F1**

#### **Situação 3**

Interlocutor: é:::... Daniela... ontem à noite... você acordou de madrugada.... para beber água... e acordou todo mundo da casa... você tem alguma solução para esse problema?

Daniela: eu sinto muito querido... minha boca estava SECA... e eu fui até a cozinha beber água.

Interlocutor: você tem uma solução para esse problema?

Daniela: TENHO... você por exemplo fecha a porta do seu quarto você não vai ouvir... nenhum barulho.

Interlocutor: o fato é que as pessoas da casa precisam dormir... você está acordando todos da casa.

Daniela: sim... mas... se eu estou acordando a sugestão é que todo mundo fechem as portas... porque eu vou continuar indo até a cozinha beber água.

Interlocutor: mas mesmo com a porta fechada que era o caso da minha eu estava ouvindo.

Daniela: eu tenho uma solução muito legal para você... OS INCOMODADOS QUERIDO QUE SE MUDEM... porque eu vou continuar agindo da mesma forma.

Interlocutor: você não está levando isso a sério.

Daniela: CLARO QUE ESTOU.

Interlocutor: isso tem que ser resolvido.

Daniela: sim... para mim a solução é essa... você se muda da casa e assim você não vai ser mais acordado a noite.

Interlocutor: o fato é que você é (dependente) de mim... e você tem que resolver esse problema.

Daniela: sim... eu já dei a solução... se você tiver outra... porque... eu vou continuar... eu não vou continuar com cede a noite... IMPOSSÍVEL NÉ... então eu vou até a cozinha

beber água... até mesmo porque eu gosto da água gelada querido... a não ser que você compre um frigobar e coloca no meu quarto.

Interlocutor: esse problema precisa ser resolvido, se você não o fizer/não tem alguma solução você vai ter que levar um copo de água para o seu quarto... vamos fazer assim daqui para frente?

Daniela: não... CLARO QUE NÃO.

Interlocutor: eu preciso sair agora... depois à gente conversa.

## **PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 4**

Interlocutor: Daniela você quer falar comigo?

Daniela: sim.

Interlocutora: sobre o que?

Daniela: eu tenho percebido que ultimamente você tem deixado... sem atenção assim, eu não sei por que está acontecendo isso?

Interlocutor: entendi o que você acha que a gente pode fazer para resolver esse problema?

Daniela: então... para resolver esse problema... é você me dá mais atenção, como por exemplo, você está na televisão ou você pode me chamar para assistir TV junto ou você pode fazer alguma coisa nesse gênero... mas eu não sei por que eu me sinto desse jeito... você tem me deixado de lado e eu não sei...eu queria uma explicação para isso.

Interlocutor: então você quer que eu participe mais da sua vida... fique mais com você é isso?

Daniela: sim

Interlocutor: você fez bem em falar comigo vamos assim daqui em diante.

Daniela: então *tá* bom.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 1**

Interlocutor: Gabriela bom dia... deixa eu te falar... todo dia você está acordando muito tarde para arrumar o seu quarto né... eu já te pedir várias vezes para você acordar mais cedo... porque... eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço... o quê que a gente pode fazer... para resolver isso?

Gabriela: de repente... eu posso acordar/tentar acordar mais cedo... mas se eu não conseguir acordar mais cedo... eu... eu... arrumo a cama quando eu levantar.

Interlocutor: Você arruma seu quarto então.. é isso?

Gabriela: Arrumo o quarto à cama..

Interlocutor: ok... faremos assim de agora em diante.

Gabriela: tá bom.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 2**

Gabriela: bom dia irmão.

Interlocutor: bom dia quer falar comigo?

Gabriela: quero falar com você... não tem essa camisa nova minha?

Interlocutor: hum

Gabriela: eu gosto tanto dela... eu cheguei hoje e encontrei ela amarrotada... e aí ela está suja também... é/você por gentileza da próxima vez que você for pegar... você pode pegar não tem problema... você pode usar quantas quiser... mas deixa ela no lugar... tá bom?

Interlocutor: desculpa eu errei em ter pego a sua camisa... tá bom? Isso não vai se repetir de novo.

Gabriela: tá bom... mas você pegar quando você precisar... você pode pegar.

Interlocutor: desculpa

Gabriela: tá bom

Interlocutor: você fez bem em falar comigo.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F1**

### **Situação 3**

Gabriela: bom dia irmão.

Interlocutor: bom dia Gabriela... Gabriela... ontem a noite você acordou de madrugada... fazendo barulho e acordando as pessoas da casa... o quê que a gente pode fazer para resolver isso?

Gabriela: olha é me desculpa... na verdade... eu posso tentar... fazer menos barulho da próxima vez... eu posso tentar levar um copo pro meu quarto... o que você acha?

Interlocutor: eu acho muito bem... e:::... vamos fazer assim daqui para frente.

Gabriela: ok eu peço desculpas mais uma vez por incomodar.

**PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F1****Situação 4**

Interlocutor: Gabriela você quer falar comigo?

Gabriela: ei mãe boa noite.

Interlocutor: boa noite, sobre o que?

Gabriela: sabe o quê que é... assim eu nem sei como que eu vou te falar isso... é porque é assim... eu tenho sentido uma...uma dificuldade... parece que você está me dando menos atenção... assim.. será que teria como você... me ajudar nesse sentido... é porque... eu sei que você já faz demais pela gente e tudo... é o que eu tô sentindo... é o que eu consigo te falar agora...

Interlocutor: e o que você acha que a gente pode fazer... para melhorar isso?

Gabriela: *ah* eu acho que a se a gente passasse mais tempo juntas... eu acho que se a gente fizesse mais coisas nesse sentido... se você me incluísse mais nas suas coisas eu acho que seria legal.

Interlocutor: foi bom você ter falado comigo... então a gente vai fazer assim de agora em diante tá bom?

Gabriela: tá bom... brigada.

**PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F2****Situação 1**



Interlocutor: Daniela, bom dia tudo bem?

Daniela: Bom dia Gabi, tudo;

Interlocutor: Então, deixa eu te falar, todo dia você esta acordando muito tarde para arrumar o seu quarto né, e eu já te pedi várias vezes para acordar mais cedo porque eu sou muito ocupada de manhã antes do almoço, o que a gente pode fazer para resolver isso?

Daniela: Só você é ocupada né amor, ninguém mais é ocupado? Eu acordo tarde por razões que eu tenho lógico, e ai eu não sei porque você se acha no direito de pagar geral e achar que só você é ocupada, como se eu fosse uma desocupada, não estou entendendo isso.

Logo no café da manhã para estragar o meu dia, não estou entendendo qual é a sua Gabi, sinceramente eu não estou entendendo, parece que você quer se colocar em uma situação melhor que eu, e sinceramente eu estou me sentindo muito bem, confortável, não vou mudar e quem esta incomodada que tem que se mudar tá, então se você acha ruim, que faça de forma diferente, porque eu não vou fazer, o fato que ocupada aqui não é só você não.

Interlocutor: Daniela, o fato é que o quarto é seu, então faremos o seguinte, de agora em diante você vai arrumar o seu quarto sozinha já que está acordando tarde, ok?

Daniela: Posso arrumar, não vejo problema nenhum nisso não, se você arrumava é porque queria.

Interlocutor: Ok, faremos assim de agora em diante, ok?

Daniela: Sem problemas.

**PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F2****Situação 2**

Interlocutor: Bom dia!

Daniela: Bom, como assim bom?

Interlocutor: O que houve?

Daniela: Você está reconhecendo essa camisa aqui? Deixa eu até sentar pra não me estressar. Eu comprei uma blusa nova e aí eu não sei com que direito você pega a blusa, esculhamba com a blusa né, que eu acho até que se é pra eu usar não tinha nada a ver você pegar, relaxou a blusa toda, esculhambou a blusa toda, sujou, deixou toda suja e aí deixa lá toda amarrotada, toda suja jogada no meu quarto, estou entendendo não, acho que o negócio tá ficando difícil aqui em casa hein.

Interlocutor: Bom, desculpa, fiz errado em pegar sua camisa, isso não vai se repetir de novo.

Daniela: Ah, eu espero!

Interlocutor: e pra compensar eu vou te dar uma camisa nova.

Daniela: Ah, aí melhorou! Se quiser até dar duas né, para compensar a raiva que me fez passar, você pode também, agora a gente começou a conversar de outra forma. Mas também se você quiser pegar outras e me dar depois novas, não tem problema não, tá, está tranquilo.

Interlocutor: Não, isso não vai mais se repetir!

Daniela: então está bom, beijo irmão, tchau!

**PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F2****Situação 3**

Daniela: Bom dia!

Interlocutor: Bom dia, dormiu bem?

Daniela: mais ou menos, razoável.

Interlocutor: deixa eu te falar, você acordou de madrugada, fez barulho e acordou as pessoas da casa, e o que a gente pode fazer para tentar resolver isso?

Daniela: Acordei, logico que eu queria dormir a noite inteira né, mas acordei porque tinha uma necessidade, e aí você vem reclamar isso comigo, porque eu tinha uma necessidade de tomar agua a noite, não estou entendendo, sinceramente, olha, pra mim é um absurdo isso!

Interlocutor: O fato é que as pessoas da casa trabalham e elas precisam dormir.

Daniela: e eu não?

Interlocutor: o que você pode fazer para tentar resolver esse problema?

Daniela: o que eu posso fazer, se eu não estou me sentindo bem e preciso levantar, todo mundo quer dormir a noite toda, eu também quero dormir.

Interlocutor: eu entendo...

Daniela: agora vir aqui e reclamar isso comigo...

Interlocutor: e você tem uma ideia do que você pode fazer, para atender as suas necessidades e não acordar as pessoas da casa?

Daniela: eu não tenho ideia nenhuma não, acho que esta se sentindo incomodado é que tem que ter a ideia, eu fico muito revoltada com isso.

Interlocutor: você não está levando isso a sério...

Daniela: eu estou levando isso a sério sim, eu não estou brincando, sinceramente

Interlocutor: as pessoas da casa precisam dormir

Daniela: sinceramente, de manhã cedo eu não durmir bem, eu tive que levantar da cama a noite, ninguém quer levantar da cama a noite, eu tive que levantar, e aí não pude nem tomar meu café da manhã, você chega e já aborda esse assunto comigo, não gostei da forma que você falou, acho que você não tem direito de fazer isso, as pessoas tem que procurar ajudar ao invés de ficar criticando, você me desculpa...mas olha, pra mim, acabou o meu dia.

Interlocutor: vamos fazer o seguinte então, de agora em diante você leva um copo de água para o quarto, pra evitar de descer, fazer barulho e acordar as pessoas da casa, pode ser?

Daniela: eu vou levar?

Interlocutor: Sim

Daniela: porque eu vou ter que levar?

Interlocutor: as pessoas da casa tem que dormir

Daniela: eu não posso transitar dentro da minha casa?

Interlocutor: Olha, eu estou atrasado preciso sair, daqui pra frente você vai levar um copo de água para o quarto, está bom?

Daniela: ai, ótimo, você acha que você manda dentro dessa casa né? Hurum...

## **PERSONAGEM DANIELA INTERPRETADO POR F2**

### **Situação 4**

Interlocutor: Daniela, você quer falar comigo?

Daniela: quero sim, estou precisando mãe, porque o negocio esta difícil aqui em casa hein

Interlocutor: e sobre o que?

Daniela: estou percebendo que a atenção, os cuidados estão sendo de forma diferente aqui dentro de casa e tem me incomodado;

Interlocutor: como assim?

Daniela: eu tenho percebido que a senhora tem dado mais atenção aos meus irmãos, sabe, eu tenho sido deixada um pouco de lado, eu estou achando isso assim, que não é legal uma mãe tratar os filhos de forma diferente, estou achando isso muito chato, e esta me incomodando, e a senhora sabe que o que esta me incomodando eu falo mesmo, eu não mando recado não;

Interlocutor: e o que você acha que a gente pode fazer minha filha, para resolver essa situação?

Daniela: eu acho que a senhora mais do que ninguém pode me falar né, para estar melhorando, tratar todo mundo igual, né, não sei se é minha forma de ser, mas a senhora me criou assim, mas esse é meu jeito de ser, que eu falo as coisas, que eu sou sincera, que as vezes eu sou um pouco explosiva mesmo, mas acho que não devo ser tratado diferente dos outros, pelo que eu tenho feito, falado de como eu tenho me comportado.

Interlocutor: Mas Daniela, o fato é que você esta se sentindo incomodada, eu queria que você propusesse alguma coisa para que possamos fazer, o que você acha?

Daniela: ah, eu acho que a gente pode tentar sair mais juntas, se tivesse essa possibilidade de fazermos algo diferente, a senhora esta fazendo uns agrados pra mim também, sabe,

umas coisinhas gostosas, faz parte né mãe, se sabe quem não gosta de um agrado, umas coisa diferente, acho que seria uma boa.

Interlocutor: entendi. Daniela você fez muito bem em falar comigo, e a gente vai fazer assim de agora em diante, ok?

Daniela: Ok, to indo tá, beijo.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F2**

### **Situação 1**

Interlocutor: Gabriela, bom dia, deixa eu te falar, todo dia você esta acordando muito tarde né, já te pedi varias vezes para você acordar mais cedo para arrumar o seu quarto, porque de manhã, antes do almoço eu sou muito ocupada, o que a gente pode fazer para resolver essa situação?

Gabriela: posso acordar mais cedo, não tem problema não, é só isso?

Interlocutor: é só isso, então faremos assim de agora em diante, ok?

Gabriela: ok, não tem problemas não.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F2**

### **Situação 2**

Gabriela: Ei, bom dia!

Interlocutor: Bom dia!

Gabriela: tudo bem com você? Como foram os dias ai, como esta sendo a semana?

Interlocutor: bem graças a Deus

Gabriela: saiu esses dias?

Interlocutor: sai

Gabriela: saiu, é que eu achei uma blusa minha que comprei esses dias, e eu acho que você usou ela, não foi?

Interlocutor: usei

Gabriela: e ai, eu estava me organizando para usa-la em uma ocasião especial e ai encontrei ela dessa forma, mas tem problema não...

Interlocutor: dessa forma como?

Gabriela: um pouco amarrotada, suja, você usou e guardou do mesmo jeito

Interlocutor: você quer que eu lave para você? Eu lavo

Gabriela: não precisa não, pode deixar que eu lavo, tudo bem, se você gostou e aproveitou, tem problema não

Interlocutor: esta bom, eu gostei.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F2**

### **Situação 3**

Gabriela: Bom dia!

Interlocutor: bom dia Gabriela, estava querendo falar com você, e essa madrugada você acordou fazendo barulho e acordou as pessoas da casa, o que a gente pode fazer para tentar resolver isso?

Participante: mas é porque estou me sentindo muito mal e não estou conseguindo ficar sem beber água, esta muito difícil para mim, eu não estou querendo atrapalhar ninguém, se eu pudesse eu ficava quieta

Interlocutor: o fato é que as pessoas da casa precisam dormir, qual é solução que você tem para esse problema?

Gabriela: eu vou tentar ficar sem tomar água, se eu acordo menos, acordada eu vou ficar porque eu não consigo ficar sem tomar água, eu não consigo, não sei o que esta acontecendo, não sei se preciso ir ao medico. Mas se é incomodo para a casa toda né, eu tento.

Interlocutor: Então vamos tentar fazer isso, você acorda menos para as pessoas da casa poderem dormir, esta bem?

Gabriela: esta bem.

## **PERSONAGEM GABRIELA INTERPRETADO POR F2**

### **Situação 4**

Interlocutor: Gabriela, você quer falar comigo?

Gabriela: ei mãezinha, quero sim.

Interlocutor: sobre o que?

Gabriela: eu tenho percebido que nos últimos tempos meus irmãos tem tido mais atenção que eu, não sei se eles estão precisando de mais atenção que eu ne, de mais tempo ou se realmente eu tenho feito alguma coisa que tenha incomodado, e a senhora esta mais distante de mim, eu não sei o que esta acontecendo ne, porque eu tenho notado essa



diferença, ne, e se for alguma coisa que eu tenho feito, eu gostaria que a senhora me falasse para eu melhorar ne...

Interlocutor: e o que você acha que a gente pode fazer para resolver esse problema Gabriela?

Gabriela: mãezinha eu não sei, porque, eu não tenho percebido algo que eu tenha feito, mas eu acho que podemos passar mais tempo juntas, pra ficar mais pertinho da senhora, pra gente ficar mais próxima, o que a senhora precisar de mim, se eu tiver um compromisso marcado eu deixo de ir, porque pra mim é muito importante ficar com a senhora, com meus irmãos e eu tenho percebido que a gente tem ficado pouco tempo juntas né, e aí eu quero fazer o possível...

Interlocutor: Você fez muito bem em falar comigo, vamos fazer assim de agora em diante, esta bem,?

Gabriela: esta bom, obrigada.

## 7. Anexo

### Anexo 1: Normas para a Transcrição com exemplos

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos.	( )	do nível de renda ( )
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou)meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (Havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre).	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática.	Maiúscula	Porque as pessoas re TÊM moedas
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r).	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestareos...éh:::...dinheiro
Silabação.	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação.	?	E o Banco...Central...certo?
Qualquer pausa.	...	São três motivos...ou três razões...que fazem com que se retenha moeda...existe uma...retenção
Comentário descritivo transcritor.	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático.	--	...a demanda de moeda –vamos dar essa notação—demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes.	Ligando as linhas	Na casa da sua irmã Sexta-feira? A. fizem LÁ... B. Cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...)nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima... Ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...

Observações:

Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc)

Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, ehn, tá* (não por *está: tá? Você está brava?*)

Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.

Números: por extenso

Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)

Não se anota o *cadenciamento* da frase.

Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (*alongamento e pausa*)

Não se utiliza sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido na *Introdução*.

## 8. Referências

- Abreu, P. R. & Hübner, M. M. C. (2011). Efeitos de instruções sobre respostas de checagem. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), p. 301-307.
- Association for Behavior Analysis. (2007). *ABA Glossary*. Recuperado em 13 jan. 2016: <http://www.scienceofbehavior.com>.
- Aulete, C. (2011). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Balbi Neto, R. R. Q. (2013) Programa de habilidades sociais com evidências de efetividade: menos regra e mais contingência. In: Agnaldo Garcia, Juan E. Wilson e Fábio N. Pereira. (Org.). *Relacionamento Interpessoal*. Vitória: Centro Internacional de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal - CIPRI, p. 133-147.
- Balbi Neto, R. R. Q. (2016). *Comunicação e Linguagem nas relações interpessoais: conceitos e métodos comportamentais no estudo do autoclítico lexical*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Bandeira, M. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Papéis: EACS. *Avaliação psicológica*, 1 (2), p. 159-171.
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. (M. T. A. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. (trabalho original publicado em 1994).
- Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa: Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Bechara, E. (2011). Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Borloti, E., & Hübner, M. (2010). O Autoclítico e a construção verbal. *Sobre Comportamento e Cognição: análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (pp. 279-287). Santo André, SP: ESETec.
- Birdwhistell, R.L. (1990). *Kinesics and context: essays on body motion communication*. 5.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. (trabalho original publicado em 1970).
- Borloti, E. (2004). As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 6(2), p. 221-236.
- Borloti, E., Calixto, F. C., & Haydu, V. B. (2013). Análise comportamental de um discurso de autoajuda. *Perspectivas em análise do comportamento*, 4(2), 92-105.
- Borloti, E., Fonseca, K. D. A., Charpinel, C. P., & Lira, K. M. (2009). Uma análise etimológico-funcional de nomes de sentimentos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 77-95.
- Borloti, E., & Hübner, M. (2010). O Autoclítico e a construção verbal. *Sobre Comportamento e Cognição: análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (p. 279-87). Santo André, SP: ESETec.
- Borloti, E., Iglesias, A., Dalvi, C. M., & Silva, R. D. M. (2008). Análise Comportamental do Discurso: Fundamentos e Método. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 101-110.
- Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammond, S., & Smith, J. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

- Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais*. São Paulo: Santos.
- Catania, A. C. (1998). The taxonomy of verbal behavior. In K. A. Lattal & M. Perone (Eds.) *Handbook of research methods in human operant behavior* (pp. 405-433). New York: Plenum.
- Corraze, J. (1982). *As comunicações não verbais*. (R. C. de Lacerda, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006) *Estatística sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. (3. ed) Porto Alegre: Artmed.
- Davis, F. A. (1979). *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Componentes não verbais e paralinguísticos das habilidades sociais. In Z. A. P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (147-186). São Paulo, SP: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A (2006). Avaliação multimodal de habilidades sociais em crianças: procedimentos, instrumentos e indicadores. In M. Bandeira, Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 47-68). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Componentes não verbais e paralinguísticos das habilidades sociais. In Z.A.P. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (147-186). São Paulo, SP: Vozes.
- Dias, M. D. R. D. F., Sebastião, F. J. D. C., & Silva, M. M. R. T. P. (2014). Comunicação pedagógica e relacional em uma consulta periodontológica. *Periodontia*, 24(4), 50-56.
- Ekman, P., Friesen, W.V., & Tomkins, S.S. (1971). Facial Affect Scoring Technique: A first validity study. *Semiotica*, 3, 37-58.
- Emurian, H. H. (2007). Programmed instruction for teaching Java: Consideration of learn unit frequency and rule-test performance. *The Behavior Analyst Today*, 8(1), 70.
- Fujita, M. S. L. (2004). A representação documentária de artigos científicos em educação especial: orientação aos autores para determinação de palavras chave. *Revista brasileira de educação especial* 10 (3), 257-272.
- Fux, R. (1957). *Dicionário enciclopédico da música e músicos*. São Paulo: Gráfica São José.
- Garry, M., & Pear, J. (2009). *Modificação do Comportamento: o que é e como fazer*. São Paulo: Roca.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11(2), 161.
- Hall, E. T. (1977). *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (trabalho originalmente publicado em 1966)

- Harper, D. (2001). *Topography*. In Online Etymology Dictionary. Recuperado em 13 jan. 2016: <http://www.etymonline.com/index.php>.
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D. & Roche, B. (Orgs.) (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. New York: Plenum Press.
- Hübner, M. M. C., Austin, J., & Miguel, C. F. (2008). The effects of praising qualifying autoclitics on the frequency of reading. *The Analysis of verbal behavior*, 24(1), 55.
- Knapp, M. L. (1980). *La Comunicación no verbal: el cuerpo y el entorno*. Barcelona: Paidós.
- Lent, R. (2010). *Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência* - 2ª edição. Brasil: Editora Atheneu.
- Lowenkron, B. (2006). An introduction to joint control. *The Analysis of verbal behavior*, 22(1), 123.
- Luke, N., Greer, R. D., Singer-Dudek, J., & Keohane, D. D. (2011). The Emergence of Autoclitic Frames in Atypically and Typically Developing Children as a Function of Multiple Exemplar Instruction. *The Analysis of verbal behavior*, 27(1), 141.
- Machado, A. B. (1993). *Neuroanatomia funcional*. Rio de Janeiro: Atheneu.
- Machado, A. R. (2014). *O Comportamento Verbal Musical: Conceitos e Dados Experimentais*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Mackay, H. A. (2016). From semantic to syntactic repertoires: the significance of three-term contingencies. *European Journal of Behavior Analysis*, 17(1), 87-104.



- Marchezini-Cunha, V., & Tourinho, E. Z. (2010). Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 295-304.
- Martins, L. A. L., Hübner, M. M. C., Gomes, F. P., Portugal, M. P., & Treu, K. E. (2015). Effect of the qualifying autoclitic "is" in conditional discrimination training and equivalence tests. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(1), 37-46.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia*, 16(3): 8-18.
- Matos, M. A., & Passos, M. L. (2010). Emergent verbal behavior and analogy: Skinnerian and linguistic approaches. *The Behavior Analyst*, 33(1), 65.
- Messa, L. C. S. (2011). *Ironia Verbal: do conceito skinneriano à análise do discurso jurídico irônico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Messa, L., Borloti, E., & Carmelino, A. C. (2015). Linguistics and Behaviour Analysis in the Functional Conceptualization of Verbal Irony. *European Journal of Child development, Education and Psychopathology*, 2(3).
- Michael, J. (1993). Establishing operations. *The Behavior Analyst*, 16(2), 191.
- Michael, J. (2000). Implications and refinements of the establishing operation concept. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 33(4), 401-410.
- Montagu, A. (1971). *Touching: The human significance of the skin*. Oxford, England: Columbia U. Press.
- Mori, L.T. & Armendariz, G.M. (2001). Analogue Assessment of Child Behavior Problems. *Psychological Assessment*, 13 (1), 36-45

- Oliveira, Martha Hübner (1984). *Ciência e pesquisa em psicologia: uma introdução*. São Paulo, E.P.U.
- Passos, M. L. R. F. (2012). BF Skinner: the writer and his definition of verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 35(1), 115.
- Preti, D. (1997). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Prochet, T. C., & Silva, M. J. P. D. (2012). Estratégias que colaboram na independência física e autonomia do idoso hospitalizado. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene*, 12(4), 678-83.
- Pestana, M.; Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Preti, D. (1997). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações.
- Ramos, A. P., & Bortagarai, F. M. (2012). A comunicação não-verbal na área da saúde. *Revista CEFAC*, 14(1), 164-170. Epub July 08, 2011. Retrieved March 08, 2016, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-18462012000100019&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462012000100019&lng=en&tlng=pt).
- Ramírez, P., & Müggenburg, C. (2015). Relaciones personales entre la enfermera y el paciente. *Enfermería universitaria*, 12(3), 134-143. <https://dx.doi.org/10.1016/j.reu.2015.07.004>
- Rector, M., & Trinta, A. R. (1986). *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis: Vozes.

- Rebouças, C. B. D. A., Pagliuca, L. M. F., Sawada, N. O., & Almeida, P. C. D. (2012). Validation of a non-verbal communication protocol for nursing consultations with blind people. *Rev. Rene*, 13(1), 125-139.
- Rich, A. R., & Schroeder, H. E. (1976). Research issues in assertiveness training. *Psychological Bulletin*, 83(6), 1081-1096.
- Santaella, L., & Nöth, W. (2004). *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker.
- Sgariboldi, A. R., Puggina, A. C. G., & Silva, M. J. P. (2011). Análise da percepção dos professores em relação aos sentimentos dos alunos em sala de aula. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(5), 1206-1212. Retrieved March 08, 2016, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000500025&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500025&lng=en&tlng=pt).
- Silva, M. J. P. D. (2006). *Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo: Loyola.
- Silva, V. V. P. D., Caramaschi, S., & Sartori, M. M. P. (2011). Relações entre proeminência facial nas fotos do Orkut e o perfil dos usuários. *Interação psicol*, 15(2), 183-192.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: MacMillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974) *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1978). *Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Cultrix.  
(trabalho original publicado em 1957)
- Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.

- Skinner, B. F. (1986). The evolution of verbal behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 45, 115-22.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus: Merrill
- Sautter, R. A., & LeBlanc, L. A. (2006). Empirical applications of Skinner's analysis of verbal behavior with humans. *The Analysis of Verbal Behavior*, 22(1), 35.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. Nova York: Appleton-Century-Crofts.
- Speckman, J., Greer, R. D., & Rivera-Valdes, C. (2012). Multiple exemplar instruction and the emergence of generative production of suffixes as autoclitic frames. *The Analysis of Verbal Behavior*, 28(1), 83.
- Souza, C. B. A., Miccione, M. M., & Assis, G. J. A. (2009). Relações autoclípticas, gramática e sintaxe: o tratamento skinneriano e as propostas de Place e Stemmer. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1).
- Steinberg, G. M. (1988). *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual.
- Teixeira Junior, R. R., & Oliveira, M. A. S (2006). *Vocabulário de Análise do Comportamento*. São Paulo: ESETec.
- Thompson, T. (2008). Self-Awareness: Behavior Analysis and Neuroscience. *The behavior Analyst*, 31. Acesso em 20 de dezembro de 2012, de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2591754/>.
- Tourinho, E. Z. (2006). Private stimuli, covert responses and private events: Conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29, 13-31.
- Turini Bolsoni-Silva, A. (2002). Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(2), 233-242.

- Turini Bolsoni-Silva, A. & Carrara, K. (2010) Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em Revista*, 16(2), 330-350.
- Vargas, E. A. (2013). The Importance of Form in Skinner's Analysis of Verbal Behavior and a Further Step. *The Analysis of Verbal Behavior*, 29, 167–183.
- Watzlawick, P., Beavin, J., & Jackson, D. (1967). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix.